

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO - PPGCOM

KETLEN STUEBER

PORTO ALEGRE LITERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI:
REPRESENTAÇÕES SOBRE A CIDADE

PORTO ALEGRE

2017

KETLEN STUEBER

**PORTO ALEGRE LITERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI:
REPRESENTAÇÕES SOBRE A CIDADE**

Dissertação para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi.

PORTO ALEGRE

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Stueber, Ketlen

Porto Alegre literária no início do século XXI:
representações sobre a cidade / Ketlen Stueber. --
2017.

111 f.

Orientador: Valdir José Morigi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Representações. 2. Narrativas literárias. 3.
Imaginários urbanos. 4. Porto Alegre. I. Morigi,
Valdir José, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KETLEN STUEBER

PORTO ALEGRE LITERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI:
REPRESENTAÇÕES SOBRE A CIDADE

Dissertação para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdir José Morigi – UFRGS (Orientador)

Prof. Dra. Ângela Flach – IFRS (Avaliadora)

Prof. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro – UFRGS (Avaliadora)

Prof. Dra. Nilda Aparecida Jacks – UFRGS (Avaliadora)

Prof. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi – UFRGS (Suplente)

Aos que dedicam horas ou minutos diante destas páginas

AGRADECIMENTOS

Todo amor para minha família, especialmente para minha mãe Graziela F. M. Stueber, minha tia, grande incentivadora, Isabel Cristina Stueber e meus irmãos Alex e Marcos. Ao meu companheiro e grande amigo Luciano de Azevedo Moura pelo incentivo e disposição em me ouvir e confortar todos os momentos.

Aos amigos, pelas horas de conversas, risadas e partilhas de afeto, especialmente para Solange Engelmann, Luis Fernando H. Massoni, Anelise S. Dias, Marcelo Parker, Madalena Zambi e Nathália dos Santos. Agradeço a tod@s @s colegas da pós pela companhia e pelos cafés na Fabico.

Ao meu orientador e amigo, Valdir José Morigi, pelas trocas de ideias nos bares da Cidade Baixa e Centro Histórico, pelas taças de vinho e pela liberdade e autonomia a mim confiadas. Pelo apoio e incentivo dentro e fora da universidade. Agradeço à banca pela atenção e tempo dispensado ao avaliar este trabalho. Toda minha admiração às professoras Nilda Jacks, Eliane Moro, Ângela Flach e Ilza Girardi.

Obrigada PPGCOM e toda equipe, sempre atenciosa. Gratidão aos professores por todo conhecimento compartilhado nas disciplinas, seminários e mesas de debate. Obrigada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino de alto nível oferecido a mim e a toda comunidade acadêmica. Principalmente por aqueles que não teriam oportunidade de estudar se não fosse por meio da política de cotas. Agradeço, aos governos e governantes democraticamente eleitos entre 2003 e início de 2015, pelo investimento em cultura, educação e apoio à produção científica em todas as esferas do saber.

*Nesse sentido é que toda revolução, se autêntica,
tem de ser também revolução cultural.*

Paulo Freire

Amar, ler, pesquisar...

Temer, jamais!

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender como as narrativas sobre Porto Alegre são construídas na literatura contemporânea do século XXI. A arte e a literatura participam da construção simbólica por meio de processos dinâmicos, despertam os sentidos, qualificam os imaginários e produzem representações sobre a cidade. As representações sociais, a memória e a cultura, o senso comum, o imaginário social e os imaginários urbanos, são elementos fundamentais para compreender as narrativas produzidas e identificar as representações que formam o imaginário da cidade. Este estudo analisa três obras da literatura brasileira contemporânea sobre Porto Alegre: *Quarenta Dias*, *Imóveis Paredes e Meia Noite e Vinte*. A partir daí foram construídos “croquis” simbólicos e mapas representacionais sobre a cidade. Os procedimentos metodológicos aplicados são: levantamento e análise de elementos simbólicos que formam os imaginários da cidade por meio de análise temática e de conteúdo; enquadramento histórico-literário; análise e coleta de citações para formulação de mapas representacionais e “croqui” das obras analisadas. Conclui-se que as narrativas literárias sobre Porto Alegre descrevem uma cidade caótica, de temperaturas extremas, insegura, dominada por desigualdades sociais e pela especulação imobiliária; despreza o patrimônio histórico e arquitetônico. Em contraponto, discursos nostálgicos de um tempo recente, descrevem uma cidade segura, pacífica e rica em ofertas culturais quando regida por gestões populares. Ideais de bem viver são também evocados por ações simples e significativas como caminhar pelas ruas para ressignificar a cidade. As representações sobre Porto Alegre nas narrativas literárias contemporâneas se aproximam das narrativas sobre a cidade, veiculadas por diferentes meios (rádio, TV, jornal impresso, entre outros).

PALAVRAS-CHAVE: Representações e Narrativas literárias. Imaginários urbanos. Porto Alegre.

ABSTRACT

This research aims to comprehend how stories about *Porto Alegre* are elaborated in contemporary literature of the 21st century. Art and literature take part in the symbolic construction via dynamic processes, awaken the senses, qualify the imaginaires and produce representations about the city. Social representations, memory and culture, common sense, the social imaginary and urban imaginaries are elements of utmost importance in comprehending the produced stories and identifying the representations which form the city's imaginaire. This study analyzes works of contemporary Brazilian literature about *Porto Alegre*. From there, symbolic "sketches" and representational maps about the city were constructed. The methodological procedures applied are as follows: surveillance and analysis of symbolic elements which form the city's urban imaginaries via analysis of theme and content; creation of a historic-literary framework; analysis and gathering of quotations for the elaboration of representational maps and a "sketch" of analyzed works. It is therefore concluded that literary stories about *Porto Alegre* depict a chaotic city, of temperatures in the extremes, unsafe, dominated by social inequality and real estate speculation; historic and architectural heritage are despised. On the other hand, a nostalgic speech from recent times depicts a city which is safe, pacific and with plenty of cultural offerings while governed by popular administrations. Ideas of well-living are also evoked by simple and significant actions such as walking by the streets to give, once again, a meaning to the city. Representations of *Porto Alegre* in contemporary literature are similar to those conveyed via different means of communication (radio, TV, newspapers, along with others).

KEYWORDS: Representations and literary stories. Urban imaginaries. Porto Alegre.

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IPA	Instituto Porto Alegre
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
POA	Porto Alegre
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
TRS	Teoria das Representações Sociais
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UnB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 JUSTIFICATIVA.....	12
1.2 QUESTÃO DA PESQUISA.....	14
1.3 OBJETIVOS.....	14
1.4 ESTADO DA ARTE: A PESQUISA BRASILEIRA SOBRE NARRATIVAS URBANAS NA LITERATURA (2005-2015)	14
2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, INFORMAÇÃO E NARRATIVA	22
2.1 IMAGINÁRIO SOCIAL, CIDADE E LITERATURA	33
2.2 PORTO ALEGRE: HISTÓRIA E NARRATIVAS LITERÁRIAS	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
3.1 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS OBRAS	46
3.2 ANÁLISE DA NARRATIVA	47
3.3 TÉCNICAS PARA A ELABORAÇÃO DE CROQUIS E MAPAS REPRESENTACIONAIS	51
3.4 A <i>PORTO ALEGRE LITERÁRIA</i> : DIÁLOGOS COM O PROJETO <i>PORTO ALEGRE IMAGINADA</i>	52
3.5 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA	53
4 A PORTO ALEGRE IMAGINADA POR MARIA VALÉRIA REZENDE.....	54
4.1 A PORTO ALEGRE DOS “OUTROS” EM <i>QUARENTA DIAS</i> : ENREDO E PERSONAGENS.....	57
4.2 A PORTO ALEGRE EM <i>QUARENTA DIAS</i> : ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES	58
4.3 ASPECTOS HISTÓRICO-LITERÁRIOS DA NARRATIVA	63
5 A PORTO ALEGRE IMAGINADA POR MIGUEL DA COSTA FRANCO	64
5.1 A CIDADE DO AÇO, TIJOLO E CONCRETO EM <i>IMÓVEIS PAREDES</i> : ENREDO E PERSONAGENS.....	66
5.2 A PORTO ALEGRE EM <i>IMÓVEIS PAREDES</i> : ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES	68
5.3 ASPECTOS HISTÓRICO-LITERÁRIOS DA NARRATIVA	72
6 A PORTO ALEGRE IMAGINADA POR DANIEL GALERA.....	74

6.1 A PORTO ALEGRE NUA E CRUA EM <i>MEIA NOITE E VINTE</i> : ENREDO E PERSONAGENS.....	77
6.2 A PORTO ALEGRE EM <i>MEIA NOITE E VINTE</i> : ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES .	79
6.3 ASPECTOS HISTÓRICO-LITERÁRIOS DA NARRATIVA	85
7 A <i>PORTO ALEGRE LITERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI</i>: CROQUI, CONTEXTOS E REPRESENTAÇÕES	88
7.1 CROQUI SOBRE OS IMAGINÁRIOS URBANOS DA CIDADE	89
7.2 A PORTO ALEGRE LITERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI	92
7.3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA <i>PORTO ALEGRE LITERÁRIA</i>	94
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: LIGANDO PONTOS, CONSTRUINDO PONTES	97
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE A- QUADROS SOBRE OS ASPECTOS SIMBÓLICOS E IMAGINÁRIOS A PARTIR DA PESQUISA PORTO ALEGRE IMAGINADA APLICADOS NAS OBRAS ESTUDADAS	106

1 INTRODUÇÃO

Habitar um espaço é, antes de tudo, preenchê-lo de sentidos. Quando se trata de territórios socialmente partilhados, como ruas, bairros e cidades, a construção de significações adquire nuances complexas originadas tanto por experiências subjetivas quanto por mediações circundantes destes lugares. Através de discursos e narrativas, os meios de comunicação atuam sobre os objetos e espaços, afirmando, contradizendo, construindo e ressignificando o tempo todo as percepções dos atores sociais. A arte e a literatura também participam deste processo dinâmico, despertam os sentidos, qualificam os imaginários e produzem representações.

Porto Alegre literária no início do século XXI: representações sobre a cidade é um estudo ciente de sua singeleza e limitações que pretende compreender e contribuir de algum modo com as pesquisas sobre imaginários urbanos a partir das narrativas literárias sobre a capital gaúcha. Busca-se aqui demarcar o início do século XXI por meio das narrativas urbano-literárias publicadas recentemente (de 1999/2000 até 2016). É inspirado no projeto *Porto Alegre Imaginada*¹ (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012), que busca entender como os meios de comunicação constroem representações acerca da cidade através de suas narrativas na televisão, rádio, jornais impressos, revistas, anúncios, cartões postais e também por meio de entrevistas realizadas com seus habitantes.

Muitos conceitos se mesclam para formar este estudo com base em uma perspectiva interdisciplinar, principalmente, porque assim é o campo da Informação e da Comunicação. Deste modo, as representações sociais entrelaçam-se com algumas das muitas formas de apropriar-se dos conceitos de informação e imaginário. Somados a estes temas, é preciso também pensar a cidade, suas significações e narrativas literárias. Porto Alegre é o objeto central e seu *corpus* empírico parte de três obras da literatura brasileira a fim de desenvolver um croqui e mapas representativos sobre a cidade:

- a) *Quarenta Dias* de Maria Valéria Rezende;
- b) *Imóveis Paredes* de Miguel da Costa Franco e;
- c) *Meia noite e vinte* de Daniel Galera.

¹ A obra *Porto Alegre Imaginada* (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012) originou-se no *Projeto Imaginários Urbanos* dirigido por Armando Silva, pesquisador colombiano, por meio do convênio Andrés Bello. *Porto Alegre Imaginada* pertence à coleção “*Cidades Imaginadas*” que inclui também outras cidades participantes: Barcelona, Bogotá, Buenos Aires, La Paz, Lima, Montevideo, Quito, Santiago do Chile, São Paulo, Sevilha.

Estas três obras trazem perspectivas diferenciadas sobre a cidade. Seus pontos comuns são a temporalidade e a atualidade, é a Porto Alegre contemporânea em publicações recentes.

1.1 JUSTIFICATIVA

No final de 1960, o filósofo alemão Herbert Marcuse (2011), questiona o sentido da arte, critica o totalitarismo e o consumismo. Considera o conceito sobre *Arte* de modo amplo, pois, engloba suas diferentes manifestações. Reflete sobre uma possível morte da linguagem tradicional e em meio ao caos e ao desalento devido à Guerra do Vietnã, cultiva também a esperança ao afirmar que a linguagem artística de oposição é revolucionária: “A linguagem da imaginação permanece linguagem de desafio, de acusação e protesto” (MARCUSE, 2011, p. 290). Considerar a arte e suas manifestações a partir dessa perspectiva é essencial, mesmo reconhecendo a complexidade estética e ética que há sobre o assunto.

O pensador Nuccio Ordine (2016) defende que a arte deve estar associada à produção do saber dentro das academias. O autor critica a excessiva mercantilização da produção científica e enfatiza a importância de pesquisas e saberes que aparentemente são considerados “inúteis”, pois, não geram produtos destinados ao mercado e tampouco, lucro imediato. De acordo com Ordine (2016, p. 12) “[...] é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é sempre mais difícil compreender para que podem servir a música, a literatura ou a arte”. Seguramente esta pesquisa enquadra-se nesta perspectiva. Para Ordine (2016, p. 15): “[...] as pesquisas científicas teóricas consideradas mais inúteis, porque privadas de qualquer objetivo prático, têm inesperadamente favorecido aplicações práticas, das telecomunicações à eletricidade, que depois se revelam fundamentais para a humanidade”. Certamente, estudar as representações sobre Porto Alegre a partir das narrativas literárias pode contribuir para a obtenção direta de lucro financeiro de instituições e empresas (mesmo que isto não seja o objetivo desta pesquisa). Estudos desta natureza são fontes ricas de informações que possibilitam compreender as representações e os imaginários urbanos atuais na esfera social.

Dentre as razões para estudar as narrativas, Motta (2013) aponta seis. A primeira é compreender quem somos e a segunda é como compreendemos o mundo: “[...] narrar é uma experiência enraizada na existência humana. É uma prática humana universal, trans-histórica, pancultural. Narrar é um metacódigo universal. Vivemos mediante narrações” (p. 17). Outra

razão está em esclarecer por que às vezes busca-se representar o mundo fielmente ou por meio da imaginação. A quarta razão está em perceber como o tempo é representado e a quinta é verificar como os consensos se estabelecem nas narrativas. A razão de número seis afirma que é preciso estudar as narrativas para compreendê-las melhor.

Para Motta (2013, p. 61), tudo e todos são permeados por simbolismos, “[...] as narrativas são práticas humanas constituidoras de nossas experiências mais profundas e transcendentais [...]”. Deste modo, pensar as representações sobre a cidade nas narrativas literárias é de extrema relevância e originalidade. Segundo Maronna e Vilela (2007, p. 30) a ficção é “[...] território de múltiplas histórias, coloca em circulação diversas representações sociais, mais ou menos estereotipadas, que nutrem o imaginário coletivo”. O livro e suas narrativas tornam-se os mediadores dos discursos sobre a cidade e seus imaginários urbanos. São reconhecidamente meios importantes de transmissão simbólica. Ao refletirem sobre o assunto, Bourdieu e Chartier (2010, p. 264) afirmam que:

[...] la lucha por los libros, puede ser una apuesta extraordinaria, una apuesta que los intelectuales mismos subestiman. Están de tal modo impregnados por una crítica materialista de su actividad que terminan por subestimar el poder específico del intelectual que es el poder simbólico, ese poder de actuar sobre las estructuras mentales y, a través de ellas, sobre las estructuras sociales. Los intelectuales olvidan que un libro puede transformar la visión del mundo social, y, a través de la visión del mundo, transformar también el mundo social. Los libros que cambian el mundo social no son solo los grandes libros proféticos como la Biblia o *El Capital*: también está el doctor Spock que, desde el punto de vista de la eficacia simbólica, es sin duda, en un ámbito, tan importante como en otro orden lo ha sido *El Capital*.

O livro enquanto meio de comunicação e informação, assume diante do trecho acima um aspecto protagonista incontestável. Pois, além de espaço para a criação simbólica, mantém-se primordial, inclusive, superando os discursos “apocalípticos” que declaram o fim dos suportes impressos. O estado da arte desenvolvido neste trabalho permite afirmar que não houve estudos relacionados a representações sociais e narrativas literárias no Programa de Comunicação e Informação (PPGCOM) da UFRGS dentro do período referente a 2005 até 2015. Este fato gera inquietações, mas também, confirma a relevância e originalidade deste trabalho.

O estudo *Porto Alegre Imaginada*, apresenta resultados de investigação sobre como a capital gaúcha é narrada e representada a partir dos meios de comunicação. Deste modo, é interessante entender também como as narrativas sobre a cidade são constituídas nas obras de literatura contemporânea. É possível encontrar elementos em comum entre as narrativas literárias

e os pressupostos levantados na pesquisa do projeto *Porto Alegre Imaginada*, expostos no capítulo metodológico.

Por fim, as motivações subjetivas para desenvolver esta pesquisa amparam-se num misto de afetos. O encanto pela cidade, as belezas naturais e seus espaços públicos de intensa ocupação coletiva, bem como o espanto diante de sua dinâmica caótica e dos movimentos de suas massas. O amor pela leitura e pelos livros desde a infância, fortalecidos pela formação em Biblioteconomia. E o afeto fortalecido na forma de integrar as perspectivas entre Comunicação e Informação pela possibilidade de conhecer diversas teorias e saberes através das disciplinas ministradas no PPGCOM da UFRGS.

1.2 QUESTÃO DA PESQUISA

Este estudo busca compreender: Como são constituídas as representações sociais sobre Porto Alegre no aspecto do imaginário urbano presentes nas narrativas literárias contemporâneas?

1.3 OBJETIVOS

O *objetivo geral* deste estudo visa compreender como é construído o imaginário sobre Porto Alegre a partir das representações sociais presentes nas narrativas literárias sobre a cidade. Para isso, foram definidos os seguintes *objetivos específicos*:

- a) Constituir a *Porto Alegre Literária* no início do século XXI a partir dos principais elementos de pesquisa estabelecidos na obra *Porto Alegre Imaginada*;
- b) identificar as representações que formam o imaginário da cidade;
- c) analisar os elementos simbólicos apresentados na temática e no conteúdo das obras estudadas.

1.4 ESTADO DA ARTE: A PESQUISA BRASILEIRA SOBRE NARRATIVAS URBANAS NA LITERATURA (2005-2015)

Para o desenvolvimento do estado da arte diferentes bases de dados foram consultadas. Com o intuito de identificar a produção acadêmica de teses e dissertações referentes aos temas

principais que fundamentam a presente pesquisa, aplicou-se um recorte temporal de dez anos: de 2005 a 2015. A busca iniciou-se pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Foram empregados os seguintes termos, combinados entre si: a) Cidade, literatura, representação; b) representação, cidade, Porto Alegre; c) literatura, cidade, Porto Alegre; d) ficção, representação, Porto Alegre e; e) narrativa, representação, Porto Alegre.

Foram indicados nesta etapa 344 resultados. Alguns trabalhos apareceram mais de uma vez a partir das diferentes combinações citadas acima. Os termos geraram resultados tanto combinados entre si quanto isolados. Após filtragem para exclusão de repetições e trabalhos que não colaboravam para construção deste projeto, apenas 20 pesquisas se aproximaram de alguma forma deste estudo.

Já no Portal de Teses e Dissertações da CAPES a interface e a dinâmica de buscas remeteu para a Plataforma Sucupira, na qual estão disponibilizados estudos a partir de 2013. A Plataforma Sucupira não apresenta muitas possibilidades de inserção de filtros de busca. Assim, ao repetir a combinação de termos “Representação, Cidade, Porto Alegre”, por exemplo, o resultado foi exorbitante. Não houve nenhum tipo de filtragem dos termos que foram apresentados individual e indiscriminadamente a partir de diferentes campos do saber. Foi necessário refinar os resultados a partir da seleção dos Programas de Pós-Graduação com o escopo para as áreas de Biblioteconomia, Comunicação, Ciência da Informação, Comunicação Social e Cultura. Assim, foram encontrados 366 trabalhos. Após a filtragem dos resultados repetidos, apenas um mostrou-se relevante para compor este estudo, mas não está dentro do período analisado, pois é de 2016.

A discussão acerca da literatura no campo da comunicação e informação, proposta por Araújo, A. (2016) é de extrema relevância, por isso é necessário citá-la mesmo não estando dentro do escopo temporal delimitado. Em *A escrita do (in)visível: ambientes midiáticos na literatura contemporânea*, o autor elenca a importância da literatura e da escrita enquanto práticas discursivas de contraposição à linguagem das mídias tradicionais. Foi a única pesquisa encontrada na Plataforma Sucupira relacionada com os termos de busca, para além dos resultados já existentes nas outras bases. Ressalta-se também que a discussão de Araújo, A. (2016) está entre as poucas pesquisas atuais sobre o tema produzidas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da UFRGS.

A terceira base de dados consultada foi o Portal Lume da UFRGS, especificamente na produção de teses e dissertações. A busca não permitiu efetivar um recorte temporal e de área do conhecimento, tampouco combinar termos entre si. Assim, optou-se por inserir descritores individuais e filtrar o resultado a partir da análise de títulos e assuntos. “Representação” e “Porto Alegre” foram os termos escolhidos. Do universo de 153 pesquisas, os poucos documentos relevantes também já haviam sido selecionados em outras etapas do levantamento.

Portanto, em todas as etapas, encontrou-se 21 trabalhos que dialogam de alguma forma com este estudo. Dentro do universo de produção científica atual, este número é pequeno, o que evidencia a relevância desta pesquisa principalmente no que tange à contribuição para o estudo das representações sobre Porto Alegre nas narrativas literárias sob o escopo da Comunicação e da Informação.

A análise do material revelou duas categorias temáticas principais. Uma categoria geral que aborda a questão das cidades representadas na literatura e outra específica sobre Porto Alegre fundamentada em seu eixo sócio-histórico. Além de organizar os eixos temáticos, buscou-se indicar as pesquisas em uma sequência temporal, indicar o título, autor, o nível da pesquisa, o campo do conhecimento e a instituição provedora. As representações sobre as cidades por meio das narrativas literárias podem ser verificadas no quadro 1.

Quadro 1- As representações sobre as cidades na literatura: estado da arte (2005-2015)

Abordagem literatura e cidades			
<i>Título</i>	<i>Autoria</i>	<i>Pesquisa</i>	<i>Campo/Instituição</i>
Imagens Literárias urbanas: Machado de Assis e Lima Barreto, o Rio de Janeiro escrito a quatro mãos	Teixeira (2005)	Tese	Letras/UNESP
Nas entranhas da cidade (estudo da lírica urbana de Reynaldo Valinho Alvarez)	Santos (2006)	Dissertação	Letras/UEFS
O espaço urbano em alguns contos de Adelino Magalhães (1887- 1969)	Putton (2006)	Dissertação	UEL/Letras
A representação do espaço no romance urbano de Érico Veríssimo: <i>Caminhos cruzados, Noite, O prisioneiro</i> e <i>Incidente em Antares</i>	Prompt (2007)	Tese	Letras/PUCRS
A geografia literária de Ledo Ivo: a cidade nos romances <i>As alianças</i> e <i>Ninho de cobras</i>	Silva, M. (2007)	Tese	Letras/UFAL
Geografia e literatura: a representação de Goiânia em fragmentos de <i>Viver é devagar</i> de Brasigóis Felício	Souza (2008)	Dissertação	Geografia/UFG
A cidade (pós) moderna e suas tramas espaciais, temporais e afetivas nas narrativas literárias de Daniel Galera e Daniel Pellizzari.	Linhares Neto (2009)	Dissertação	Sociologia/UFC

Conexões literárias da vida urbana: cidade e sujeito em Cecília Gianetti e Paloma Vidal	Oliveira (2010)	Dissertação	Letras/PUCRS
Desencontro e experiência urbana em contos de Caio Fernando Abreu	Magri (2010)	Dissertação	Letras/UNESP
Una cartografía poética de la ciudad en <i>Las noches de flores</i> , de César Aira	Aguilar Filho (2011)	Dissertação	Letras/PUCRS
Cidade, Memória e subjetividade na ficção de Chico Buarque	Araújo, E. (2011)	Dissertação	Letras/UEPB
A representação do universo urbano em <i>Circuito fechado</i> , de Ricardo Ramos	Nicolau (2011)	Dissertação	Letras/UNESP
O percurso da cidade em romances de Ignácio Loyola Brandão	Bortolotto (2013)	Dissertação	Letras/UEL
O sujeito e a cidade: um mergulho no imaginário de <i>Satolep</i> , de Vitor Ramil	Urbín (2013)	Dissertação	Letras/FURG
Cidade e forma literária: representações urbanas na literatura brasileira contemporânea	Ferreira (2015)	Dissertação	Arquitetura e Urbanismo/USP
Retratos urbanos em romances brasileiros do século XXI : uma leitura de <i>Eles eram muitos cavalos</i> , <i>O fotógrafo</i> e <i>Satolep</i>	Staudt (2015)	Tese	Letras/UFRGS

Fonte: STUEBER, 2016

A maioria dos trabalhos sobre a narrativa das cidades na literatura pertence à área de Letras, mas há também estudos no campo da Sociologia (LINHARES NETO, 2009), Geografia (SOUZA, 2008) e Arquitetura e urbanismo (FERREIRA, 2015). Não há pesquisas no campo da Comunicação e informação no período analisado, o que, mais uma vez, justifica a importância deste trabalho.

Literatura e experiência urbana são os objetos da pesquisa de Teixeira (2005) com o objetivo de compreender as representações do Rio de Janeiro na literatura, das obras de Machado de Assis e Lima Barreto. Santos (2006) busca compreender a imagem da cidade na poética. Para isto, contrapõe a literatura e outras formas de representações do urbano com o intuito de estabelecer diálogos a partir das cenas que descrevem experiências sociais e existenciais no Rio de Janeiro.

As representações sobre o Rio de Janeiro são também estudadas por Putton (2006) ao analisar os processos históricos da cidade desde o século XIX até início do século XX. A realidade urbana passa a ser reconstruída através de uma linguagem plástica e metafórica em cinco contos de Adelino Magalhães. Por meio da análise e tratamentos recebidos na pesquisa, permitem mostrar como a cultura europeia estabeleceu-se na sociedade e na cultura da época.

A representação dos espaços imaginários é o foco da pesquisa de Prompt (2007) com base nas obras de Erico Veríssimo. Mesmo não associadas diretamente com Porto Alegre, por tratar-se de cidades inventadas por Veríssimo, esta pesquisa contribui ao levantar discussões sobre as relações existentes entre os lugares, sujeitos, ações e a temporalidade na construção das narrativas. A pesquisa busca também analisa as representações emitidas neste processo. Já Silva, M. (2007) apresenta o modo que as cidades são representadas na obra de Ledo Ivo.

A relação entre a literatura e as cidades em Souza (2008) se dá a partir da Geografia e possui como base epistemológica a Teoria das Representações Sociais para compreender como Goiânia é narrada. Tal pesquisa contribui de maneira ímpar para este trabalho, pois também está direcionada para o simbólico, os valores, as crenças e saberes que tornam a cidade espaços passíveis de serem narrados por meio de suas paisagens. A pesquisa de Linhares Neto (2009) contribui com este estudo por abordar as representações da cidade na produção contemporânea de Daniel Galera e Daniel Pellinazzi. Porto Alegre é narrada nas obras *Até o dia que o cão morreu* e *Mãos de cavalo*, ambas abordadas pelo pesquisador enquanto narrativas que apresentam referências sobre a arquitetura e a esfera social urbana carregada de sentidos afetivos e temporais.

Com foco na literatura, Oliveira (2010) busca compreender a relação que se estabelece entre os sujeitos e a cidade. Ao identificar as influências que o ambiente urbano possui sobre os indivíduos a pesquisa aborda as tessituras da violência urbana, os vínculos de sensibilidade e afeto e as similaridades existentes entre a realidade e o imaginário nas narrativas literárias sobre as cidades do Rio de Janeiro, Buenos Aires e Los Angeles.

Os contos de Caio Fernando Abreu aportam à experiência urbana através dos encontros e desencontros vivenciados pelos personagens. Deste modo, Magri (2010) investigou os principais procedimentos narrativos a partir da perspectiva de Walter Benjamim. Aguilar Filho (2011) detém-se na criação do escritor argentino César Aira, de modo que contribui para a presente pesquisa por entrelaçar o tema da cidade e suas representações. Chico Buarque e seus romances apresentam segundo Araújo, E. (2011) a cidade, a memória e as relações com os sujeitos na contemporaneidade. Neste sentido é importante considerar como as cidades são representadas nas obras do autor.

O universo urbano das metrópoles na literatura brasileira contemporânea fundamentou os estudos de Nicolau (2011). O pesquisador buscou investigar as representações das cidades a partir de Walter Benjamim na obra *Circuito fechado* de Ricardo Ramos. O simbólico e os

elementos imaginários presentes na obra literária de Vitor Ramil são analisados por Urbin (2013) com o intuito de compreender como a cidade de Satolep é representada.

O conceito de distopia e o distanciamento da perspectiva da cidade enquanto espaço de acolhimento e oportunidades é o foco do estudo de Bortolotto (2013). Ao considerar a relação do espaço para a vivência e a construção de significações entre o sujeito e o lugar que habita, para compreender como esta troca determina a forma que a cidade é representada. Os processos de exclusão social, as relações interpessoais e os deslocamentos do urbano a partir da intrínseca relação da narrativa com a imagem fotográfica são o foco de estudo de Staudt (2015). Sua pesquisa busca compreender como a imagem fotográfica traduz as cidades, captura sentidos e significações através da narrativa literária de Vitor Ramil e Cristóvão Tezza.

Em discussão sobre o contexto urbanístico e literário, Ferreira (2015) reflete sobre como as cidades têm sido representadas na literatura. A partir desta percepção, são evocados elementos acerca do imaginário, das interações sociais estabelecidas através de subjetividades e sensibilidades referentes à cidade de São Paulo em dois romances e dois contos. A perspectiva abordada por Ferreira (2015) contribui de modo essencial devido à proximidade de seus elementos teóricos, mesmo que o objeto de estudo não seja a cidade de Porto Alegre, mas São Paulo.

A segunda categoria de análise trata especificamente das obras literárias que remetem aos aspectos de transformação histórica e modernização de Porto Alegre (Quadro 2).

Quadro 2- As representações sobre Porto Alegre na literatura: estado da arte (2005-2015)

Porto Alegre na literatura			
<i>Título</i>	<i>Autoria</i>	<i>Pesquisa</i>	<i>Campo/ Instituição</i>
Em novela de 1897 uma imagem da cidade em direção da modernidade. Estrychnina: na cidade de Porto Alegre no final do XIX o moderno se envenena de desejo	Moraes (2006)	Dissertação	História/ PUCRS
Entre memória e humor: Porto Alegre nas crônicas de Renato Maciel de Sá Jr.	Quinto (2011)	Tese	História/PUCRS
A existência por reinventar: Herói Fracassado e nação degradada em <i>Os ratos</i> de Dionélio Machado	Mafra (2013)	Dissertação	Letras/UnB
A representação do passado nos estudos históricos de Athos Damasceno: a história do Rio Grande do Sul escrita a partir da cidade	Silva, G. (2014)	Dissertação	História/UFRGS

Fonte: STUEBER, 2016

Os estudos estão predominantemente voltados ao campo da História, apenas um (MAFRA, 2013), corresponde ao campo da Letras. A memória e os acontecimentos que marcaram a sociedade porto-alegrense ao longo de seus processos de transformação e desenvolvimento são o foco dos trabalhos (quadro 2) e apenas um é desenvolvido em nível de doutorado (QUINTO, 2011), os demais foram formulados durante o mestrado. Além das instituições do Rio Grande do Sul, a UnB apresenta uma pesquisa sobre Porto Alegre na literatura.

Cultura, sujeitos e identidade estão presentes nas pesquisas de Moraes (2006) sobre a Porto Alegre narrada na literatura em momentos de transição e modernidade. A contribuição deste estudo é perceber como o espaço do simbólico sobre a cidade se constitui nas narrativas literárias. Destaca-se também o modo sutil com que a pesquisa aborda a relação entre verdade X imaginário e sobre como a constituição dos sujeitos se estabelecem frente ao embate com o trágico e o vazio social instituídos dentro dos processos de urbanização.

O enfoque de Quinto (2011) está na maneira bem-humorada que Porto Alegre é narrada. O estudo busca entender a cidade e a sociedade dos anos de 1940 a 1950, a partir das crônicas e anedotas de Renato Maciel. Com foco na discussão sobre nação e a figura do herói fracassado a partir da obra *Os ratos* de Dyonélio Machado, Mafra (2013) busca compreender Porto Alegre enquanto espaço de constante mutação através da industrialização e urbanização. Este estudo também se caracteriza pela representação da capital gaúcha a partir de uma perspectiva histórica e de memória. Além de tentar compreender o panorama histórico dos processos de modernização da capital gaúcha, Silva, G. (2014) estuda como as representações temporais e de identidade regional do Rio Grande do Sul foram constituídas por Athos Damasceno, principalmente a partir de Porto Alegre enquanto espaço central dos acontecimentos.

Do total de pesquisas encontradas, quatro oferecem maiores contribuições. Originárias de campos distintos, cada uma possui elementos essenciais para este estudo. Além de trazer os aspectos da narrativa urbana de Porto Alegre, Moraes (2006) discute através da perspectiva da História, as relações entre real/imaginário, polissemia e significação, questões altamente relevantes para o estudo inserido na perspectiva da Teoria das Representações Sociais.

O viés da Sociologia do qual parte Linhares Neto (2009), aborda o tema das cidades a partir das obras de Daniel Galera em *Até o dia que o cão morreu* (2007) e *Mãos de cavalo* (2010) - obras que também seriam selecionadas como objetos empíricos para a presente pesquisa. No

entanto, o estado da arte possibilitou não somente obter maior conhecimento sobre a produção científica relacionada aos temas de interesse, mas também, expandir e substituir as obras que poderiam compor a discussão, permitindo um escopo mais variado, para além dos estudos já publicados. Por meio da perspectiva da Arquitetura e do Urbanismo, Ferreira (2015) evoca as discussões acerca do imaginário urbano na literatura. Enquanto que Souza (2008) discute o assunto a partir da Geografia amparado epistemologicamente pela Teoria das Representações Sociais.

De modo geral, percebe-se o quanto a área da Comunicação e Informação constitui-se a partir de um olhar interdisciplinar para a construção de suas pesquisas. Ao mesmo tempo não foi encontrada sequer uma pesquisa sobre as temáticas abordadas, dentro do período pesquisado, no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação de acordo com os quadros (1 e 2) aqui estabelecidos.

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, INFORMAÇÃO E NARRATIVA

A cultura, as crenças, o raciocínio (assimilação), o uso da linguagem e a memória sócio-histórica são elementos imprescindíveis na constituição das representações. Representar é atribuir sentidos, simbolizar. As discussões acerca das representações não são novas. Diferentes filósofos e pensadores dedicaram-se a ela com o intuito de entender os processos referentes à construção do conhecimento, crenças e percepções sobre o mundo e seus objetos.

Durkheim (1994), por exemplo, desenvolveu relevantes contribuições para o estudo sobre representações individuais e coletivas nas Ciências Sociais. Para o autor, as representações coletivas derivam da cooperação entre as representações individuais exteriorizadas através da consciência dos indivíduos e suas representações individuais. Ao estudar as crenças em sociedades homogêneas, Durkheim (1994) percebeu o grau de estabilidade presente nas mesmas. Quando uma representação é produzida, as demais que a constituem subsistem, ou seja, mantêm-se mesmo modificadas por seus sentidos anteriores.

À primeira vista, é comum que o conceito de representações individuais e coletivas desenvolvido por Durkheim (1994) seja equiparado com o conceito de representações sociais proposto por Serge Moscovici (2012). Mas, ambas as teorias possuem diferenças consideráveis, e a principal delas está no modo em que o conhecimento é articulado para explicar a apreensão dos saberes sociais. Segundo Marková (2006, p. 182), ao desenvolver os estudos sobre conhecimento social, Durkheim hierarquizou os saberes em uma espécie de escala evolutiva nas quais a religião e as crenças estariam abaixo e a ciência ocuparia o topo. Na visão do autor, esta seria a forma mais evoluída dos saberes. Durkheim, “[...] argumentou que o conhecimento comum é errado e normalmente trivial. As representações coletivas são, muitas vezes baseadas em crenças religiosas e, apesar de serem racionais, elas contrariam a realidade”. Esta lógica hierárquica também foi utilizada por Durkheim para explicar o grau de moralidade entre as pessoas (MARKOVÁ, 2006). Estas perspectivas se justificam devido aos contextos sociais, históricos e culturais vivenciados pelo pensador em seu tempo.

Sem a pretensão de estabelecer juízos de valor, é importante trazer estes fatos para que fiquem claras as distinções entre as concepções sobre representações coletivas de Durkheim e representações sociais propostas por Moscovici (2012). A teoria das representações coletivas desenvolveu-se com base nas sociedades pré-modernas e, mesmo com as decorrentes mudanças

acerca da concepção de ciência (de mecanicista para relativista, naquela época), Durkheim preferiu mantê-la estática, sem alterações, de acordo com Marková (2006). Moscovici conheceu a teoria das representações coletivas de Durkheim por meio do pensamento de Piaget e Vigotsky, após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, Moscovici parte da concepção de ciência enquanto um tipo de saber composto de instabilidades e relatividades.

Segundo Guareschi (2000, p. 72), as representações sociais podem ser estudadas a partir de três diferentes níveis de discussão: *fenomenológico*; *epistemológico*; *metateórico*. Enquanto fenômenos, as representações sociais são consideradas objetos de investigação. Ou seja, “[...] são modos de conhecimento que surgem e se legitimam na conversação interpessoal cotidiana e têm como objetivo compreender e controlar a realidade social”. O âmbito epistemológico trata da teoria e constitui-se pelas definições conceituais e metodológicas que oferecem suporte à análise fenomenológica. A dimensão metateórica refere-se às discussões sobre a teoria, críticas e refutações dos postulados que compõem a formação epistêmica das representações sociais.

De acordo com Moscovici (2012, p. 46), o objetivo das representações é “[...] abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa”, constituindo uma trama baseada na interdependência entre idéia e imagem, ou seja, “[...] representação = imagem/significação”. Para Moscovici (2012, p. 46), as representações estão diretamente ligadas à comunicação. Estabelecem-se na construção de sentidos e saberes e sempre possuem uma face icônica e outra simbólica interdependentes. São uma maneira específica de compreender e comunicar, já que “[...] a representação iguala toda a imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem”. A estrutura política, as fronteiras entre a esfera pública e a esfera privada, as formas acesso, interação e o consumo de bens culturais estabelecem-se através da comunicação e da linguagem. Estão permeadas de conteúdos simbólicos e representativos.

A interação das representações sociais se dá através dos processos de ancoragem e objetivação (ou objetificação²). A ancoragem é o processo responsável por recriar constantemente interpretações e juízos de valor ao classificar (comparar) e nominar (rotular, agregar identidade) objetos e desta forma, contribuir em sua significação. A ancoragem, segundo Moscovici (2012, p. 78), “[...] mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de

² Objetivação (MOSCOVICI, 2012) e objetificação (JOVCHELOVITCH, 2011) são termos utilizados por ambos e compreendem o mesmo fenômeno, possuem o mesmo sentido.

acordo com um tipo e as rotula com um nome”. Para Jovchelovitch (2011, p.189) a ancoragem liga os saberes e seus objetos com o passado e suas significações e “[...] expressa a tendência de recuperar e de manter sentido, pois é um retorno a uma significação familiar que ajuda o não familiar a se tornar familiar”. A objetificação, para a autora, é a composição significativa que há em cada objeto e é feita de representações, práticas e realidades a serem reveladas, advindas de saberes anteriores que gradualmente e constantemente se solidificam.

Conforme Moscovici (2012, p. 78), a objetivação transcende, pois é dirigida para fora, para os outros e “[...] tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido”. Objetivar é tornar concreto algo abstrato, conceder “realidade” a uma representação, “[...] é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem.” (p.71-72). Deste modo, Moscovici (2012) afirma que a construção da ilusão e da realidade são processadas da mesma maneira, pois, as pessoas apreendem primeiramente a imagem e depois, o conceito como realidade.

Para Jovchelovitch (2000, p. 175), “as representações sociais são formas de mediação simbólica firmemente radicadas na esfera pública”. A esfera pública é o espaço da realidade intersubjetiva. É neste terreno que as representações “[...] são geradas, se cristalizam e se transformam”. Para entender esta dinâmica, Jovchelovitch (2000) apresenta uma série de postulados que se relacionam com a estrutura e o funcionamento das representações sociais (Quadro 3).

Quadro 3- Postulados principais da Teoria das Representações Sociais segundo Jovchelovitch (2000)

Principais postulados da Teoria das Representações Sociais		
1	Reciprocidade	Relação estrutural entre a gênese e o desenvolvimento das representações sociais.
2	Temporalidade	Estruturas simbólicas formadas pelo passado e pelo presente.
3	Identidade	Relações <i>Eu-Outro</i> estabelecem representações acerca de si e do mundo
4	Cognição, afeto e ação	Os saberes e as práticas sociais são movidos pela cognição e pela afetividade.
5	Mediação Social	Espaço das representações. Encontro entre o objetivo e o subjetivo.
6	Comunicação e Relações de poder	As práticas comunicativas na esfera pública não são neutras, são constantemente permeadas por tensões simbólicas.

Fonte: STUEBER, 2016

O primeiro postulado aborda a relação estrutural existente entre a gênese e o desenvolvimento das representações sociais. Processos e estruturas se estabelecem em uma relação recíproca. O segundo postulado indica a forma em que as representações se constituem a partir de determinado objeto e articulam suas redes semânticas para organizar estruturas simbólicas que variam em complexidade, configuração e apropriação imediata. Neste contexto, a dinâmica do cotidiano e sua reflexividade são cruciais para que se estabeleça uma relação dialética entre a história passada e a presente para evocar uma história possível.

O terceiro postulado trata da construção de identidade e das complexas relações *Eu-Outro*, “é no espaço de intersecção entre o *Eu* e o *não-Eu* que tanto as representações como as identidades emergem” (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 177). O quarto postulado trata das relações de cognição, afeto e ação que simultaneamente e inextricavelmente rompem as estruturas das representações. Para Jovchelovitch (2000, p. 177) a cognição é o ato de conhecer o mundo e transformá-lo em saberes sociais para entender o cotidiano. Os afetos pertencentes ao desejo de saber e não-saber envolvem “investimento e paixão em relação ao objeto do saber e ao saber”. As ações são práticas sociais movidas pela cognição e pelos afetos.

O quinto postulado se dá pelo processo de mediação social. É onde as representações sociais circulam, se movimentam e interseccionam o objetivo e o subjetivo: “O espaço potencial, o espaço dos símbolos, tanto liga como separa o sujeito do objeto-mundo” (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 178). O sexto postulado trata da relação estrutural entre as práticas comunicativas da esfera pública e as relações de poder: “De um lado, as representações sociais desenvolvem-se através da mídia, conversações e narrativas. De outro lado, estas são práticas comunicativas que caracterizam e constituem os espaços públicos” (p. 178). Sendo assim, as narrativas estão sempre permeadas por relações de poder, não são um ato neutro, são um produto de lutas e tensões simbólicas. “A situação assimétrica de diferentes grupos sociais deve ser considerada [...] grupos diferentes possuem recursos desiguais no processo de propor e sustentar suas representações” (p. 179). Os postulados descritos pela autora contribuem para investigações teóricas e empíricas. Buscam afirmar que as representações sociais são firmadas no cotidiano, na esfera pública e incidem diretamente sobre o social e o cultural por meio das diversas percepções socialmente partilhadas, inclusive, por meio do senso comum.

A teoria das representações sociais considera o senso comum um tipo de senso social, tão importante quanto a ciência para a aquisição de saber. Para Marková (2006), as representações

sociais associam-se à inovação e à mudança do campo social através da ancoragem e da objetificação através das dimensões da identidade, comunidade e da memória social. Assim, a cultura, a linguagem, as cerimônias coletivas e as práticas sociais seriam transmitidas pela linguagem e pela comunicação e ficariam impressas no senso comum.

A autora apresenta uma gama de percepções distintas acerca do assunto. Existem correntes que refutam o senso comum, pois o consideram inferior, partem de abordagens racionalistas que associam a apreensão de saberes fundamentalmente às ações neuro-cognitivas. Em contraponto, há pensadores que defendem que a capacidade de pensar e de conhecer se dá através de ações comunicativas, de uma racionalidade dialógica, inserida no conhecimento de senso comum que de certa forma complementa o conhecimento científico. Tal posição legitima o senso comum enquanto um tipo de saber que entrelaça o cotidiano e estrutura encontros sociais, pois inclui “[...] diversos tipos de sabedorias, crenças, mitos, relações interpessoais de entendimento, sabedoria experimental e habilidades práticas” (MARKOVÁ, 2006, p. 196). Deste modo, torna-se um tipo de saber essencial, rico em conteúdos simbólicos e, portanto, necessita ser estudado. Conforme Marková (2006, p. 196), “[...] o conhecimento de senso comum forma uma enorme fonte de ideias, de imaginação e de pesquisa social científica”, é constituído por discursos de afetividade e sensibilidade intuitiva.

Michel Maffesoli (2008) descreve o senso comum como um saber de *tipo Sul*, pois, “[...] integra o *pathos*, aquilo que M. Weber chama de emocional ou afetual, próprio à comunidade. O senso comum está fundado aí. Ele põe em jogo, de modo global, os cinco sentidos do humano, sem hierarquizá-los, e sem submetê-los à preeminência do espírito” (MAFFESOLI, 2008, p. 162). Permite que o real e o imaginário mesquem-se e assim estabeleçam representações socialmente partilhadas.

Quando os atores sociais se envolvem em processos de comunicação reproduzem ativamente enunciados simbólicos que geram representações. E estas interagem com outras representações construídas dentro de perspectivas sociais, culturais e históricas. Segundo Jovchelovitch (2004, p. 28) “a preocupação central é entender como o saber local é produzido, sustentado e defendido por comunidades bem como de que maneira estes processos estão enredados com categorias psicossociais centrais como a identidade, a memória social e a participação na esfera pública”. Para que se mantenham vivas as culturas é preciso que haja diálogos entre os saberes socialmente construídos nas comunidades.

Deste modo, o senso comum firma-se também enquanto um tipo de saber local. De acordo com Jovchelovitch (2004, p. 29), “[...] todo o saber é localizado, isto é, ligado a um lugar e, portanto, plural”. O lugar é um dos principais espaços para a mediação dos saberes e, conseqüentemente, para a produção de representações sociais a partir da polifasia cognitiva, ou seja, a partir de distintos saberes que coexistem em um indivíduo, grupo social ou comunidade. Assim, os lugares são também espaços de mediação, onde o saber é criado entre o indivíduo e a sociedade tanto de forma intersubjetiva quanto interobjetiva.

As interações mediadas pela comunicação e a forma com que a mesma é produzida e compartilhada são determinantes para os tipos de representações e conhecimentos produzidos e vivenciados pelo indivíduo na sociedade. Deste modo, “[...] as representações são sempre produzidas na ação comunicativa e a análise da comunicação é central para definir as modalidades da representação e a forma e funções de um sistema de conhecimento” (JOVCHELOVITCH, 2011, p. 177). A análise da comunicação perpassa também pelo reconhecimento dos processos informacionais. Esta afirmação corrobora com o posicionamento de Legrós *et al.* (2014, p. 130), de que “[...] as representações sociais são os universos das trocas próprias de um grupo cultural e dos objetos do ambiente do qual estes indivíduos dependem”. Assim sendo, podem estar associadas às opiniões, crenças, informações e imaginários.

As discussões acerca do conceito de informação implicam levar em consideração questões epistemológicas e paradigmáticas. Capurro (2003) aponta três paradigmas principais referentes ao conceito: paradigma físico; paradigma cognitivo e paradigma social. O paradigma físico trata da informação e seus suportes tangíveis (objetos, livros, documentos, computadores, celulares, entre outros). O paradigma cognitivo busca discutir o conceito de informação a partir de redes mentais formadas através da construção e troca de conhecimento, em âmbito intelectual. Este paradigma questiona de que forma os processos informacionais podem compor ou não redes mentais através da aquisição de informações efetivas que constituem os processos de saber. Já o paradigma social discute como se dá a interação dos indivíduos que compartilham e socializam informações efetivando-as (ou não) em conhecimento. O autor entende que a informação em sua dimensão epistemológica (Ciência da Informação), não deve isolar seus paradigmas, mas sim pensá-los em conjunto.

Devido sua característica interdisciplinar a aplicação do conceito de informação necessita ser estudada, conforme afirmam Capurro e Hjørland (2007, p. 176), a partir da perspectiva do

campo em que está inserida: “o que distingue as diferentes teorias da informação é, portanto, não apenas o conceito de informação em si. É, em um grau mais elevado, a natureza do mecanismo de liberação (ou mecanismos de processamento de informação), os seletores ou intérpretes”. Este estudo parte do conceito de informação pelo viés das Ciências Humanas e Sociais. Todavia, compreende que a informação pode ser considerada desde os seus aspectos físicos e tecnológicos, lógicos e matemáticos, lingüísticos e semânticos (através de vocabulários controlados, teorias discursivas e de significações). O importante é evitar sobrepor e hierarquizar suas perspectivas, pois, isto gera limitações e empobrecimento epistêmico ao campo da Ciência da Informação.

Conforme Latour (2006, p. 22), a informação não é um signo, mas sim, “[...] uma relação estabelecida entre dois lugares, o primeiro, que se torna uma periferia, e o segundo, que se torna um *centro*, sob a condição de que entre os dois circule um *veículo* que denominamos muitas vezes forma, mas que, para insistir em seu aspecto material, eu chamo de *inscrição*”. Nesta perspectiva, a informação é entendida enquanto fenômeno gerador de movimento e dinamicidade e estabelece-se a partir de uma dimensão sócio-política.

Segundo Mc Garry (1999, p.11), “a informação deve ser representada para nós de alguma forma e transmitida por algum tipo de canal”. Sinais, signos e símbolos são os três principais veículos para a transmissão de informações, mas é através da cultura e da significação que estes três elementos se concretizam. Deste modo, a informação é conhecimento potencial arraigado ao fator humano. Para Mc Garry (1999, p. 31) ela “[...] possui um potencial de ação, como a eletricidade à espera da mão humana que toque no interruptor. Uma visão mecanicista extremada deixaria os seres humanos na condição de *epifenômenos*, meras frivolidades, reflexos passivos de uma realidade material a propósito ou plano”. O autor defende ainda que não se deve tratar a informação sem as pessoas e as pessoas sem a informação. Pois, informação é conhecimento potencial. É preciso legitimar suas formas denotativas e conotativas, ou seja, considerar também os enunciados, seus produtores e receptores.

As reflexões sobre a dialogicidade entre o campo da Informação, Comunicação e Ciências Sociais, elaborados por González de Gómez (2012) complementam a discussão ao agregar a vertente habermasiana de *Ação comunicativa* e ressignificá-la. Ao que denomina *Ação de informação*, a autora propõe três estratos principais: semântico pragmático; dispositivo operacional e tecnológico e; regulatório. Estes estratos, efetivados pela *Ação da Informação*, relacionam-se intrinsecamente com os níveis e formas de integração social, por meio da cultura,

da potência do imaginário coletivo e de sua produção e reprodução. Assim, a ação da informação é considerada como:

[...] aquela realizada por atores sociais em suas práticas e atividades, ancoradas culturalmente numa forma de vida e geradas em comunidades epistêmicas ou configurações coletivas de relações intersubjetivas. No contexto sócio-cultural, uma ação de informação poderá orientar-se preferencialmente em direção a processos de objetivação (uso representativo da linguagem) ou oferecer garantias performáticas à busca de entendimento mútuo (uso comunicativo da linguagem). (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p. 27)

O conceito moderno de informação já superou a perspectiva unívoca e positivista. Está refeito sob premissas epistemológicas e empíricas, ligado diretamente às teorias sobre o conhecimento. Logo, a informação é um fenômeno humano. “[...] Informação é o que é informativo para uma determinada pessoa. O que é informativo depende das necessidades interpretativas de habilidades do indivíduo (embora estas sejam frequentemente compartilhadas em uma mesma comunidade de discurso)” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 155). Deste modo o diálogo entre os estudos sobre Representações Sociais e o campo da Informação e da Comunicação entrelaçam-se e legitimam-se intensamente. Outro saber de extrema relevância que tece este estudo é a questão da narrativa.

O estudo da teoria narrativa desenvolvida por Ricoeur (1994) estabelece-se através do conceito de Tríplice Mimese, composto por três planos principais. Sua inter-relação é dialógica e complexa. A mimese I trata do *plano da intriga*, mimese II refere-se ao *plano da mediação* e mimese III aborda o *plano da aplicação*, ou seja, da maneira que a narrativa é acessada e compreendida pelo leitor. Na seção metodológica deste estudo, parte da teoria narrativa de Ricoeur é revisitada por Motta (2013) para desenvolver procedimentos práticos/aplicados de análise narrativa.

O plano da intriga (mimese I) é formado pelo traço estrutural, simbólico e temporal de uma trama em que as ações implicam *fins* e não apenas movimento. Estas ações não são realizadas de maneira isolada, de acordo com Ricoeur (1994, p. 89), “agir é sempre agir ‘com’ outros: a interação pode assumir a forma da cooperação, da competição ou da luta”. Assim, a relação de intersignificação existente entre as questões de “o que”, “por que”, “quem”, “como”, “com” ou “contra quem” da ação narrativa, necessitam ser empregadas numa situação de pergunta e resposta, fazendo com que seja possível ligar entre si qualquer item deste conjunto.

Ao sincronizar a trama conceitual, obtêm-se a competência da compreensão prática. De acordo com Ricoeur (1994, p. 90) a ação narrativa e a compreensão prática estabelecem-se numa relação dupla: “é ao mesmo tempo uma relação de *pressuposição* e uma relação de *transformação*”. O segundo movimento da composição narrativa no plano da mimese I traz os recursos simbólicos para o campo prático da ação. Para o autor, se “[...] a ação pode ser narrada, é porque ela já está articulada em signos, regras, normas: é, desde sempre, simbolicamente mediatizada” (p. 91). A partir da influência dos estudos culturais de Geertz, Ricoeur (1994) afirma que o símbolo pode ser também chamado de *média*.

Outro pensador que influenciou seu pensamento é Ernest Cassirer ao afirmar que as formas simbólicas são processos culturais que articulam a experiência inteira. Trata de partir do conceito de símbolo implícito ou imanente, para além da sua construção gramatical pertencente ao plano da escrita: “Se se pode falar, contudo da ação como de um quase-texto, é na medida em que os símbolos, compreendidos como interpretantes, fornecem as regras da significação em função das quais tal conduta pode ser interpretada.” (RICOEUR, 1994, p. 93). No entanto, o símbolo pode também ser entendido enquanto regra e as ações podem ser estimadas ou não em uma escala de valores morais. O valor relativo da ação em si, na intriga, se estende ao agente que a efetuou, ou seja, o caráter ético da ação, associado ou não ao critério da neutralidade é qualificado dentro de uma ética por sempre ser simbolicamente mediatizado.

O terceiro movimento da intriga (mimese I) configura-se pelos caracteres temporais inseridos no tempo narrativo. Diante dos três movimentos (trama, recursos simbólicos e tempo), a mimese I pretende segundo Ricoeur (1994, p. 101), “[...] pré-compreender o que ocorre com o agir humano: com sua semântica, com sua simbólica, com sua temporalidade”. No entanto, as narrativas possuem outras facetas.

Ricoeur abre mão do termo “ficção” para ampliar sua percepção ao que denomina a mimese II enquanto o reino do “*como se*”, pois, questiona a sutil linearidade existente entre a narrativa de ficção e a narrativa considerada “verdadeira”. É na mimese II que se estabelece a função da mediação por meio da intriga (mimese I). A intriga concentra o caráter de mediadora a por três motivos:

a) É o elo entre acontecimento e história narrada, pois, liga um acontecimento individual à história como um todo;

b) pressupõe *concordância-discordância*, pois compõe fatores heterogêneos, agentes fins, meios, interações, circunstâncias e resultados inesperados de modo conjunto;

c) conjuga os caracteres temporais próprios implicados no dinamismo da configuração narrativa, sendo uma de dimensão cronológica e outra de dimensão não-cronológica.

A mediação está composta também pelo conceito kantiano de imaginação produtora. A imaginação produtora tem uma função sintética e age através do esquematismo. De acordo com Ricoeur (1994, p. 107), além de ser uma espécie de matriz geradora de regras, “ela liga o entendimento e a intuição, engendrando sínteses ao mesmo tempo intelectuais e intuitivas.” A imaginação produtora contribui ainda para o estabelecimento de paradigmas, principalmente quando conjugada a partir de perspectivas tradicionalistas.

É no leitor e no ouvinte que se conclui o percurso da mimese por meio da intersecção entre o mundo do texto e o mundo daquele que o recebe. A mimese III efetua-se através de quatro etapas: a circularidade; o ato da leitura enquanto vetor que modela a experiência (quando articulado com o dinamismo do ato configurante da intriga); pela noção de referência (considerando sua dificuldade de se prender à ordem narrativa) e; pelo mundo temporal e sua fenomenologia capaz de dar conta da dialética entre aporética e a poética. No entanto, é preciso ressaltar a questão da circularidade.

Ricoeur (1994) considera a circularidade que pode ser gerada entre as três mimeses através da violência da interpretação e inversão do tempo e da tradição nas narrativas; da redundância da interpretação; e da existência de narrativas que não esclarecem, mas sim obscurecem e dissimulam o entendimento. A circularidade manifesta-se em qualquer análise da narrativa, logo, não é uma tautologia morta.

A interação entre a mimese II (mediação) e III (aplicação/recepção) acontece por meio dos paradigmas de esquematização e tradicionalismo. Segundo Ricoeur (1994, p. 117), “esquematização e tradicionalismo são de imediato categorias da interação entre a operatividade da escrita e a da leitura”. Estas fornecem as diretrizes necessárias para o leitor sanar suas expectativas, reconhecer as regras formais e o gênero da história narrada, ou seja, são conectores entre o texto e o leitor. “É no ato de ler que o destinatário joga com as coerções narrativas, efetua os desvios, participa do combate entre o romance e o anti-romance, e tem o prazer que Roland Barthes chamava de prazer do texto”. Ricoeur (1994, p. 118) afirma que a obra escrita é um esboço no qual o leitor irá configurá-la por meio da sua percepção sobre a tessitura da intriga: “O

texto só se torna obra na interação entre texto e receptor. É sobre esse fundo comum que se destacam as duas abordagens diferentes, a do Ato de leitura e a da Estética da recepção.” Deste modo, o leitor percebe a narrativa por meio das referências que dela produz levando em conta também sua subjetividade, imaginários, valores e representações.

Segundo Ricoeur (1994), a forma que o leitor recebe o texto perpassa por uma estética de recepção interligada às dimensões de comunicação e referência por meio da linguagem. Assim, a capacidade limitada e/ou aberta que o leitor possui de acolher o horizonte do mundo do texto e o de si mesmo ocorre devido ao processo dialógico e dialogal de referência e correferência. Ao refletir sobre a sutileza presente nas narrativas literárias o autor afirma que estas trazem à linguagem uma experiência e assim chegam ao mundo como qualquer discurso.

No entanto Ricoeur (1994, p. 121) considera sobre este assunto a complexidade da ilusão referencial, “[...] não são um efeito qualquer do sentido do texto: requerem uma teoria detalhada das modalidades de veridicção”. Pois, o ato de leitura intersecciona o mundo do texto com o mundo do leitor, funde estes dois horizontes. Para Ricoeur (1994, p. 121) a literatura causa impactos sobre a experiência cotidiana, quebra com a visão positivista de que só é real aquilo que só pode ser observado e descrito cientificamente: “[...] a ficção é precisamente o que faz da linguagem este supremo perigo de que Walter Benjamin depois Hölderlin, fala com temor e admiração”. É por meio deste processo de intersecção que abre-se uma gama de casos, questões ideológicas, relações de poder, crítica social, entre outros que fornecem à literatura narrativa o poder de modelar a efetividade prática por meio de discrepâncias, paradigmas e metáforas.

Ricoeur (1994, p. 123-124) afirma que o mundo para ele é o conjunto das referências abertas por todos os tipos de textos que leu, interpretou e sentiu afeição: “[...] o que é interpretado num texto é a proposta de um mundo que eu poderia habitar e no qual poderia projetar meus poderes mais próprios”. Para o autor o fazer narrativo “[...] re-significa o mundo na sua dimensão temporal, na medida em que contar, recitar é refazer a ação segundo o convite do poema”. A narrativa apenas ressignifica aquilo que já foi pré-significado no nível do agir humano.

Por fim, o autor questiona os limites e as fronteiras existentes entre a narrativa de ficção e a narrativa “verdadeira” a partir do conceito de *referência cruzada* – entendida como mescla de vestígios reais do passado com referências metafóricas–. Ricoeur (1994, p. 125), afirma que “[...] a ficção se inspiraria tanto na história quanto a história na ficção.” Demarcada a fina complexidade existente entre tempo e narrativa por meio do conceito de referência cruzada

desenvolvida por Ricoeur (1994), pode-se estabelecer diálogos interessantes entre história, teoria narrativa, representações sociais, imaginário e imaginários urbanos.

2.1 IMAGINÁRIO SOCIAL, CIDADE E LITERATURA

As representações sociais, os processos de informação e comunicação e as teorias clássicas da narrativa são fundamentais para a formação dos imaginários sociais, imaginários urbanos e as narrativas literárias sobre as cidades. Os imaginários, por meio de narrativas são catalisadores das representações. Castoriadis (2007) defende que a imaginação é *potência* de apresentação. Para o pensador, a sociedade constrói a si mesma, fundamenta-se em suas próprias crenças e mantém-se unida em função das significações imaginárias. São os imaginários capazes de prover bases sobre a vida e a morte das civilizações, pois são elas que movem a sociedade, constroem significações, instrumentalizam instituições e inclusive, a linguagem.

A linguagem é formada por ambigüidades, é metafórica. Seu caráter polissêmico torna-a “[...] portadora também de uma dimensão imaginária no sentido forte do termo: pode-se dizer de certas coisas que do ponto de vista conídico não tem sentido, mas que têm um sentido muito importante do ponto de vista da sociedade”, de acordo com Castoriadis (2007, p. 35). O autor afirma também a existência diacrônica da história, e enfatiza que “[...] a verdade é antes de tudo social-histórica, só existe na e pela sociedade, na e pela história.” (p. 267). A história pode ser compreendida pelo imaginário.

Castoriadis (2007, p. 267) parte da questão da verdade para questionar as fronteiras de sentido e relações sociais entre os indivíduos:

Toda sociedade constitui seu mundo em geral, sendo ele um mundo de significações. É assim que ela dá sentido às coisas, aos fenômenos, que estabelece relações, constituindo por isso mesmo um mundo fechado, encerrado sobre si mesmo, que possui uma fronteira e em relação ao qual há sempre os ‘outros’.

Segundo o autor existem duas formas de entender a sociedade, uma a partir de seus dados demográficos, geográficos, naturais, climáticos, entre outros de natureza quantitativa. E em segundo lugar pela captação das significações imaginárias, pois a lógica conídica (poética) é também estabelecida pela sociedade. Deste modo, “a reprodução da sociedade faz apelo, essencialmente, a mecanismos conídicos, que contêm sempre um elemento imaginário como finalidade suprema, origem etc.” (CASTORIADIS, 2007, p. 45). Assim, a construção simbólica e

imaginária, geradora de representações sobre a cidade ganham forma nas narrativas literárias, espaço primordial do conídico.

A cidade, antes entendida a partir de sua configuração física, era definida como o oposto do espaço rural. Nas últimas décadas a caracterização do conceito de cidade está permeada por processos culturais e imaginários, conforme afirma García Canclini (1994; 2008). Assim, os livros, o cinema, o rádio, a televisão e a imprensa também se tornaram responsáveis por mediar a construção simbólica das cidades ao elaborar narrativas sobre os acontecimentos e o cotidiano da urbe. Para García Canclini (2002), mais do que propor uma nova ordem, os meios buscam recriar espetáculos reconfortantes e oferecer certa intensidade de experiências. Antes de oferecer informações que possam ser úteis no cotidiano de vivências e sociabilidades, o autor evidencia que o foco dos meios está em estabelecer relações e proximidades entre as comunidades virtuais de consumidores midiáticos. De acordo com García Canclini (2002, p. 50),

[...] a imprensa, o rádio e a televisão contribuem para reproduzir, mais do que para alterar, a ordem social. Seus discursos têm uma função de mimese, de cumplicidade com as estruturas sócio-econômicas e com os lugares comuns da cultura política. Mesmo quando registram manifestações de protesto e testemunham a desigualdade, editam as vozes dissidentes ou excluídas de maneira a preservar o *status quo*.

A seu modo, os meios também contribuem para a democracia e o convívio em sociedade, afirma o autor.

Para além de mapas e outras formas físicas de referência, os fluxos e interações sociais são instituídos a partir de mapas mentais e emocionais. As cidades devem ser entendidas como espaços de tensão entre o que realmente são e o que se idealiza sobre elas. Segundo García Canclini (2008, p.16), “ao reconhecer essa tensão, os estudos urbanos atuais dão lugar por sua vez às explicações demográficas e socioeconômicas, assim como às representações culturais nas quais se manifestam a heterogeneidade e a complexidade do social”. Deste modo além das informações, dos dados estatísticos populacionais e geográficos, a cidade estabelece-se pela necessidade de elaborar narrativas a partir de seus imaginários urbanos.

A construção imaginária de uma cidade apresenta a mentalidade urbana que lhe é própria, bem como as condições físicas e naturais, os usos sociais e as modalidades de expressão, segundo Silva, A. (2011). Deste modo, a construção da imagem de uma cidade se faz por meio do imaginário de seus moradores através de subjetivos cortes e segmentações. Uma “[...] cidade

vivida, interiorizada e projetada por grupos sociais que a habitam e em suas relações de uso com a urbe não só a percorrem, mas interferem dialogicamente, reconstruindo-a como imagem urbana” (SILVA, A., 2011, p. XXVII). A imagem urbana institui-se por meio de metáforas coletivas de qualificação dos espaços e pontos de vista cidadãos.

Os imaginários urbanos segundo Silva, A. (2011, p. XXIX), servem para “[...] projetar fantasias, dão como resultado a constatação de que uma cidade também é o efeito de um desejo ou de muitos desejos [...]”. Para desenvolver seus estudos acerca do assunto, o autor fundamenta uma série de conceitos: *ponto de vista do cidadão*; *território*; *mapas e croquis*; e *vitrina*.

O conceito de *ponto de vista do cidadão* estabelece-se a partir de duas características principais: estratégia de enunciação (competência comunicativa verbal e visual) e patrimônio cultural implícito (relação dialógica de participação cidadã). Entende-se por *ponto de vista* as representações e as diferentes estratégias narrativas utilizadas pelos cidadãos para contar histórias e descrever as cidades, inclusive quando os relatos podem ser apresentados por imagens. Para Silva, A. (2011, p.11) o conceito de *ponto de vista* é uma operação de mediação, “[...] implica um exercício de visão, o captar um registro visual mas que também compromete o olhar. Isto é, o sujeito das emoções que se projeta e se ‘enquadra’ naquilo que vê”. A partir do *ponto de vista* cada cidadão recria seus mapas mentais.

Em oposição aos territórios físicos, demarcados por mapas e cartografias, há os territórios mentais, considerado por Silva, A. (2011, p.18) como territórios diferenciais, “[...] daí seu grande e diversificado poder de representação”. O território pode ser demarcado tanto física quanto mentalmente a partir de operações lingüísticas e visuais. Este “[...] alude, mais propriamente, uma complicada elaboração simbólica que não se cansa de apropriar-se das coisas e tornar a nomeá-las, num característico exercício existencial lingüístico: aquilo que eu vivo eu nomeio; sutis e fecundas estratégias de linguagem” (p. 21). O *território* percebido a partir da imaginação recebe o nome de *croqui*. Silva, A. (2011, p. 18) afirma que “é sem dúvida esse poder evocador da nossa imaginação que proporciona o território a sua maior consistência.” A diferença entre *mapa* e *croqui*, está na forma de representação.

O mapa refere-se à estrutura física, o croqui refere-se à estrutura simbólica de um território. Por meio do croqui destina-se “[...] representar tão somente limites evocativos ou metafóricos, aqueles de um território que não admite pontos precisos de corte, por sua expressão de sentimentos coletivos ou de profunda subjetividade social” (SILVA, A., 2011, p. 24).

Portanto, o *território* é um *croqui* e não um mapa. Ao configurar uma cidade a partir de unidades territoriais, busca-se recompô-la através de *croquis*.

O fluxo social da cidade constitui-se pela noção de centro e periferia, “o centro alude o que é centrado e focal, [...] com base no qual o que rodeia, em maior ou menor distância, chamar-se-á periférico. O periférico alude ao que margeia o centro” (SILVA, A., 2011, p. 25). No entanto, o autor destaca que centro e periferia estão em constante deslocamento, pois antes de tudo, estes territórios são constituídos por relações de poder e ideologias. É a partir desta perspectiva que o autor apresenta o conceito de *vitrina*.

A *vitrina* é uma janela, um espaço para olhar e ser olhado (a). Oferta de desejos e frustrações excita a imaginação através da troca de olhares, “a vitrina, por princípio psicológico, mostra mais do que pode dar [...] adquire altos conteúdos simbólicos” (SILVA, A., 2011, p. 28). Destinada para desejar e consumir, a cidade é uma grande vitrina que de acordo com Silva (2011, p.29) “[...] indica a forma como os usuários percebem o mundo, suas distâncias, seus anseios”. Perceber a cidade a partir da perspectiva do imaginário incide em considerar sua gama de elementos complexos.

Admite-se assim que há várias formas de estudar um mesmo objeto de pesquisa. Neste caso, o imaginário urbano e suas representações, Porto Alegre e suas narrativas literárias. Pesavento (2002) afirma que o imaginário possui capacidade de recriar o real, através de sistemas de idéias, imagens e percepções. A cidade constitui-se para a autora em um objeto “[...] de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que outros” (p. 9). É desta forma que Pesavento (2002) instiga perceber a cidade com suas distintas nuances e olhares entrecruzados que buscam no real, cadeias de significados. Tais significados seriam metaforizações, representações permeadas de sentidos associadas ao conceito de cidade.

Deste modo, o espaço urbano pode estar integrado por metáforas visíveis - traçadas a partir de imagens, fotografias, pinturas, esculturas, monumentos, entre outros -, e por metáforas invisíveis, implícitas, que para aceder às representações seria preciso dominar seus códigos e símbolos. Perceber a cidade a partir da literatura é uma forma de acessá-la em um caminho de metáforas invisíveis. Para Pesavento (2002, p. 10), “[...] pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos,

às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e à sociabilidade que neste espaço têm lugar”, implica vivenciar a cidade a partir de suas representações.

O escritor, neste sentido, torna-se um criativo espectador do social capaz de recriar o espaço e “a literatura, ao ‘dizer a cidade’, condensa a experiência do vivido na expressão de uma sensibilidade feita texto” (PESAVENTO, 2002, p. 10). Assim, para a autora, a literatura também é uma forma de pensar a história e inclusive, de experimentar vivências e cotidianos possíveis, pois, as narrativas de ficção literária muitas vezes partem de fontes próximas da realidade. Segundo Pesavento (2002), a literatura tem o poder de conceder sentidos e funções aos lugares e projetar os sonhos e utopias de uma comunidade sobre os espaços que habitam a partir de potencialidades metafóricas de transfiguração do real.

A narrativa literária é a pedagogia da imaginação em que elementos “reais” servem de inspiração (PESAVENTO, 2002). A arquitetura e os monumentos de uma cidade, devido sua capacidade de evocar sentidos, valores e vivências, são exemplos interessantes. A autora provoca à reflexão ao questionar se realmente é possível distinguir as imagens “reais” das “criadas” ao passo que “[...] tudo que se vê e se experimenta é por sua vez, recriado enquanto sensação, revivido enquanto memória articuladora de lembrança e decodificado em seus significados [...]” (PESAVENTO, 2002, p. 17). Logo, a construção da realidade perpassa paralelamente por assimetrias, contextos sociais, culturais e pela subjetividade dos sujeitos.

A cidade pode gerar sentimentos contraditórios, como temor e fascínio, pois a construção das representações acerca da mesma é dinâmica. Além da conjuntura social a cidade está representada na narrativa literária a partir da recepção dos leitores. Conforme Pesavento (2002, p. 23) a “[...] recepção/reprodução de idéias e imagens correspondem à necessidade, a enfrentamentos e a campos de luta”, deste modo, a cidade é recriada de diferentes formas. As representações sobre a cidade, presentes na literatura recriam o espaço urbano tanto quanto outras formas de linguagem. Cada qual à sua maneira.

Literatura é um importante campo de investigação para a sociologia do imaginário, afirma Legros (2014), há uma relação privilegiada entre ambas. Durante muito tempo na história da sociedade, a literatura foi responsável direta por constituir o imaginário social e segue, entre os principais vetores de manutenção dos mitos.

Mas afinal, o que é literatura? Ao buscar respostas, Eagleton (2006) reflete sobre as questões formais e abertas que atribuem sentido ao conceito. Assim, questiona a atribuição dada à

literatura como um tipo de “escrita imaginativa”, pois esta visão implica atribuir à literatura qualquer manifestação escrita sem que necessariamente possua um sentido ou uma intenção literária. Apresenta as fragilidades das perspectivas que tratam a literatura como uma forma peculiar de aplicar a linguagem, como por exemplo, o formalismo russo, que a considera uma “violência organizada contra a fala comum”. Também é suscetível a críticas considerar a literatura a partir da distinção entre ficção e fato. Para o autor, nem toda ficção é literatura, nem toda literatura é ficção.

Atribuir sentido sobre o que pode ser belo ou não belo, ter ou não “valor” na literatura, sem considerar os diferentes contextos de produção e recepção implícitos em uma obra seria entregá-la ao reducionismo. Deste modo o autor destaca que há uma estrutura de valores ocultos e ideológicos implícitos. Pensar a produção literária e o conceito de literatura implica considerar as diferenças subjetivas locais e temporais da obra e sua recepção em um plano de fatores socialmente estruturados. Neste sentido, Eagleton (2006), afirma ser impossível defini-la somente como categoria objetiva e descritiva, assim como dizer que a literatura é apenas aquilo que caprichosamente convém ser chamada.

A literatura é constituída de juízos de valor historicamente variáveis com “[...] uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros.” (EAGLETON, 2006, p. 24). Assim, pode-se considerar que a literatura é uma expressão artística instituída enquanto meio para estabelecer relações sociais nos diferentes espaços de convívio de nível micro ou macrossocial, como as cidades, por exemplo.

A cidade tem importância fundamental na produção literária, segundo Fernandes (2000, p. 19), pois, “é na cidade e por causa da cidade que o romance aparece, floresce e se modifica”. A cidade substituiu a natureza nas narrativas e com o passar do tempo tornou-se a própria personagem, capaz de influenciar o comportamento dos outros personagens da estória. Por meio das narrativas sobre cidade, novos debates e reflexões puderam ser inseridos na sociedade: questões sobre cidadania, o poder político, filosofia e anseios libertários. Assim, para Fernandes (2000), os romances urbanos são relevantes formas de representação artística e metafórica.

2.2 PORTO ALEGRE: HISTÓRIA E NARRATIVAS LITERÁRIAS

Após a Revolução Farroupilha a população de Porto Alegre havia aumentado consideravelmente, era o grande pólo comercial da região. Os divertimentos e as festas populares eram marcados por tambores, batuques, jogos de cancha e outras vivências distintas dos divertimentos das baronesas e brigadeiros (PESAVENTO, 1999). As paisagens urbanas ganhavam suas primeiras edificações: o Mercado Público, a Cadeia Pública e o Teatro São Pedro. No centro, requintados prédios públicos e sobrados dividiam espaço com prostíbulos, botequins e cortiços.

A consolidação burguesa (1890 a 1924) deu-se com a urbanização e industrialização da cidade, gerou fortalecimento comercial e financeiro. “Um novo imaginário urbano se construiu em torno de uma cidade limpa, bonita e ordenada”, segundo Pesavento (1999, p. 58). A crescente industrialização fez surgir bairros operários estigmatizados pelos discursos higienistas e Porto Alegre projeta-se como espetáculo burguês do “viver em cidades”. Por meio dos passeios na Rua da Praia, as sessões de cinema, hipódromos e cafés, a cidade recebe o *status* de palco de “uma moda europeia para a burguesia porto-alegrense” conforme Pesavento (1999, p. 59).

A busca pela modernidade (1924 a 1945) é efetivada por demolições e intervenções do espaço urbano, pela revolução de 1930 e pelo Estado Novo em 1937. Segundo Pesavento (1999), avenidas foram abertas e alargadas, surgiram a Borges de Medeiros, Farrapos, Otávio Rocha e a Alberto Bins. Greves e manifestações também marcaram a época, junto com a agitação política causada pelas tendências de direita e esquerda, devido ao golpe efetuado em 1937. As periferias crescem sem nenhum tipo de acompanhamento. A cidade é marcada pela enchente de 1941.

O processo de “brasilinização” do país reprime as culturas negras e também as confrarias nazistas, ao mesmo tempo em que passam a exaltar os desfiles e as paradas militares. Nesta época o lazer das elites e a “glamorização” da cidade se dão por bailes e festas no Clube do Comércio, Jockey Club e Yatch Club, espaços inacessíveis às classes menos abastadas. O elemento congregador entre as classes era o rádio: “veículos de uma cultura nacional popular, com suas novelas de rádio e seus programas de auditório” (PESAVENTO, 1999, p. 101). Foi uma fase de centralização, autoritarismo e perseguição política exercida pelos militares por ocasião da Segunda Guerra Mundial.

O processo de redemocratização em 1945 iniciou-se pela instauração do direito ao voto das classes populares. Getúlio Vargas foi um presidente louvado pelo povo devido ao seu carisma marcante em seu segundo mandato. O abalo de seu suicídio levou o povo às ruas, em Porto Alegre, as sedes de jornais e partidos que criticavam seu governo sofreram ataques e depredações. Com a chegada da televisão na década de 1960, “as cidades brasileiras como Porto Alegre, passaram a adotar no seu imaginário urbano os padrões da cultura americana, de uma sociedade de consumo” (PESAVENTO, 1999, p. 133). Segundo a autora, a vida noturna de Porto Alegre era marcada pela boemia das classes populares e dos clubes noturnos pelas elites, o *rock* e o *twist* conquistavam a juventude da época.

Cabarés e o parque Farroupilha, aos domingos, eram os espaços de vivência dos moradores das periferias. Os bolsões de pobreza se formavam com a oferta urbano-industrial e pelo êxodo rural, “as vilas populares inchavam e se tornavam focos de crescente tensão social” (PESAVENTO, 1999, p. 134). Porto Alegre tornou-se palco de manifestações estudantis e trabalhistas pela reivindicação de direitos, enquanto que as elites temiam uma suposta “esquerdização” e a participação das classes populares na sociedade. A cidade é marcada pelo movimento da Legalidade em defesa a João Goulart, mas, com o Golpe de 1964, inicia-se uma perseguição em todo território nacional contra os movimentos sindicais e estudantis.

Enquanto a ditadura matava e perseguia, o país vivia uma euforia “verde-amarela” com auxílio dos meios de comunicação de massa por meio de discursos como “Brasil grande”, “para frente” e “Brasil, ame-o ou deixe-o” (PESAVENTO, 1999). Os anos de 1970 a 1990 foram também um período de urbanização, construção de estádios, praças, calçadões e túneis em Porto Alegre (e em todo país). A urbanização toma força e a televisão colorida surge em meio a crises e euforias pelo consumo. A “esquina maldita” concentrava os intelectuais e artistas da cidade para debater sobre política, beber e contestar as questões da época. 1978 foi o ano decisivo pela retomada da redemocratização. No ano seguinte, movimentos sociais, intelectuais, artistas e sindicatos mobilizam-se e criam o movimento “Deu pra ti anos 70” (PESAVENTO, 1999). Em 1979 é estabelecida a lei da Anistia, mesmo ano em que Porto Alegre aprova seu segundo Plano Diretor. O encontro da Avenida Borges de Medeiros com a Rua dos Andradas recebe o nome de “esquina democrática” por servir de palco a diversos debates políticos e sociais.

Com o fim da ditadura, em meados de 1985, surgem diversas tentativas de estabilização econômica e financeira com a construção de pacotes econômicos e moedas. Os movimentos

sociais, principalmente o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), tomam força. O crescimento populacional desordenado em Porto Alegre é marcado por bolsões de pobreza e pela verticalização de condomínios. A construção de *shoppings* fazem com que a burguesia deixe de frequentar alguns espaços públicos como a Praça da Alfândega, o Mercado Público, a Praça XV e a Praça Dom Feliciano.

A cena noturna da cidade ocupa o Bairro Bom Fim, a Avenida 24 de Outubro e a Cidade Baixa. Os morros, vilas populares e o Bom Fim, tornam-se focos de recorrentes discursos e cenários de criminalidade e violência, veiculados pelos meios de comunicação durante os anos de 1990. A redefinição de questões locais e nacionais torna a Praça da Matriz um território de reivindicações e ocupações políticas em massa para professores e movimentos sociais.

Ao narrar a história da cidade, Pesavento (1999), apresenta também os principais espaços de significações e tensões simbólicas. Estes elementos são de extrema importância para compreender os contextos sociais e históricos nas narrativas literárias em que Porto Alegre é o cenário. As ruas são para Pesavento (1992), a identidade própria para compreender o espaço urbano, pois é o espaço onde o imaginário coletivo constrói e institui. Desejos, sonhos e utopias revelam-se em consonância com as oscilações da História.

Para entender as narrativas produzidas sobre a cidade Pesavento (2002) detém seu olhar no final de 1800 e início de 1900, época que Porto Alegre sofria uma forte transição do rural para o urbano. Os escritores da literatura eram também redatores e editores dos jornais, almanaques e revistas locais, por isso, sua análise parte das crônicas e contos publicados nestes meios para então se dedicar também a três romances que marcaram a época.

Deste recorte, Pesavento (2002, p. 286) encontra quatro vertentes narrativas principais que identifica como: *saudosista*; *progressista*; *amargura provinciana* e *ambivalente*. A autora deixa claro que mesmo com a evidente distinção de gerações “[...] não representa um corte absoluto que classifique de modo fechado um grupo dentro desta ou daquela postura frente ao urbano. [...] a nostalgia do passado pode ser também captada nas obras da mocidade boêmia...”. Para além de compreender a cidade e sua história, Pesavento (2002) busca encontrar a sensibilidade nas obras dos autores analisados.

As representações sobre Porto Alegre na literatura contam inicialmente com a forte influência do Partenon Literário, movimento criado em 1868 pela elite letrada da cidade que buscava resgatar a brasilidade e a identidade nacional. Segundo Pesavento (2002, p. 257-258), “a

falta de um passado clássico ou de uma Idade Média foi compensada por uma representação glamourizada e romantizada da conquista, que deu aos primórdios da nação contornos de uma espécie de saga heróica, diluídos no *love affair* das duas raças”. Ou seja, ao estilo José de Alencar como fonte mítica, fundadora de uma “nova raça”, mistura do índio com o homem branco como descrito na obra *O Guarani*.

A autora identifica narrativas que partem da representação de uma cidade voltada à vida rural, às tradições campeiras e aos feitos da revolução de 1835. O campo é idealizado, assim como a integração homem-natureza que traz o pampa como cenário principal para autores como Apolinário Porto Alegre e Oliveira Belo (primeiro a recriar a figura do gaúcho na literatura em 1877).

No entanto, fatos históricos e políticos também se somam às construções das narrativas, o positivismo e as intervenções urbanas desenvolvimentistas necessitaram do urbano para se estabelecer. Segundo Pesavento (2002, p.263), “na proposta de progresso positivista, a cidade moderna configura-se como uma das imagens simbólicas da modernidade almejada”. O aumento populacional, a expansão do comércio e a migração do campo para a cidade trouxeram novos contornos e assimetrias para a cidade.

A vertente *saudosista* encontra na cidade transformada o que já não está mais ali e evoca a memória. Para Pesavento (2002, p. 305), “essa capacidade de reencontrar um ‘tempo perdido’ e recuperá-lo pela lembrança, tem, sem dúvida, um sabor nostálgico, sem que necessariamente, o narrador deplora a mudança havida”. O saudosismo agrega em seu discurso valores morais e conservadores que a traduzem enquanto “cidade-vício” e/ou “cidade-virtude”, principalmente nas crônicas dos jornais.

A figura feminina é utilizada como metáfora para descrever a “cidade-vício” onde as mulheres saem da recata de seus lares e ganham as ruas, suas vestes e atitudes vaidosas faziam de si a imagem da “pouca vergonha”. De acordo com Pesavento (2002, p. 308), “a mulher em si, exemplificaria as potencialidades deletérias do progresso, como personagem central de um novo cenário citadino”. Ao contrário da “cidade-virtude” representada por cenários bucólicos e parados de uma cidade pacata.

A vertente *saudosista* confronta as imagens do passado e do presente que desdobram-se e polarizam-se no espaço por meio de características morais e estéticas. As festividades da roça perdem espaço na Porto Alegre metrópole. Caótica, a cidade mescla multidões, exhibe luxo,

ostentação e valoriza novidades consideradas inconseqüentes como freqüentar cinemas, cabarés e passear nas vias principais (*footing*).

O discurso *progressista* tem espaço e legitima-se nas crônicas publicadas nas revistas da época. A cidade deveria acompanhar as renovações urbanas, as mudanças de feições também associadas ao feminino, descreviam-na como a filha que de menina torna-se uma bela mulher, culta e elegante. Mas o progresso assume também a abertura para novas obras e intervenções que geravam caos. A cidade espetáculo incorporava o uso de termos franceses e ingleses como forma de evocar grandes metrópoles do mundo e no Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo eram as referências.

O fútil e a aparência são fetichizados nestas narrativas, as ruas tornam-se vitrines e as pessoas mercadorias delas próprias. A Rua da Praia (atual Rua dos Andradas) era o palco do desfile e a noite da cidade era embalada por cabarés e teatros na área central. Havia um notável esforço para que Porto Alegre fosse representada como cidade moderna e não colonial. Segundo Pesavento (2002), o viés dos discursos *progressistas* servia também para fins político-partidários.

Em contrapartida, Porto Alegre estaria muito longe de ser uma verdadeira metrópole conforme a vertente da *amargura provinciana*. Esta narrativa é composta por críticas e reclamações sobre a cidade, para os autores desta vertente, Porto Alegre é uma cidade defasada, seu cotidiano é inerte e pouco atrativo. A vida intelectual é rasa, a arquitetura é feia e a cidade jamais chegaria ao nível dos grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo ou Buenos Aires.

O foco *ambivalente* dos discursos está para além das crônicas, apresenta-se nos romances e novelas da época ao trazer o olhar *saudosista*, *progressista* e de *amargura provinciana* mesclados em uma mesma obra, segundo Pesavento (2002). A autora relata o estudo de três livros: *Estricnina* escrito por Mário Totta, Souza Lobo e Paulinho de Azureña em 1897; *Juca, o Letrado*, publicado em 1900 por Zeferino Brasil e *Castelo de Fantasmas* lançado por De Souza Junior em 1927.

Nestas obras Porto Alegre é representada com diferentes contrastes, como vila e metrópole onde pobreza e elite são narradas ocupando o mesmo ambiente, onde beber num cabaré ou numa taverna não possui diferença alguma. Uma cidade em que todos se conhecem... pequena e distante das outras capitais, é bela como o campo mas tem ares de metrópole. Não deixa de ser boêmia, mas conta com uma elite letrada imersa num cotidiano de vida cultural inexistente, falseado por histórias inventadas e publicadas nos jornais da cidade.

De modo geral, Pesavento (2002) apresenta a forma que os textos constroem as representações da cidade através dos imaginários ali expostos. A Porto Alegre moderna é estudada por Cruz (1994) a partir das obras de Reynaldo Moura em *A Ronda dos Anjos Sensuais*, *Caminhos Cruzados* de Érico Veríssimo e *Os Ratos* de Dionélio Machado. Cabe destacar que o interesse deste trabalho está em compreender as representações sobre a cidade na contemporaneidade, pois, muitos estudos desenvolvidos na área da História e da Literatura buscam compreender a cidade no passado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O modo em que o olhar é lançado sobre algo – é desta forma que Motta (2013) sintetiza o que é metodologia; afirma também que perceber o objeto de modo criativo pode gerar interpretações mais potentes. A preocupação central na pesquisa qualitativa é a descrição, compreensão e interpretação dos fatos. Esta pesquisa possui caráter qualitativo. Martins e Theóphilo (2007) destacam três situações em que indicadores qualitativos são primordiais no desenvolvimento da pesquisa:

- a) Quando as informações estatísticas são pouco relevantes e os indicadores qualitativos são evidentes;
- b) para a apreensão de dados psicológicos;
- c) para encontrar e compreender a complexidade dos elementos que compõem o objeto de estudo.

A análise na pesquisa qualitativa se dá através da interação contínua entre a transformação dos dados originais da pesquisa, a organização dos dados para facilitar a tomada de decisões e o delineamento e a busca de considerações sobre o resultado final. A validação dos dados ocorre pela consistência obtida no exame de elementos teóricos e os achados da investigação. De acordo com Martins e Theóphilo (2007) são dados qualitativos: descrições, citações diretas de pessoas, documentos, gravações de entrevistas, interações entre indivíduos.

O viés qualitativo efetiva-se, neste estudo, por meio da pesquisa bibliográfica. Segundo Eco (2009) a pesquisa bibliográfica possui como principal fonte de informação textos de fonte primária e secundária, as técnicas utilizadas são:

- a) A aproximação com a obra *Porto Alegre Imaginada* para contextualizar este estudo. A partir das questões levantadas pela pesquisa *Porto Alegre Imaginada* há a possibilidade de relacionar elementos do imaginário urbano em cada uma das narrativas literárias analisadas;
- b) aplicação de alguns elementos práticos da análise da narrativa para compreender o *corpus* empírico e seus elementos: descrição do autor, do enredo e dos personagens;
- c) categorização histórico-literária para identificar o perfil das narrativas a partir dos estudos de Pesavento (2002);
- d) a análise temática e hermenêutica, inserida na perspectiva da Teoria das Representações Sociais para a elaboração dos mapas representacionais de cada obra;

- e) identificação de enunciados simbólicos e elaboração do croqui (mapa afetivo) para apresentar as nuances do imaginário urbano presentes nas obras;
- f) elaboração de um mapa representacional com todas as obras analisadas para discutir aspectos de ancoragem e objetificação identificados nas obras analisadas.
- g) caracterização da *Porto Alegre Literária* como contribuição para a pesquisa *Porto Alegre Imaginada*.

Busca-se assim, inter-relacionar diferentes técnicas para compreender os efeitos narrativos criados sobre a cidade a partir das suas representações e a construção dos imaginários urbanos. A partir da sequência acima disposta, o item “a” e o item “g” buscam aproximar este estudo em um *contexto*, com a intenção de contribuir com o campo, ou seja, a pesquisa *Porto Alegre Imaginada* e os estudos sobre imaginários urbanos. Os itens “b” e “c” buscam caracterizar o *corpus* dentro do *objeto* estudado, ou seja, identificar e compreender quais são, as narrativas urbanas utilizadas na pesquisa. Os itens “d”, “e” e “f” pretendem identificar e constituir o âmbito simbólico e representativo da pesquisa no todo.

3.1 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS OBRAS

Conhecer o campo de pesquisa é essencial para compor os critérios de seleção das obras. O primeiro critério foi selecionar livros que não haviam sido estudados, este quesito contribui para a relevância e originalidade da pesquisa. O critério temporal também foi importante na seleção das obras, pois, correspondem ao intuito de estudar e compreender as narrativas e representações de Porto Alegre na contemporaneidade, a cidade no início do século XXI. Pesavento (2002) e Cruz (1994) publicaram livros dedicados a compreender a Porto Alegre do século XX. Da mesma forma que Moraes (2006), Quinto (2011), Mafra (2013) e Silva, G. (2014) buscaram a história da cidade em pesquisas focadas no século XIX e XX, de acordo com as informações levantadas no estado da arte (seção 1.4). Pretende-se então, selecionar obras que apresentem narrativas contemporâneas, preferencialmente recém lançadas no mercado editorial.

Nenhuma pesquisa é imparcial, tampouco, deveria estar distante dos afetos daquele que a escreve. Assim, os critérios de seleção voltam-se também para um olhar subjetivo que considera a relação que a narrativa estabelece na qualificação simbólica entre o espaço físico e seus personagens. Este critério só pode ser avaliado com o acesso direto à obra e uma breve leitura de

alguns trechos. *A Porto Alegre literária no início do século XXI*, necessita ser descrita a partir de obras selecionadas, por elementos qualitativos que narrem a cidade e seus territórios a partir do sensível, do senso comum, dos sentidos, dos símbolos e significações.

Considera-se ainda o nível de popularidade e reconhecimento dos autores selecionados. Prêmios recebidos e grau de divulgação nos meios de comunicação, pois, estes fatores são determinantes para o estabelecimento de representações sociais partilhadas de modo amplo e significativo. Tanto em nível nacional com as obras de Maria Valéria Rezende (*Quarenta Dias*) e Daniela Galera (*Meia Noite e Vinte*), quanto em âmbito local como é o caso do romance de estréia *Imóveis Paredes* de Miguel da Costa Franco. O conteúdo crítico, social e político das obras também são levados em conta.

Enfim, para além de critérios tradicionalmente estudados nas teorias literárias, como por exemplo, os aspectos “técnicos” de construção narrativa, o mais importante foi verificar se os trechos trariam discursos carregados de valor afetivo ao explicitar emoções e sentimentos distintos em relação ao espaço urbano. Ou seja, não basta que a história (ou a maior parte dela) se passe em Porto Alegre, é preciso evocar a cidade através das vivências nela e com ela partilhadas. Surgem destes critérios, a importância deste estudo pela perspectiva da informação e da comunicação.

3.2 ANÁLISE DA NARRATIVA

Toda a teoria operacional da perspectiva comunicativa assumida por Motta (2013) fundamenta-se em Ricoeur (1994), pois, Motta (2013) considera as narrativas dispositivos produtores de significado. A palavra constitui-se o elo entre o narrador e o receptor e estabelece relações culturais em que o significado torna-se o produto da interação entre ambos. Esta perspectiva se estabelece a partir da Tríplice Mimese (RICOEUR, 1994). Por isso, esta pesquisa ampara-se no modelo de aplicação da análise narrativa a partir de Motta (2013) para a identificação do *corpus* e do objeto de estudo, ou seja, para caracterização do autor, descrição do enredo e identificação dos personagens da narrativa, especificamente.

Para isto, a análise da narrativa efetiva-se enquanto técnica fundamentada na hermenêutica, pois, de acordo com Motta (2013, p. 124) é uma “[...] técnica de interpretação dos discursos a respeito de uma realidade constituída de fenômenos concretos e abstratos”. Os

fenômenos que produzem sentido a determinado objeto, formam tessituras cognitivas que classificam e oferecem visibilidade através dos significados culturais e contextos sociais.

Motta (2013) descreve os procedimentos operacionais da análise da narrativa e estabelece um conjunto de etapas que mesmo pragmáticas, devem ser traçadas a partir das especificidades de cada estudo, num caminho próprio e individual (quadro 4). O plano operacional está composto por três instâncias: *plano da expressão* (discurso, linguagem); *plano da estória* (conteúdo, enredo da narrativa) e; *plano da metanarrativa* (composto pela fábula, modelo de mundo) que nesta pesquisa, será direcionado para teorias representacionais e simbólicas específicas.

Para que o pesquisador desenvolva estudos conjugando estas três instâncias, Motta (2013) descreve uma série de movimentos a serem seguidos. Estes passos (ou movimentos) auxiliam no processo de contextualização e coleta de dados do objeto empírico. O plano da estória e o plano da expressão são importantes para a descrição do *corpus* de pesquisa diante do enquadramento do objeto nas obras selecionadas.

Quadro 4 - Planos e estágios da Análise da Narrativa; com base em Motta (2013)

Planos e estágios da Análise da Narrativa
<i>Plano da Estória (enredo)</i>
1) Compreender a intriga
2) Compreender a lógica do paradigma narrativo
3) Identificação dos episódios
<i>Plano da expressão (discurso)</i>
4) Identificação do conflito
5) Identificação das personagens
<i>Plano da metanarrativa (representação, fábula)</i>
6) Identificação das estratégias narrativas
7) Identificação das metanarrativas

Fonte: STUEBER, 2016

O primeiro deles é *compreender a intriga*, determinar com exatidão o início, o meio e o fim do enredo. Levantar, compor e recompor as relações lógicas cronológicas, as ações realizadas e suas finalidades, sistematizar as informações. Para isto, o analista deve anotar tudo o que ocorre nas leituras e releituras em uma planilha estruturada de acordo com os objetivos do estudo. O ponto de vista do narrador também deve ser levado em conta, Motta (2013) sugere observar a perspectiva da narração e os enquadramentos por ele (a) utilizados.

Quadro 5- Compreender a intriga; com base em Motta (2013)

Plano da intriga	
Objetivo: verificar como Porto Alegre é narrada em <i>[nome da obra]</i>	
Início do enredo	
Meio do enredo	
Fim do enredo	
Tempos da narrativa	
Principais ações	Finalidade das ações
Ponto de vista do narrador	

Fonte: STUEBER, 2016

O segundo passo constitui-se em *compreender a lógica do paradigma narrativo* (quadro 6). Ou seja, para além da estória ou do fato narrado, deve-se indicar os aspectos éticos e estéticos do clímax e/ou da tensão narrativa. Os gestos demonstrativos (dêiticos) são elementos que contribuem para este processo. Motta (2013) afirma que os dêiticos são elementos do discurso que situam os sujeitos e os enunciados dentro de um determinado espaço e tempo no ato comunicativo. Os dêiticos são expressos junto de pronomes demonstrativos, pessoais, por advérbios de espaço e tempo e contribuem de modo estratégico para o desfecho narrado.

Quadro 6- Compreender o paradigma narrativo; com base em Motta (2013)

Lógica do paradigma narrativo	
Em <i>[nome da obra]</i>	
Ética do clímax	Estética do clímax
Ação	
Espaço	
Tempo	
Dêiticos	

Fonte: STUEBER, 2016

A *identificação dos episódios* (quadro 7) é o terceiro passo da análise narrativa pragmática. Cada episódio é uma unidade semântica que pode ou não estar apresentado de maneira sequencial.

Quadro 7- Compreender os episódios; com base em Motta (2013)

Identificação dos episódios Em [nome da obra]	
1	
2	
3...	

Fonte: STUEBER, 2016

O quarto passo refere-se à *identificação do conflito* (quadro 8) e suas possíveis implicações políticas, psicanalíticas e sociais. É através do conflito que é possível perceber a forma que o narrador insere estrategicamente personagens, intrigas, tensões e como a realidade foi cognitivamente enquadrada.

Quadro 8- Compreender o conflito; com base em Motta (2013)

Identificação do conflito Em [nome da obra]		
Implicações políticas	Implicações psicanalíticas	Implicações Sociais

Fonte: STUEBER, 2016

A *identificação de personagens* (quadro 9) é o quinto passo que compõe a análise narrativa. Entende-se personagem para além do caráter humano, ou seja, pode estar representado por um ser dotado de características antropomórficas, mas também pode ser um conceito. A ação e o foco da narrativa giram em torno da personagem, para Motta (2013, p. 175), “[...] a personagem se tornou uma espécie de signo de ancoragem (um quase papel-temático) de todos os conflitos narrados”. Tanto nas narrativas fáticas, quanto nas fictícias, as personagens suscitam sentidos (simpatia, compaixão, aversão, dores, angústias), é preciso identificar de maneira estratégica, quais as qualificações atribuídas pelo narrador. Pois, é a partir destas descrições que o leitor interpreta e forma a imagem das personagens, instituindo uma relação de construção compartilhada (coconstrução).

Quadro 9- Identificação dos personagens, com base em Motta (2013)

Identificação das Personagens Em [nome da obra]	
Personagem	Qualificações
Sujeito X	
Outros...	

Fonte: STUEBER, 2016

O sexto passo trata das *estratégias narrativas*. Conforme Motta (2013, p. 196), “[...] estudar toda e qualquer narrativa é descobrir os dispositivos retóricos capazes de revelar o uso intencional de recursos lingüísticos e extralingüísticos pelo narrador no processo de comunicação”. Ou seja, toda narrativa é um dispositivo argumentativo em que não há neutralidade ou imparcialidade.

A interpretação permite que o leitor construa a narrativa e seus significados de modo dinâmico e criativo. Algumas estratégias podem ser aplicadas para desvendar as formações retóricas de um texto, como por exemplo, identificar o uso freqüente de citações, lugares referenciados, delimitações temporais e a inserção de números e estatísticas. A produção de efeitos estéticos também pode ser observada, pois a partir destes, são gerados os efeitos de sentidos poéticos e simbólicos. Neste estudo o desenvolvimento das *estratégias narrativas* efetiva-se por meio de teorias específicas, ou seja, através das teorias do imaginário (CASTORIADIS, 2007; SILVA, A, 2011) e da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2012), principalmente porque estas são primordiais para a elaboração dos mapas representacionais e croquis.

3.3 TÉCNICAS PARA A ELABORAÇÃO DE CROQUIS E MAPAS REPRESENTACIONAIS

O croqui da cidade é formado a partir de citações que elucidam os sentidos, sentimentos e impressões instituídas nas falas dos sujeitos/personagens das narrativas literárias (SILVA, A, 2011). A formulação dos mapas representacionais parte da interpretação e hermenêutica proposta por Spink (2013) por meio de análise de conteúdo e busca desvendar as associações e idéias subjacentes nos principais enunciados de um discurso. A coleta de enunciados simbólicos contribui para identificar e mapear os elementos cognitivos, o cotidiano e o investimento afetivo dos discursos a fim de extrair e ordenar as representações sociais.

A técnica de construção de mapas representacionais que serve de exemplo para a aplicação neste estudo é utilizada por Guareschi (2000) na obra *Construtores da Informação*. O primeiro passo para sua formulação é a identificação de enunciados simbólicos ou “unidades de sentido” e seu respectivo agrupamento em categorias. Cada categoria pode afetar distintas dimensões associadas ao contexto histórico, social, cultural, político e afetivo dos sujeitos. Após agrupar os enunciados em categorias, busca-se identificar os processos de ancoragem e

objetificação (MOSCOVICI, 2012) que contribuem para legitimação de sentidos das representações encontradas.

3.4 A *PORTO ALEGRE LITERÁRIA*: DIÁLOGOS COM O PROJETO *PORTO ALEGRE IMAGINADA*

Esta parte do estudo busca verificar quais as representações sobre a cidade podem surgir através das narrativas literárias a serem analisadas, com base nos mesmos critérios utilizados na pesquisa *Porto Alegre Imaginada* (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012, p. 194-203). São elementos extremamente relevantes que podem estar presentes nas narrativas, no entanto, não significa necessariamente que todos os itens serão encontrados nas obras analisadas.

a) Aspectos físicos da cidade

- clima; cores; período do dia que há maior identificação dos sujeitos em relação à cidade;

b) Percepções sobre a cidade

- sentimentos que a cidade suscita em seus habitantes;

c) impressões e narrativas sobre a cidade

- como é narrada; e como é dada a voz aos atores sociais;

d) práticas de lazer

- o que fazem para se divertir;

e) espaços culturais

- lugares da cidade que simbolizam “templos culturais”;

f) cultura alimentar

g) músicas

h) aspectos locais

-sujeitos, eventos e; lugares mais freqüentados;

i) territórios

- de cultura; lazer e; memória afetiva e;

j) emblemas e símbolos tradicionais.

A verificação destes elementos distribui-se em duas etapas descritas nos itens “a” e “g” (seção 3). A primeira relação mescla-se com a estrutura técnica das narrativas, pois, está aliada às

descrições sobre o autor e como a cidade é concebida a partir dos critérios anteriormente pontuados (itens a-j). A segunda relação é um paralelo entre as respostas encontradas em cada obra, configurando assim, a *Porto Alegre Literária* enquanto vertente da pesquisa *Porto Alegre Imaginada* (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012).

3.5 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA

Este item busca relacionar a natureza discursiva das narrativas em paralelo com os estudos de Pesavento (2002). Pois, por mais atuais que as obras possam ser, a origem do discurso, possivelmente pode estar amparada em características não temporais, mas sim em vertentes comportamentais básicas:

- a) *Vertente saudosista*;
- b) *vertente progressista*;
- c) *amargura provinciana*;
- d) *vertente ambivalente*.

A *vertente saudosista* possui um teor nostálgico, depara-se com a cidade transformada e evoca a memória daquilo que não está mais ali. Valores morais e conservadores são suscitados de algum modo, criando ambivalências de sentido (morais e estéticas), as quais Pesavento (2002) denomina como “cidade-vício” e/ou “cidade-virtude”.

A *vertente progressista* fundamenta-se em discursos abertos para o novo, equipara a cidade às grandes metrópoles do mundo. Apropria-se de termos estrangeiros, evoca o fútil, o consumo e a mercantilização das pessoas. As ruas tornam-se passarelas e espaços de ostentação. Segundo Pesavento (2002), esta vertente é utilizada com frequência para fins político-partidários, em revistas e anúncios publicitários, mas pode também estar marcada em narrativas literárias.

A *amargura provinciana* é formada por constantes críticas e reclamações da cidade, esta jamais alcançaria um grau aceitável de qualidade de vida e desenvolvimento, defasada, atrasada, pobre intelectualmente e com arquitetura feia e inerte ao tempo. A *vertente ambivalente*, mescla os distintos olhares numa mesma obra. O olhar saudosista, progressista e de amargura provinciana formam juntos contrastes. Em que a cidade possui ares de vila e de metrópole, por exemplo.

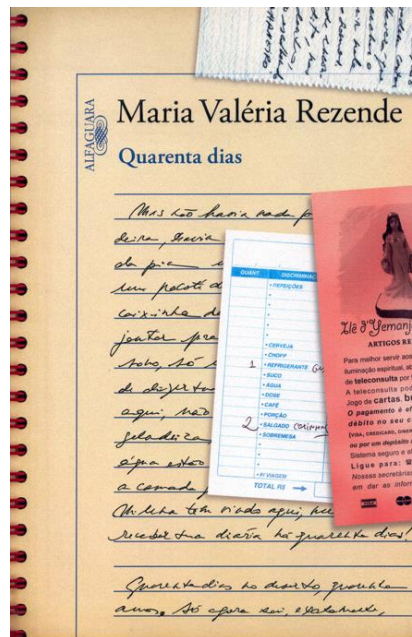
4 A PORTO ALEGRE IMAGINADA POR MARIA VALÉRIA REZENDE

Pra onde ir?, por enquanto pra lugar nenhum, continuar escondida ali, invisível entre os invisíveis com suas garrafas térmicas e suas cuias de chimarrão, espiando, por todo tempo que eu quisesse, aquele pedaço de mundo no qual tudo que a cidade quer esconder abre-se como um abscesso supurado.

Quarenta dias

Maria Valéria Rezende nasceu em Santos, SP e é freira desde os dezoito anos de idade. A educação popular norteia sua vida, atuou nas periferias de São Paulo e em 1972 foi para o Nordeste no meio rural. Vive em João Pessoa desde 1986. Sua primeira obra foi lançada em 2001, desde lá têm escrito várias obras reconhecidas no meio literário. *Quarenta Dias* (Fig. 1), recebeu o Prêmio Jabuti³ de melhor romance em 2015.

Figura 1- Foto de capa da obra *Quarenta Dias* de Maria Valéria Rezende



Fonte: Agência Riff, 2014

³ Prêmio Jabuti é o mais importante prêmio literário do Brasil.

Os imaginários urbanos evocados por Maria Valéria Rezende em *Quarenta Dias* revelam traços interessantes da cidade. Alguns estão descritos a seguir, levando em consideração elementos da pesquisa Porto Alegre Imaginada (JACKS, MORIGI, OLIVEIRA, 2012).

A narrativa se passa durante a primavera. O *clima* oferece temperaturas amenas durante o dia, ventos ao entardecer e frio à noite. As *cores* da cidade descrevem o verde dos gramados e árvores dos parques, durante as tardes longas, destacam-se os tons azulados que variam de intensidade até o anoitecer. Os *períodos do dia* em que há maior identificação dos sujeitos em relação à cidade são as manhãs e tardes. A narrativa descreve também as noites e madrugadas porto-alegrenses.

As *percepções* sobre a cidade variam de acordo com a perspectiva dos personagens. Suscitam *sentimentos* de admiração e desejo de quem vive distante e conhece a capital apenas pela TV, revistas e jornais. É o retrato de um “sul” desenvolvido, rico, de gente “chique”, bonita e inteligente. As *percepções* mudam com a experiência de estar nas ruas de Porto Alegre, sentimentos de indiferença, espanto, aversão e surpresa surgem de acordo com os acontecimentos vivenciados pela protagonista.

A abertura de cada capítulo traz imagens com diferentes aspectos da cidade. *Folders* com produtos e serviços existentes traduzem traços típicos da capital: restaurantes com comida farta, cursos diversos, oferendas e trabalhos religiosos, serviços de beleza, anúncios de carros e imóveis. Diferente da cidade *narrada* pelo texto, com suas mazelas e problemas sociais. Ao mesmo tempo, Porto Alegre mostra-se tão comum como qualquer lugar do mundo. A construção narrativa da obra provoca o leitor à medida que a protagonista transforma sua identidade. Junto desta transformação ressurgem *as vozes dos atores sociais* levantadas pela população de baixa renda, os moradores de rua, os trabalhadores da base. Evoca a voz das vítimas da ditadura na América Latina, pelas lembranças esparsas do ex-marido Aldenor e pela figura de Arturo, morador do viaduto da Borges, exilado de seu país.

As *práticas de lazer* são registradas pelo gosto de leitura da personagem ao carregar consigo uma pilha de livros e “roubar” frases de outros nos sebos da cidade, anotando-as em pequenos pedaços de papel recolhidos do chão. Também pelas práticas de escrita no caderno, meio pelo qual toda estória é contada, como se escrevesse um diário. Descreve ainda, o gosto pelo futebol dos moradores de um dos bairros que percorre.

Não são descritos *espaços culturais* específicos, “*templos*”. A personagem faz referência aos sebos espalhados pela cidade e a variedade produtos e pessoas que circulam na rodoviária. A *cultura alimentar* é extensa: chá, torradas, “chimia”, queijo serrano, maçã, leite; café, coxinha engordurada; sopas; frutas; pão com manteiga e mel; empada, “calça-virada”, pipoca... O chimarrão e o café são bebidas bastante citadas. O chimarrão causa estranheza à personagem, ao longo da narrativa, ela nega com frequência a oferta da bebida. Permite-se provar o mate quente e amargo no final da estória, desde então, a bebida torna-se significativa. Não há referências *musicais* na narrativa, o som fica por conta do vento, das folhas das árvores e do canto dos pássaros em um cochilo no parque da Redenção.

Não são descritos *eventos* específicos da cidade. Os *aspectos locais* destacam os *sujeitos* e os *lugares* percorridos pela protagonista. A personalidade mais conhecida citada, foi o escritor Moacyr Scliar. Os sujeitos evocados são as pessoas comuns, com quem vai cruzando no caminho. O gaúcho, diferente da imagem idealizada construída; moradores dos bairros populares que originários de diferentes estados do Brasil; moradores de rua; gaúchos negros; trabalhadores da construção civil, mulheres e crianças da periferia.

Maria Valéria Rezende leva os leitores para *lugares* da cidade pouco ou jamais frequentados. Destacam-se: a Vila Maria Degolada ou Vila Maria Conceição, o Hospital Psiquiátrico São Pedro; Beco da Bruxinha; Vila João Pessoa; Campo da Tuca; Vila São José; Vila Quede; Quilombo da Família Silva; vários alojamentos de trabalhadores da construção civil; Sofazão e Curva da Cobra. Cita também o Hospital de Clínicas de Porto Alegre; Santa Casa; Praça Dom Feliciano; Rodoviária; Viaduto da Borges, entre outros.

Os *territórios de cultura, lazer e memória afetiva* não estão firmados, pois a personagem narra os primeiros dias em Porto Alegre e ainda não estreitou os vínculos afetivos com o lugar. O Hospital das Clínicas, a rodoviária e o parque da Redenção servem de abrigo durante suas andanças pela cidade. Os sebos, de certa forma confortam e distraem a personagem. Os *emblemas e símbolos tradicionais* da cidade são representados pelo pôr do sol, pelo chimarrão constantemente oferecido para a personagem e pela evocação da lenda urbana sobre Maria Degolada.

4.1 A PORTO ALEGRE DOS “OUTROS” EM *QUARENTA DIAS*: ENREDO E PERSONAGENS

Quarenta Dias, conta a história de Alice, personagem que se vê arrancada de sua cidade, João Pessoa, para viver em Porto Alegre. Norinha, sua filha casada com um gaúcho da capital, decide ter um filho. Alice é obrigada a largar tudo, vender sua casa e se desfazer de seus objetos para ajudar a filha a cuidar de uma criança que sequer havia sido concebida. Alice consegue trazer consigo algumas roupas, livros e um velho caderno com a boneca Barbie na capa.

Por fatos inusitados, Alice fica sozinha na cidade. Da Paraíba, uma vizinha clama por notícias do filho, Cícero Araújo, que foi para Porto Alegre trabalhar na construção civil e não deu mais notícias. Em busca de Cícero, mas também numa espécie de fuga e reencontro consigo mesma, Alice adentra a cidade desconhecida. Explora ruas e bairros de Porto Alegre e da região metropolitana para além dos territórios famosos por sua beleza, infraestrutura e qualidade de vida.

Nesta trama, além da cidade apresentada ao “avesso”, ressurgem personagens que algumas vezes deixam de ser percebidos e reconhecidos por recusa ou naturalização da essencialidade de suas existências. Trabalhadores e trabalhadoras que fazem a cidade acontecer, atuam no comércio, nas casas e apartamentos de classe média e alta, nas construções. Há também aqueles que sequer trabalham, apenas existem calados, sobrevivem e protegem-se da chuva, dos extremos de frio e calor, são o retrato da fome e a tradução do preconceito.

Alice é professora de francês e viúva de Aldenor, desaparecido político na época da ditadura militar; Tem pouco mais de cinquenta anos de idade. Na Paraíba, deixou sua casa e grande parte de sua história, revive algumas lembranças quando se depara com o mundo desconhecido diante de si. Aponta poucas referências sobre o local do apartamento arranjado pela filha, pois sai pela cidade sem vontade de voltar para casa. Alguns pontos de referência indicam os arredores do Bairro Rio Branco ou Santana.

Norinha, a filha egocêntrica, vem para Porto Alegre para viver com Alberto, gaúcho da capital, pesquisador na Universidade Federal. Antes mesmo de engravidar, vai embora do país para acompanhar o marido contemplado com uma bolsa de estudos. Deixa a mãe sozinha na cidade. Não há informações exatas sobre a idade tampouco o lugar que vive na cidade.

Cícero Araújo, filho de uma vizinha de Alice, trabalha na construção civil. No desenrolar da narrativa, Cícero assume a identidade dos trabalhadores nordestinos que rumam para o “sul” com a esperança de melhorar de vida. Cícero é o sujeito onipresente da narrativa, jamais será encontrado, mas ao mesmo tempo está em todas as partes.

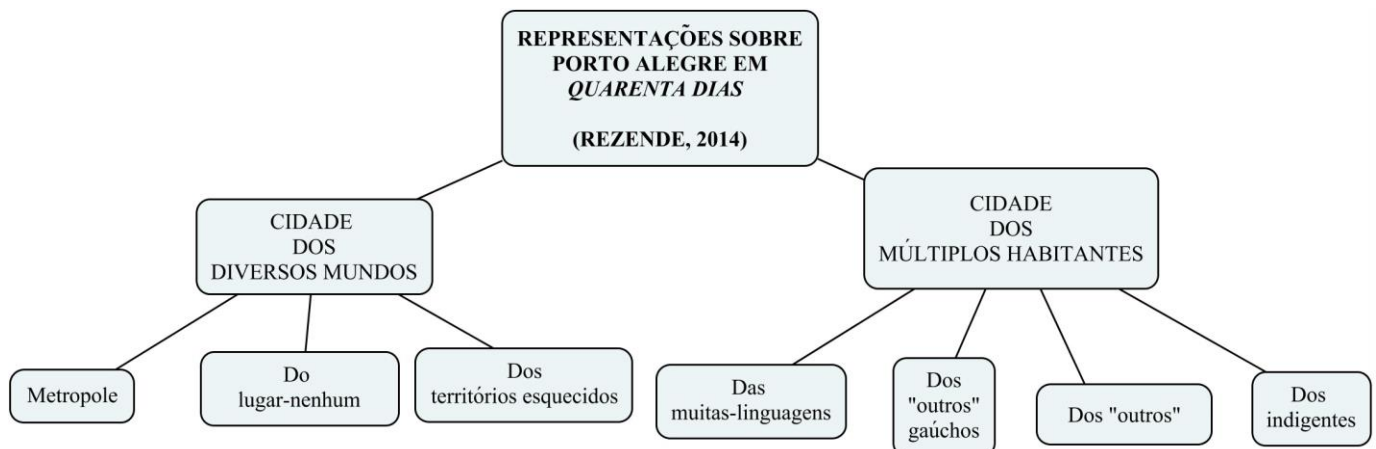
Barbie. Caderno escolar velho em branco, com a foto da boneca na capa. Um dos poucos objetos que Alice trouxe na mudança para Porto Alegre. Barbie, aos poucos, se torna sua confidente, caderno de memórias no qual descreve seus sentimentos e percepções sobre a cidade.

A narrativa não define um ano específico, considera-se a contemporaneidade a partir do ano de publicação (2014) e de relatos sobre o processo de produção em entrevistas da autora publicadas na internet. Aparentemente a obra começou a ser escrita em meados de 2012. Pelos olhos de Alice, mergulhada nas fissuras da cidade (em analogia à obra *Alice no País das Maravilhas*), Maria Valéria Rezende explora Porto Alegre por um ângulo quase desconhecido. Apresenta elementos simbólicos interessantes que ampliam as representações sobre a cidade.

4.2 A PORTO ALEGRE EM *QUARENTA DIAS*: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES

As representações sobre a cidade construídas por quem não a conhece, apresentam características interessantes. Destacam-se neste processo, duas representações principais, a *cidade dos diversos mundos* e a *cidade dos múltiplos habitantes*.

Figura 2 – Representações sobre Porto Alegre em *Quarenta Dias* (REZENDE, 2014)



Fonte: da autora, 2017

As relações com o espaço e com os *Outros* influenciam intensamente os conflitos e os processos de ressignificação de identidade da protagonista. Evoca os aspectos culturais da cidade através do registro dos comportamentos e da linguagem dos moradores da cidade.

A cidade dos diversos mundos

A *cidade dos diversos mundos* está permeada de virtudes e armadilhas. A Porto Alegre metrópole é elevada a inúmeros adjetivos e adquire traços de lugar único. Desenvolvida, rica, bela e culta... Mas, a terra dos escritores e das oficinas literárias é também violenta, caótica, enorme, a “barca do inferno”. A cidade das grandes avenidas, distanciada da realidade e dos vínculos afetivos da protagonista, apresenta-se hostil, cruel e impiedosa. Lugar onde a aparência física é termômetro para ser ou não ser reconhecido. Durante a narrativa, Alice descreve o tratamento ríspido, muitas vezes sutil, dos olhares lançados de cima a baixo, por causa de seu sotaque nordestino e da aparência descuidada que adquire com o passar do tempo.

Estranha e vaga, a cidade adquire referências homogêneas presentes em qualquer lugar do Brasil e do mundo. Prédios com estilo padronizado, resumidos em concreto e vidro espelhado. Lojas de 1,99 encontradas em quase todas as cidades do país, com objetos inúteis de cores gritantes e produtos de plástico produzidos por trabalho escravo. Hospitais lotados de sofrimento e dor.

Já não sou capaz de reproduzir assim, detalhadamente, em sequencia quase exata, os caminhos que percorri depois que me soltei de uma vez, à deriva de corpo e alma. Esses já não eram propriamente caminhos, eram sucessivos buracos, frestas, rachaduras na superfície da cidade pelas quais eu ia passando de mundo em mundo, ou era vagar por mundo nenhum... (REZENDE, 2014, p.102)

A *cidade dos diversos mundos* é formada por espaços míticos e/ou por mazelas, basta adentrar em suas frestas. Lugares pouco ou nada atrativos que não servem para o lazer, são *territórios esquecidos*.

O Hospital Psiquiátrico São Pedro, retrato do abandono, desperta sentimentos de curiosidade e apreensão diante da sua fachada. Dentre os lugares mais explorados pela personagem, está a Vila Maria Conceição, ou Vila Maria Degolada, estigmatizada por uma das mais famosas lendas urbanas da cidade. Quando explorada pela protagonista, revela-se um local simples, de casas amigáveis, diferente das favelas existentes em sua terra-natal. O cenário muda à

medida que Alice adentra o bairro, os mistérios em torno da lenda, povoam também os moradores. As versões variam de acordo com o imaginário, as crenças e a memória evocada pelas diferentes interpretações passadas de geração em geração. A partir da fala dos moradores locais, Alice ouve algumas versões (REZENDE, 2014), (reproduzidas abaixo de modo indireto):

- Era uma rapariga de má vida que se meteu num enrosco com um brigadiano;
- Não é santa; santa é invenção do povo; -“santa do pau oco”;
- Emigrante alemã, Maria Francelina... aconteceu em 1.800.
- Sim é santa. Há fieis que afirmam que a menina atende os pedidos para quem faz promessas para ela.. é milagreira sim...
- Era mulher honrada que não deixou o brigadiano se aproveitar dela.
- Era menina novinha que levava o almoço para o pai no alto do morro. Um soldado da brigada passava cercando ela, mas ela não cedia. Um dia o soldado ficou com raiva e cortou a cabeça dela. Era pura e morreu honrada.

Múltiplos imaginários e representações transformam a figura da menina em santa, em assombração ou adolescente pervertida... Em versões recentes torna-se símbolo de luta contra o feminicídio, segundo coletivos feministas. Durante as idas e vindas ao bairro, os moradores deixam claro que não é do agrado da maioria a denominação Maria Degolada, o local chama-se Vila Maria Conceição.

A cidade dos diversos mundos leva os leitores a percorrerem os avessos e as fissuras de Porto Alegre. Sofazão, Campo da Tuca, Vila São José, Vila Quede, Beco da Bruxinha, Quilombo da família Silva... são alguns lugares pertencentes à cidade dos *territórios esquecidos*. A personagem visita ainda, muitos alojamentos dos trabalhadores da construção civil. *A cidade do “esquecimento”* neste caso está associada ao desconhecimento e à indiferença que há em relação a estes espaços. Junto destes territórios, *a cidade dos diversos mundos* é vivenciada pela cidade dos *múltiplos habitantes*.

Cidade dos múltiplos habitantes

O *Outro* constitui o *Eu*. Na fuga de si mesma, sob o pretexto de encontrar Cícero Araújo, a protagonista vaga por territórios desconhecidos e encontra inúmeros sujeitos e histórias. Alice parece ter deixado sua identidade há quilômetros de distância das terras do Sul, mas nas andanças

pela cidade, evoca lembranças, quebra paradigmas e reconstrói-se. Neste processo de transformação, desvela as cidades dos *múltiplos habitantes*.

Considerar a cidade a partir dos sujeitos que a habitam, implica compreender os distintos aspectos culturais e de linguagem. Alice surpreende-se com os “bahs” freqüentes empregados para expressar qualquer coisa. A relação de intimidade dos moradores com os nomes das ruas dão a impressão de que Porto Alegre é a cidade das “avenidas andróginas”: “a” Bento, “a” Protásio, “a” Borges... “Vila é favela”. As comidas têm nomes diferentes em sua terra: “Gróstolis é calça-virada”, “cacetinho” soa-lhe ofensivo... Antes de chegar a Porto Alegre, jamais havia ouvido falar na palavra “brique”.

As narrativas sobre a cidade e o sul do país que chegam ao nordeste, não destacam a intensa presença das culturas negra e indígena. Alice surpreende-se ao ver tantos negros e terreiros de matriz africana na capital. Jamais havia pensado encontrar uma comunidade quilombola protegida, no alto de um dos morros da cidade, rodeado de prédios à volta. E desconstrói a figura de gaúcho:

Quem servia era um homem já idoso, nada a ver com as imagens de gaúcho de churrasceria que eu tinha pregadas na imaginação, nem alto e louro, nem moreno bigodudo, de chapéu preto, lenço vermelho, laço no ombro e bombacha bufante. Baixinho e chochinho, com um resto de bigode fino, um bonezinho achatado na careca, camisa branca encardida e um lenço branco amarrado no pescoço. (REZENDE, 2014, p.96).

Percebe-se a força da imagem idealizada dos gaúchos e do sul. Mas *a cidade dos múltiplos habitantes* é também a Porto Alegre de pessoas e culturas de diferentes partes do país.

A autora, através da personagem, denuncia o preconceito naturalizado no uso de termos como, “brasileirinha (o)”, utilizado por algumas pessoas para identificar quem é “de fora”. A origem variada dos moradores vindos das diferentes partes do Brasil, não escapa de constantes generalizações:

[...] não ia achar mais paraibano nenhum, que, nesta cidade, de “lá” só chegam “baianos”. (REZENDE, 2014, p.241).

Confusões cometidas pela falta de noção e conhecimento dos gaúchos e porto-alegrenses sobre os “outros” habitantes dos estados para além da região Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. A *cidade dos muitos habitantes* é também segregária.

Cícero Araújo, jovem por quem Alice procura pelos bairros mais desassistidos da cidade, assume a voz dos desaparecidos, daqueles que saíram de casa e nunca mais deram notícias. Evoca

também, os milhares de conterrâneos paraibanos e nordestinos que habitam Porto Alegre, pois a busca por Cícero aproxima a personagem dos seus:

Eu quieta, ouvindo, gozando aquela fala que era, sim, pura Paraíba, sertão, dava pra ouvir, pra sentir até os cheiros da terra, mais do que na fala de Penha, ainda de “lá”, mas já se agauchando. (REZENDE, 2014, p.203).

Alice conforta-se diante das referências de sua terra, numa cidade que antes parecia vazia de sentidos. Cícero, imaginário e verdadeiro, representa por fim, a massa de trabalhadores da construção civil, a força que movimenta as construtoras da cidade. O lado humano, digno de respeito e consideração diante das faces corruptíveis da especulação imobiliária. O mundo dos trabalhadores da construção civil, vindos de todas as partes do Brasil, é o lado, que pouco ou nada se sabe, mas que na narrativa sutilmente é revelado.

A cidade dos múltiplos habitantes aborda ainda, a presença dos moradores de rua, invisibilizados intensamente mesmo presentes em todas as partes da cidade. A personagem parece não estar habituada com a presença de mendigos e indigentes no início da narrativa. Sente medo quando é segurada pelo braço por um deles. Impressiona-se com os vultos enrolados em cobertores, estirados nas calçadas ou catando das lixeiras os sobejos do consumismo dos outros. No entanto, sem saber voltar para casa, é entre eles que se sentirá acolhida:

Lola, Arturo, foram só os primeiros, depois vieram tantos outros! Fui aprendendo, ficando mais e mais igual a eles, quase todos os dias conseguia achar Giggio, tão menino!, eu, de novo mãe, por um momento, passando-lhe a mão nos cabelos, os olhos dele sempre úmidos a ponto de escorrer, sempre a mesma queixa, O Pai me jogou pra fora de casa porque eu sou artista, Que arte é a tua, Giggio?, Não sei ainda, só artista, o Pai me jogou na rua. Ao Giggio, faltavam o pai e uma arte, à Catarina, carregando sempre seu enorme bebe de vinil, nu, mas quase novo, limpo dos inúmeros banhos que ela dava no lago do Parque Farroupilha, gemendo sempre Quero um menino, preciso de um menino... E este, Catarina, não é teu? Este não é de verdade. Nunca descobri o que lhe teria acontecido, terá algum dia tido seu menino?, sumiu como Cícero, deixou-a como a minha menina?, fugiu ela de tudo, como eu? (REZENDE, 2014, p.237).

A cidade dos múltiplos habitantes revelada em *Quarenta dias* evoca a voz das maiorias caladas. Da Porto Alegre das múltiplas culturas e territórios. De um Sul tão único e ao mesmo tempo tão igual ao resto do Brasil, formado pelo povo de todas as cores, com as mesmas pobreza, violências, dores e solidariedades. Igual à terra de Alice há quilômetros de distância. Uma estória sobre como o *território* em que se vive, marca e constrói a identidade, produz representações.

4.3 ASPECTOS HISTÓRICO-LITERÁRIOS DA NARRATIVA

Quarenta dias, assume características da *vertente progressista*. Em alguns trechos Porto Alegre é comparada com as maiores metrópoles do Brasil e do mundo. Para convencer Alice a vir morar em Porto Alegre, Norinha sua filha, argumenta que a capital é uma “metrópole moderna”, cidade de “verdade”, grande e cheia de atrativos. Pesavento (2002) descreve que a vertente progressista acompanha as renovações urbanas e distancia-se de traços coloniais. *Quarenta dias* destaca as larguíssimas avenidas com pontos de ônibus espalhados entre elas, como se fossem “ilhas”. O olhar atento da personagem registra:

[...] vendo vagamente passarem avenidas e prédios que não me diziam nada, uns com cara de luxo padronizado que se espalha igualmente de Dubai a Xangai passando até pelo “edifício mais alto do Brasil” [...] outros sem construção ou abandonados, sei lá, com aspecto de ruína, tudo tão misturado que a gente fica sem saber se a cidade está nascendo ou morrendo. (REZENDE, 2014, p.99)

O trecho acima evidencia que a autora não aproxima a capital da *vertente progressista* com exaltações, fetiches e espetáculos (características também presentes nesta categoria). Mas pelo contrário, denunciando a segregação social, a desumanidade e similaridades presentes nas grandes cidades de qualquer parte do mundo.

5 A PORTO ALEGRE IMAGINADA POR MIGUEL DA COSTA FRANCO

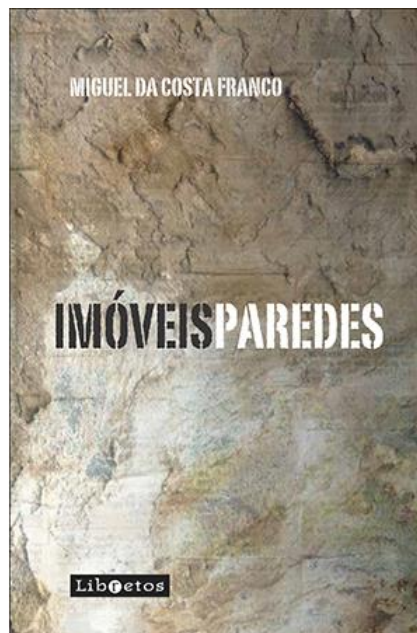
– Progresso? A senhorita chama de progresso transformar a cidade num mar de espigões?

[...] – A senhorita chama de progresso ter uma Câmara de Vereadores subordinada às construtoras, retardando a aprovação de um plano diretor mais decente, só pra favorecer esse monte de aberrações que tão construindo por aí? Isso é progresso?

Imóveis Paredes, 2015

Miguel da Costa Franco nasceu em 1958 em Roca Sales, Rio Grande do Sul. Trabalhou como roteirista do telefilme e minissérie *Doce de Mãe*, produzido pela Casa de Cinema de Porto Alegre. Foi argumentista e roteirista do curta metragem *O Último Desejo do Doutor Geraninho*. Publicou contos e crônicas em coletâneas pela editora L&PM e mantém diversos textos disponíveis na internet. *Imóveis Paredes* é seu primeiro romance. Miguel da Costa Franco é filho do historiador gaúcho, Sérgio da Costa Franco.

Figura 3- Imagem de capa da obra *Imóveis Paredes* (FRANCO, 2015)



Fonte: Libretos, 2015

Os elementos simbólicos evocados pelo autor na obra *Imóveis Paredes* que correspondem às questões levantadas na pesquisa *Porto Alegre Imaginada* (JACKS, MORIGI, OLIVEIRA, 2012), estão descritos a seguir e contribuem para efetivar os traços sobre a Porto Alegre literária do início do século XXI.

Os aspectos físicos referem-se ao clima, cores e período do dia em que há maior identificação dos sujeitos em relação à cidade. A narrativa descreve Porto Alegre durante o final de inverno e início de primavera, fase em que a maior parte dos dias são secos e não há registros de chuvas. Os acontecimentos ocorrem predominantemente nos períodos da manhã e da tarde. As cores da cidade são descritas pelos jacarandás floridos que pintam de roxo as calçadas. Os jardins e quintais das casas mostram o verde teimoso das plantas, enquanto que um conjunto de edifícios exhibe tons “horrorosos” de amarelo. O anoitecer visto pela janela salpica o céu de tons acinzentados até tornar-se por inteiro um negror profundo.

As percepções sobre a cidade baseiam-se nos sentimentos que suscitam em seus habitantes. Em *Imóveis Paredes* as percepções são descritas a partir do olhar de Teté, protagonista principal da narrativa. Ao percorrer a cidade, ressurgem sentimentos de aversão diante dos espigões, enquanto que casas e edifícios baixos evocam bem estar e tranquilidade. Teté mostra-se triste pelo descaso com os recursos naturais e patrimoniais da capital. Demonstra revolta e repulsa ao ver Porto Alegre sendo modificada e destruída em nome do “progresso”. Lamenta e não manifesta entusiasmo algum ao perceber o retrocesso político brasileiro, e fala com saudades da “maré vermelha” de anos anteriores.

Diante das *impressões e narrativas sobre a cidade e como é dada a voz aos atores sociais*, Porto Alegre é descrita como uma cidade cada vez mais vertical, destruída aos poucos. É mal cuidada, suja e poluída. Predominam obras feias e de mau gosto. O protagonista representa a voz daqueles que lamentam ver a cidade ser tomada pela exploração imobiliária. Por ele “falam” também os homens maduros, brancos e de classe média e alta. As mulheres não assumem nenhum tipo de protagonismo na obra. O autor descreve a ação de grupos que sobrepõem o lucro acima do valor histórico e arquitetônico da cidade. E apresenta o perfil de políticos corruptos dispostos a contribuir com construtoras e empreiteiras.

Ler e ficar em casa é a principal *prática de lazer*. O protagonista aprecia o aconchego e a solitude. Mas também gosta de caminhar pelas ruas da cidade e viajar *para se divertir*. Dois *lugares da cidade que simbolizam “templos culturais”* são centrais na narrativa. A Ponte de

Pedra, referenciada com pesar pelo abandono, e o Mercado Público, descrito como um espaço rico de cheiros e sabores, um verdadeiro templo de cultura popular. Vinhos, filé de peixe e bacalhau fazem parte da *cultura alimentar*, descrita na obra. Por conta de uma ocasião especial, o confeitoiro Diego Andino é referenciado indiretamente por seus doces a peso de “ouro”. Jazz é a *música* que embala algumas cenas.

Sujeitos, eventos e lugares mais freqüentados, são importantes elementos para identificar os *aspectos locais* de uma cidade. Ao circular pela vizinhança o personagem principal conversa com os vizinhos e moradores. De modo genérico, os arquitetos e engenheiros são criticados por construírem os horrendos espigões. Luis Fernando Veríssimo é a personalidade referenciada pela obra, Diego Andino “famoso confeitoiro uruguaio” é referenciado indiretamente. O principal evento que surge na narrativa são as eleições municipais. Rio Branco e Moinhos de Vento são os locais de vivência do protagonista, logo, os mais citados. A padaria do João Luis, o bar do Elias e outros lugares pequenos e conhecidos pelos moradores do bairro são espaços importantes na narrativa. Dentre as ruas e avenidas, destacam-se a Miguel Tostes e a Avenida Ipiranga.

Os *territórios de cultura e lazer* são respectivamente: o Mercado Público; os parques da Redenção e Parcão. A *memória afetiva* é composta por lugares que já não existem, ou que estão ameaçados, por exemplo, o Prado da Independência (antigo hipódromo onde atualmente é o Parcão), os casarões antigos, o sobrado pertencente ao personagem principal e outros pontos do entorno que fizeram parte de sua vida. A Porto Alegre de 1930 até 1980 também habita a memória afetiva do protagonista. O futebol e a fanática torcida destacam-se dentre os *emblemas e símbolos tradicionais da cidade*.

Considera-se, enfim, que a obra contempla vários elementos levantados pela pesquisa *Porto Alegre Imaginada*. Alguns resultados se desdobram em mais de uma categoria por justamente carregarem em si variados sentidos simbólicos e representativos.

5.1 A CIDADE DO AÇO, TIJOLO E CONCRETO EM *IMÓVEIS PAREDES*: ENREDO E PERSONAGENS

No fim do inverno e início da primavera de 2014, Teté, Eleutério Paredes é pressionado a vender o antigo casarão em que nasceu e cresceu para uma grande construtora. Sua resistência em vender o imóvel faz com que a relação com a filha pareça ainda mais desgastada. À medida

que as ofertas ficam irrecusáveis, o personagem se vê envolvido em uma série de boatos e notícias falsas que desmoralizam sua imagem e seu trabalho. Sua teimosia e resistência fazem com que seja comparado à figura de Dom Quixote. O comportamento impulsivo e temperamental do personagem contribui para que surja contra ele uma série de perseguições e injustiças.

Teté é corretor de imóveis, filho de espanhóis e vive na Rua Miguel Tostes, bairro Rio Branco. Aos 52 anos é descrito como “velho”, com traços ranzinzas, mas bondoso. Mesmo com idade jovem, é descrito como um idoso que possui poucas chances de viver novas paixões ou de concretizar grandes projetos. Costuma andar arrastado, têm ombros arqueados, cabelos grisalhos, e geralmente é descuidado no vestir. Ressentido e nostálgico, depois de passado trinta anos, reencontra Graça, por quem era apaixonado desde a adolescência. Após sair com ela algumas vezes, transfere e associa suas frustrações e pouca sorte no amor ao longo da vida. Resta ao “Dom Quixote do Rio Branco” projetar suas expectativas e desejos em Pilar (recriando uma nova “Dulcinea”). A jovem arquiteta é responsável por derrubar os casarões vizinhos ao seu.

Bebel, filha de Teté, é descrita como distante e pouco afetiva ao pai. Possui este comportamento desde que sua mãe a tirara do casarão aos sete anos, quando retornara de um retiro espiritual de dois anos fora do Brasil. Bebel vive no bairro Santo Antônio e possui em média 25 anos.

Das Dores, é a fiel secretária. Mulher simples que possui em média a mesma idade de Teté. Vive na Rua Liberdade (bairro Rio Branco) em uma casa de madeira herdada da mãe. É comparada à figura de Sancho Pança por estar sempre ao lado de Teté. No desenrolar da estória assume-se como sua irmã por parte de pai. A mãe de Das Dores trabalhava no casarão para o pai de Teté, viúvo na época, e tivera um caso com ele durante décadas.

O casarão de Teté por ser um espaço de refúgio e conforto - mesmo com o barulho e a sujeira causados pela demolição das casas vizinhas -, é também central na narrativa. Evoca as principais lembranças do personagem, desde a infância. Um esconderijo. Simboliza o espaço primordial, o microssocial da vivência do protagonista, enquanto que Porto Alegre é o espaço macrosocial.

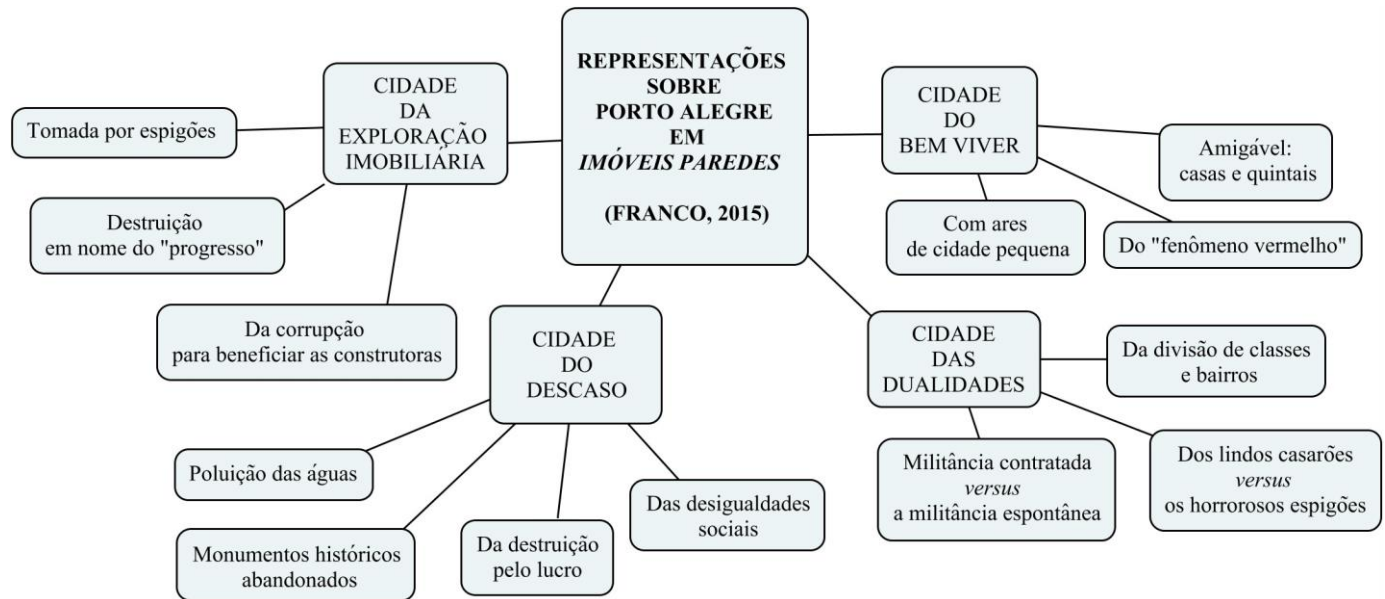
O texto deixa a desejar em relação à construção do feminino, pois, as personagens são colocadas em condições secundárias e objetificadas em alguns trechos. No entanto, a obra destaca-se pela criticidade ao denunciar a exploração do mercado imobiliário e levantar

representações contemporâneas e antigas sobre Porto Alegre e seus espaços, o atual contexto político e simbólico da cidade.

5.2 A PORTO ALEGRE EM *IMÓVEIS PAREDES*: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES

As representações sobre a cidade em *Imóveis Paredes* fundamentam-se na perspectiva crítica sobre as transformações do espaço urbano. A Porto Alegre da exploração imobiliária, do descaso e das desigualdades sociais. Persistem dualidades e a esperança de bem viver arraigadas ao ideal bucólico.

Figura 4 – Mapa das representações sobre Porto Alegre em *Imóveis Paredes*



Fonte: Da autora, 2017

A cidade da exploração imobiliária

“Uma bosta” é assim que Teté percebe a Porto Alegre dominada pela exploração imobiliária, cheia de “espigões”. A cidade cada vez mais vertical não tem espaço para pátios ensolarados, tampouco para plantas e árvores nativas. Os pequenos bosques e áreas verdes são devastados:

[...] onde antes a singeleza da rua se ampliava num bosque simpático – pequeno resquício da mata nativa nos altos do morro. Lá estava plantado agora um pretensioso conjunto habitacional, dominando em absoluto a paisagem. Haviam erguido ali seis torres enormes em formato de Y, um monstrengo desenhado por arquitetos mal pagos, com severas ordens de economizar em tudo. (FRANCO, 2015, p. 17).

A denúncia com teor de alerta ecológico sinaliza a devastação de bairros reconhecidos por suas extensões verdes; Petrópolis e Jardim Botânico são exemplos citados. A estrutura da cidade é constantemente violada, inclusive por empresas de serviços que abrem ruas, quebram calçadas e fecham (quando fecham) buracos sem o menor cuidado.

Morrem histórias, vivências, sentimentos e lembranças. A memória da cidade se esvai junto da destruição de casarios antigos. Em nome do progresso, a câmara de vereadores é corrompida para beneficiar empreiteiras e construtoras.

A cidade do descaso

O clima seco e a ausência de chuvas revela o descaso com as águas do Arroio Dilúvio, deixando transparecer não apenas os bancos de areia, mas, todo o entulho, plásticos e pneus que são lançados ao longo do riacho:

No lado oposto do caudal ranhento, um sofá arruinado, de tecido grená, caído de lado, aguardava algum mendigo corajoso a recuperá-lo para uso próprio. O que fizemos nós com o Riacho, questionou-se Teté. (FRANCO, 2015, p. 16).

As águas sujas do canal remetem a lembranças do que um dia houvera sido: um riozinho bucólico. A Ponte de Pedra, considerada pelo personagem um “monumento ao desprezo da cidade” (p.67), era rota do pequeno arroio. Atualmente a ponte não passa de um lugar triste e deslocado.

A *cidade do descaso* é a mesma de políticos comprados e corrompidos que visam o lucro em troca da destruição. A democracia é reduzida a um falso discurso de progresso urbano: “onde se ergue um edifício, constrói-se a democracia” (FRANCO, 2015, p.67). A frase proferida por um dos candidatos reproduz a forma que os valores de bem-comum são invertidos no discurso dos representantes do empresariado.

Por fim, é desigual, carrega enunciados sutis como, por exemplo, quando se remete à artificialidade dos bairros ricos, áreas da cidade distantes da realidade de grande parte da população porto-alegrense. Uma cidade conservadora que evita reconhecer a cultura negra e

invisibiliza as camadas mais pobres, principalmente em seus pontos mais “artificiais”. A Colônia Africana, referenciada na narrativa, pertencera à região dos bairros Rio Branco, Independência e Bonfim. No passado, fora habitada por colônias de ex-escravos, “afastados” durante os processos de “urbanização” desta região.

A cidade das dualidades

A cidade das dualidades apresenta traços simbólicos de “disjunção”. O Arroio Dilúvio, neste sentido, além de apontar o descaso para com os recursos naturais, é demarcado na narrativa como fronteira “renegada” de classes e bairros. Em alguns pontos, as favelas e pobres ocupam um lado do arroio enquanto que a classe média e alta, com acesso à infraestrutura, ocupa as margens opostas.

As casas antigas, arborizadas e com quintais agradam ao personagem, evocam tranquilidade e bem estar. Os prédios altos, além de esteticamente desagradáveis, são turbulentos e pouco privativos. Ao ser pressionado a vender seu casarão, o personagem reflete sobre a dinâmica dos condomínios:

[...] o outro sonegara os incontáveis podres de seu maravilhoso projeto. Para onde transbordariam as águas azuis das piscinas, quando chegassem os calores de dezembro e todos os moradores resolvessem refrescar-se ao mesmo tempo? Em quais apartamentos se instalariam os dez ou doze vizinhos antissociais de cada bloco, que infernizariam a vida dos demais com brigas, bebedeiras ou som insuportável? Quem seria o síndico “rouba, mas faz” do condomínio? Quando estouraria a primeira ação trabalhista das dezenas de funcionários terceirizados? Em que fétido recanto cagariam os inúmeros bichinhos de estimação? (FRANCO, 2015, p. 37).

Os espigões escondem uma serie de características renegadas nos anúncios de venda e, principalmente, significam a destruição da memória e do patrimônio da cidade. Os casarões representam nitidamente todo o conjunto de opostos.

A dualidade temporal é intensa na narrativa. De um lado o passado é associado à enunciados positivos. Enquanto que o presente voltado para o futuro simboliza um desastroso erro que causa repulsa ao personagem:

A bucólica Porto Alegre [...] fazia mais sentido para Eleutério Paredes do que essa outra, modernosa, em que coloridas vacas de polietileno repousavam nas esquinas. Do que essa Porto Alegre impiedosa, em que bobagens internéticas

implodiam sonhos e trajetórias em prazos demasiadamente curtos. (FRANCO, 2015, p.119).

Vícios e virtudes entrepostos e traduzidos pelos hábitos culturais, de consumo e inclusive fortemente demarcado pelos usos e meios de comunicação.

A cidade das dualidades é também a arena da disputa política. Em épocas de eleição as ruas, avenidas e parques são tomados de bandeiras, faixas e cartazes:

Batalhões de necessitados vojavam como moscas pelas esquinas para o inevitável corpo a corpo e a farta distribuição de folhetos de propaganda e colinhas para o dia da votação. Mas não se observava mais a galhardia dos outros tempos, quando milhares de militantes voluntários invadiam as ruas, julgava Teté. (FRANCO, 2015, p.65-66).

A dualidade centra-se não apenas nos ideais levantados pelos discursos políticos, mas, no semblante daqueles que movimentam as ruas. Militantes pagos não carregam o mesmo entusiasmo daqueles movidos pelo afeto e a espontaneidade da militância voluntária. A morte da “maré vermelha” representa para o personagem, o retorno da mesmice. Cidadãos voltam a escolher candidatos de rostos robotizados, maquiados e sorridentes, manipulados pelo marketing.

A cidade das dualidades transparece em toda narrativa, apresenta tensões constantes entre a Porto Alegre do “futuro” *versus* a cidade do passado. Daqueles que lutam pela preservação do patrimônio histórico e arquitetônico *versus* aqueles que consideram os novos “espigões” altos e espelhados e os condomínios habitacionais, um exemplo de progresso e modernidade.

A cidade do bem-viver

A cidade do bem viver ancora-se na possibilidade de vivenciar uma cidade amigável e aconchegante com bairros tranquilos e arborizados, a partir de uma perspectiva preservacionista que garanta a manutenção da identidade e dos traços característicos da cidade. Assim, a obra constitui-se numa interessante linguagem de protesto e elogio aos bens materiais e imateriais porto-alegrenses. A noção de qualidade de vida proposta na obra remete de certo modo, às cidades pequenas, organizadas e bem estruturadas, mas ao mesmo tempo, considera as características intrínsecas dos grandes centros urbanos. Inspira-se no estilo de algumas cidades européias e da América Latina, como Montevideo, Uruguai.

A *cidade do bem viver* está associada ainda às formas de fazer política, ou seja, é formada por claras especificidades de gestão popular. Quando a narrativa aborda o evento das eleições municipais, dois perfis são traçados, a participação popular espontânea e aquela movida pelo “contrato”:

O Dodô Quadrilha, que despejava panfletos na esquina próxima, batia-se contra qualquer iniciativa regulamentadora da construção civil e vivia a enfiar emendas libertinas nos planos impactantes do desenvolvimento urbano, resguardando os interesses do empresariado do setor, seu berço de origem. “Onde se ergue um edifício, constrói-se a democracia”, alardeava o candidato, como se a tal democracia fosse erigida com cimento, lucros e argamassa, e não pela igualdade de oportunidade e pela busca incessante de regramentos adequados ao bem comum.

A narrativa critica a perspectiva da “mesmice”, não apenas citando os militantes “contratados”, mas também descrevendo alguns representantes políticos que colocam-se à serviço de interesses privados.

A *cidade do bem viver* está associada à espontaneidade da participação pública, é regida pela Porto Alegre do Orçamento Participativo, dos fóruns públicos de debate e tem prioridade por investimentos em cultura, educação e saúde. Remonta ao fenômeno que coloriu as ruas em uma espécie de “maré vermelha”. Deste modo, a Porto Alegre do bem viver está associada a elementos que remetem ao passado, sem tornar o personagem e tampouco a narrativa, limitados a este período, pois também centra-se no presente e projeta-se para o futuro.

5.3 ASPECTOS HISTÓRICO-LITERÁRIOS DA NARRATIVA

Imóveis Paredes apresenta fortes traços da *vertente saudosista*. A memória é evocada de modo intenso na narrativa, e destaca-se em algumas partes da obra (FRANCO, 2015, p.130): “Somos memória. Mais do que carnes e ossos, memória”. A nostalgia, característica da vertente saudosista, incorpora-se na personalidade de Teté por meio de sua personalidade e pela forma que narra a cidade:

Há quase dois séculos, esse esgoto retificado e fedido era um riozinho bucólico. Sem saber de seu futuro, viu crescer sobre si, então, a primeira ponte de tábuas. Deslizava por uma enorme área alagadiça, ora suave ora correntoso, e se afunilava sob a ponte de pedra, hoje um triste e deslocado monumento ao desprezo da cidade pelas águas que a banham. (FRANCO, 2015, p.16).

O trecho citado refere-se ao Arroio Dilúvio e à Ponte de Pedra. A Porto Alegre representada em *Imóveis Paredes* aponta a dualidade similar descrita por Pesavento (2002) quando refere-se às tensões entre a “cidade vício” e a “cidade virtude”.

6 A PORTO ALEGRE IMAGINADA POR DANIEL GALERA

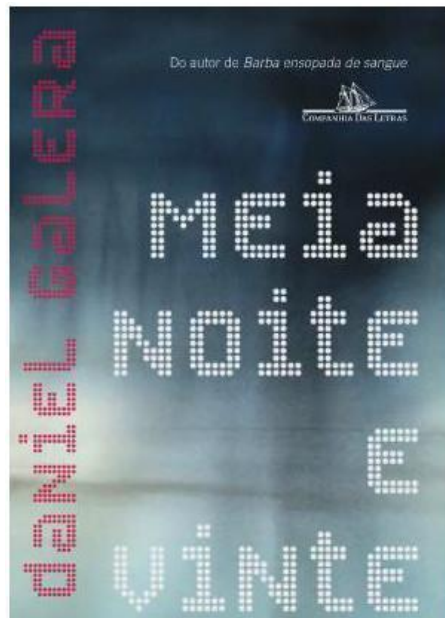
“Já acabou o quê?”

“Tudo! Vocês não tem andado nas ruas? Porto Alegre parece uma galinha sem cabeça correndo pelos últimos minutos no quintal.”

Meia noite e vinte, 2016

Daniel Galera nasceu em São Paulo é de família gaúcha, cresceu e vive em Porto Alegre. É um dos criadores da editora independente, Livros do Mal. Muitos dos seus textos foram adaptados para o teatro e para o cinema. *Meia Noite e Vinte* é considerado um romance urbano e se passa em Porto Alegre e São Paulo entre 1999 e 2000 e em 2014.

Figura 5- Foto de capa da obra *Meia noite e vinte* de Daniel Galera



Fonte: ZH Livros, 2016

As obras de Daniel Galera apresentam narrativas com fortes vínculos entre os personagens e os espaços que habitam. Seus livros são considerados fontes ricas para perceber os elementos simbólicos que compõem as narrativas urbanas, deste modo são estudados na área da Literatura, conforme descrito no Estado da Arte desta pesquisa.

Nesta seção, as questões levantadas pela pesquisa *Porto Alegre Imaginada* (JACKS, MORIGI, OLIVEIRA, 2012) são traçadas com os contextos e percepções presentes na obra *Meia Noite e Vinte*. A habilidade de escrita de Galera (2016) pode ser percebida pela riqueza de detalhes, pela descrição a partir três protagonistas diferentes. A narrativa se passa em dois tempos, 1999/2000 e 2013/2014, em alguns quesitos foi preciso especificar os períodos.

O *clima* em janeiro de 2014 é de calor intenso. Registros apontam uma variação de temperatura acima dos quarenta e cinco graus, o asfalto deformado remete a um rio de lava, o sol demora em se pôr, a umidade não dá trégua. Diferente dos dias arejados da primavera de 1999/2000 em que *as cores* da cidade são preenchidas pelo roxo dos ipês em harmonia com os matizes azulados do céu, em 2014 a luz clara do horizonte deixa as lajes cinzentas com tons amarelados. Os cheiros também são sentidos e estimulados pela obra, principalmente os desagradáveis, gerados pelas altas temperaturas: podridão, merda humana, chorume e fuligem. O *período do dia em que há maior identificação dos sujeitos em relação à cidade* é nas tardes, noites e madrugadas.

Em 2014 as *percepções sobre a cidade* são compostas por *sentimentos* de caos, medo, letargia, aversão, insegurança, impotência, esgotamento das expectativas e sensação de “fim dos tempos”. Em 1999/2000, durante a adolescência dos protagonistas, a cidade despertara saudades das boas lembranças da época, segurança, tranquilidade, bem estar.

As impressões e narrativas sobre Porto Alegre revelam *como é narrada e como é dada a voz aos atores sociais*. A cidade em meados de 2014 é narrada com um misto de pessimismo, amargura e nostalgia; está a caminho do fim. Evidencia o descaso com os miseráveis. É fedorenta, caótica, insegura e poluída. Previsível e com intensa vida noturna, mesmo assim, mantém-se diante de um futuro incerto. Em 1999/2000 é descrita como tranquila, segura e oferece opções variadas de cultura e lazer.

A narrativa apresenta diferentes perspectivas a partir da subjetividade dos personagens diante do contexto urbano. Assim, há a *voz* da mulher jovem, estudante universitária, independente e pessimista. Do “novo burguês”, astuto e persuasivo. Do homossexual - descrito sem preconceitos-, inteligente, centrado e sensato. Confrontados pelo tempo e pelas lembranças, são evocadas as *vozes* destes personagens na época da adolescência, traduzindo expectativas e esperanças da juventude. Quando se refere aos moradores de rua e catadores de lixo, prevalecem

considerações de equidade e o respeito por estes e a forma que habitam a cidade. O mesmo discurso de alteridade ocorre para descrever as pessoas de diferentes classes sociais e de gênero.

De modo geral, as *práticas de lazer (o que fazem para se divertir)* resumem-se em frequentar bares e boates, praticar esportes em clubes e parques, correr, caminhar pelas ruas da cidade. Escrever textos para o fanzine digital e interagir via internet. Garimpar as caixas de saldos da Feira do Livro. Os “*templos culturais*” presentes na narrativa são o Teatro São Pedro e a Feira do Livro, *espaços culturais simbólicos* da cidade. A *cultura alimentar* dos personagens constitui-se de prensado de salame e queijo, churrasco, bolo, chocolate, suco de melancia, torrada de salame, café com farroupilha, pastel murcho. As bebidas são também interessantes para identificar os hábitos alimentares dos sujeitos. Campari com tônica, chope, cachaça saborizada com mel e canela, cerveja e chá gelado fazem parte da narrativa. As *músicas* variam desde os sambas de Lupicínio Rodrigues, até Madonna, Duran Duran e Village People, dentre outras tocadas nas festas gays ou de rock e punk-rock. Sobre a rádio Ipanema há referências das músicas do Nei Lisboa e na Rádio Continental, Simply Red. São descritas também a música Starla do Smashing Punpkins e o disco da banda Low.

Quanto aos *aspectos locais (sujeitos, eventos e; lugares mais freqüentados)*, são citadas tribos e perfis que compõem o urbano, sem necessariamente representarem figuras específicas. sujeitos variados. Pessoas pobres e moradores de rua, vovós, atletas e velhos que perambulam pelas calçadas. Uma gangue de garotas de cabelo curto, raspado nos lados, pedalando bikes fixas; um senhor de idade com um cão gordo e trêmulo; um quarteto de jovens de boné com aba reta fumando maconha e escutando funk. Há também personalidades da cidade e do mundo artístico. Os músicos, Lupicínio Rodrigues, Nei Lisboa e Edu K. Escritores como Fausto Wolff, Mishima, Juan José Saer e o ator de filmes clássicos, Buster Keaton, são citados.

Diversos *eventos* compõem a narrativa, desde eventos genéricos como férias escolares, pré-carnaval, intervenções culturais alternativas, até a tradicional Feira do Livro. O espetáculo moderno fica por conta do TEDX Porto Alegre. As Jornadas de Junho em 2013, as manifestações contra o aumento das tarifas e as greves de ônibus e as greves, são eventos pertencentes às lutas sociais. Os *lugares* mais frequentados dividem-se entre bairros, ruas e pontos específicos da cidade (públicos e privados). Centro, Centro Histórico, Bom Fim, Cidade Baixa e, são os bairros mais citados, pois, é nesta região que estão localizados os pontos mais frequentados (bares, boates, lancherias e parques). As avenidas Ramiro Barcellos, Ipiranga, Oswaldo Aranha e

Protásio Alves assim como a Rua Vasco da Gama compõem importantes rotas de passagem dos personagens.

As visitas à Feira do Livro, sebos e lojas de discos, passeios pela Usina do Gasômetro e pelo Mercado Público demarcam os *territórios de cultura* da narrativa. A Redenção e outros parques, os botecos do Centro Histórico, os bares da Cidade Baixa e Bom fim e as boates da mesma região, com destaque para as festas do Bar Ocidente, são *espaços de lazer* citados com frequência. Os *territórios de memória afetiva* estimulam lembranças sobre a boemia e os bares da época da adolescência dos personagens (1999/2000). A cena cultural da cidade na mesma época é constituída pelos passeios na Feira do Livro e até mesmo nos sebos e lojas de discos. Os banheiros e corredores dos bares e boates eram espaços destinados às orgias. São citados como espaços muito visitados na adolescência: Garagem Hermética, Bambu's, Ocidente, Dr. Jekyll e Sabor Um.

O hino sul-rio-grandense, cantado durante a marcha das jornadas de junho de 2013 e os churrascos nos fins de semana, pertencem à categoria de *emblemas e símbolos tradicionais*, devido a sua intensidade simbólica. De modo geral, Galera (2016) integra em sua obra todos os elementos que compõem a pesquisa *Porto Alegre Imaginada*. Muitos destes elementos contribuem para a compreensão da narrativa a partir da perspectiva da Teoria das Representações Sociais.

6.1 A PORTO ALEGRE NUA E CRUA EM *MEIA NOITE E VINTE*: ENREDO E PERSONAGENS

Em meio ao calor escaldante de janeiro de 2014, em Porto Alegre, Aurora, Emiliano e Antero, se reencontram na cerimônia de despedida de Andrei, assassinado enquanto saía para correr na região do bairro Bom Fim. Morreu com um tiro na cabeça por conta de seu celular. Quando adolescentes, no final de 1999 e 2000, os quatro escreviam para um fanzine eletrônico na época em que a internet discada estava em expansão no Brasil.

No início da revolução da internet, o politicamente correto era inexistente e a profissionalização neste meio dava os primeiros passos. Neste contexto surgira o Orangotango. Um fanzine eletrônico de sucesso, publicado duas vezes por semana, escrito pelos jovens no final de 1999 e 2000. O conteúdo variava entre contos pornográficos, poemas de versos livres,

resenhas sobre filmes e livros, manifestos artísticos produzidos à base de drogas psicodélicas e links apontando as bizarrices da internet.

O encontro entre os amigos faz suscitar lembranças, mexe com suas memórias afetivas e promove reflexões sobre o passado e o presente, seus planos e expectativas. Suas vidas são evocadas desde a Porto Alegre de 1999/2000 e contrapostas à realidade encontrada em 2014. Aparentemente próximos, o paralelo entre estes períodos revela contextos diferentes daqueles imaginados pelos personagens em *Meia Noite e Vinte*.

Andrei, vítima do assalto, vivia no bairro Bom Fim, tinha trinta e seis anos e seus amigos também o chamavam de Duque. Era excêntrico e inteligente, desde muito novo demonstrara talento para a escrita. Destacava-se por produzir textos de alto nível, rapidamente tornara-se um escritor de renome no círculo literário contemporâneo. Na época da juventude sempre foi um mistério para seus amigos. Era fechado e até mesmo a leitura de seus contos e romances não transparecia em nada quem ele realmente era.

Aurora é bióloga, entrou para o grupo no primeiro ano de jornalismo, mas decidira largar o curso para estudar Biologia. Com 34 anos de idade, esteve longe de Porto Alegre por um tempo para dedicar-se aos estudos. Vive em São Paulo onde cursa o doutorado na USP e de vez em quando retorna à cidade para visitar seus pais que moram no bairro Santana. Aurora mantém um discurso apocalíptico, acredita pertencer à geração que veria o mundo definhando até o fim, sua perspectiva influi diretamente ao modo que vivencia a cidade.

Antero possui formação discursiva de alto nível, leitor voraz de grandes pensadores, foi uma das principais figuras da cena cultural da cidade. Tinha como objetivo arrancar Porto Alegre de seu coma provinciano através de ações de terrorismo poético, exposições de arte, saraus e publicações. Quando jovem era disputado entre as mulheres nas noites de Porto Alegre, pois parecia um modelo nórdico com sutis traços asiáticos, cabelos castanhos, longos e lisos. Com trinta e quatro anos de idade, em média, acabara se tornando dono de uma das maiores agências publicitárias de Porto Alegre, era pai de família e carregava consigo uma grande barriga de cerveja. Apenas os cabelos continuavam longos, no mais, distanciara-se extremamente do que havia sido na adolescência, pois havia se transformado num tipo de guru mercadológico, egocêntrico e utilitarista.

Emiliano, aos quarenta e dois anos de idade é o mais velho do grupo, atua como jornalista e vive de trabalhos sob encomenda. Conheceu Antero e Andrei numa das festas gay do bar

Ocidente, naquela noite firmou sua verdadeira sexualidade. Logo após a morte do amigo, surge-lhe a proposta de um grande editor de São Paulo para escrever a biografia do mesmo. Além de ter convivido anos com Andrei e os demais integrantes no início de suas carreiras, o valor oferecido pelo trabalho lhe garantiria alguma estabilidade por algum tempo. Mora nas imediações da Ramiro Barcelos.

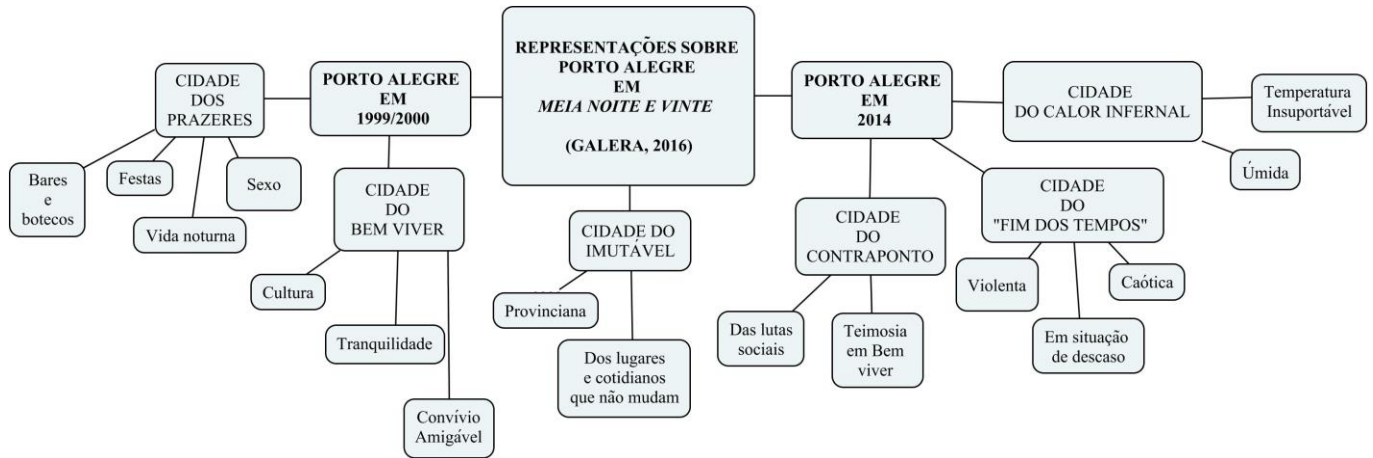
A narrativa que se passa em dois tempos narra a Porto Alegre caótica e quente de 2014 e a Porto Alegre do final de 1990 e 2000 por meio das lembranças de adolescência dos personagens. Mesmo próximas, considerando o espaço de tempo histórico, encontram-se perspectivas distintas sobre a cidade. A narrativa de fortes traços urbanos seguramente vai além deste plano, mostra-se entrelaçada por memórias, hábitos culturais, crítica social e política.

Transfigura-se pela voz dos jovens, quebra preconceitos e tabus ao apresentar as aventuras e desventuras de seus personagens, seja pela perspectiva feminina, hétero, homo ou bissexual. Também de modo desprezioso, intencional ou não, Galera (2016), cria uma espécie de “estética do calor infernal”, ao transcrever um emaranhado de sensações e sentimentos sobre como é viver em Porto Alegre nos dias de verão, com altos picos de temperatura.

6.2 A PORTO ALEGRE EM *MEIA NOITE E VINTE*: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES

As mesclas entre passado e presente, destacam-se na construção do mapa representacional da cidade (fig. 6), dimensionado a partir dos dois períodos desenvolvidos na narrativa (2013/2014 e 1999/2000). As categorias principais (em caixa-alta) estão compostas de inúmeras características encontradas nos discursos e percepções dos personagens.

Figura 6- Mapa das representações sobre Porto Alegre em *Meia Noite e Vinte* (Galera, 2016)



Fonte: Da autora, 2017

A Porto Alegre de 1999/2000 é marcada pela nostalgia, era vivenciada a cidade dos prazeres, da qualidade de vida e a esperança de um futuro ainda melhor. Ao centro, o provincianismo e a permanência de costumes e lugares, enquanto que a cidade em 2014 é evocada pelo pessimismo. A realidade de uma geração mostra-se transformada, onde havia expectativas sobram frustrações e para amenizar a sensação de caos, resta a teimosia.

A cidade dos prazeres

A Porto Alegre da boemia, das noites em claro, dos bares, boates e das experiências sexuais. Além das festas em casa, era comum passar as tardes nos botecos do Centro Histórico e da Cidade Baixa. À noite, principalmente, o Bairro Bom Fim oferecia espaços rodeados de inferninhos embalados com punk-rock.

A concentração era intensa na Avenida Osvaldo Aranha. O Bar Ocidente é muito citado por promover várias festas que valorizavam distintas vertentes culturais e intelectuais. É o espaço protagonista das primeiras festas gays que aconteceram na cidade.

A *cidade dos prazeres* evoca inúmeras recordações de teor sexual. Ao reencontrar seus amigos em um dos botecos da Cidade Baixa, Emiliano descreve:

O banheiro me trouxe lembranças boas. Eu tinha transado duas vezes ali, uma delas debruçado por cima daquele mictório. Impressionante, pensei, como antigamente se fornicava nos banheiros de Porto Alegre. As pessoas iam dar

uma rapidinha no banheiro do Bambu's, do Garagem ou do Dr. Jekyll como se ia a rua fumar um cigarro. (GALERA, 2016, p. 55-56).

Em *Meia Noite e Vinte*, Galera (2016) explora a sexualidade, às vezes bizarra e às vezes envolvente, no decorrer da narrativa. O final de 1999 e início de 2000 seguia embalado pela liberdade vivida nos anos de 1970 e 1980 na cidade.

A cidade do bem viver

Porto Alegre viva, arejada, colorida e culturalmente rica. Na *cidade do bem viver*, o cotidiano imutável e o provincianismo conservador poderiam ser superados facilmente por meio de intervenções artísticas e outras ações coletivas. Aurora descreve com saudades o tempo em que o convívio social amistoso fazia parte de sua rotina:

[...] ouvindo como sempre a rádio Ipanema que no momento tocava uma balada do Nei Lisboa que me remetia, sei lá por quê, às tardes em que ia beber com colegas em botecos da rua Doutor Flores, no Centro Histórico, após as aulas do cursinho. (GALERA, 2016, p.19-20).

A tranquilidade das ruas permitia constantes momentos de lazer para a personagem. Na região do Gasômetro e do Centro Histórico os moradores ocupavam as calçadas no domingo para fazer churrasco e ouvir as músicas de Lupicínio Rodrigues. Havia grande quantidade de sebos e lojas de discos na cidade. Eventos tradicionais como a Feira do Livro são rememorados de modo especial pelos personagens.

A Cidade do imutável

É a Porto Alegre contínua, em que mesmo com pequenas mudanças, permanecem arraigados costumes e traços culturais intocáveis. Esta característica origina-se antes dos períodos demarcados na obra e ao mesmo tempo engloba as duas épocas. Por isso apresenta-se no centro do mapa (fig. 6), sem uma caracterização temporal específica e cria uma espécie de elo entre os contextos temporais analisados.

A *cidade do imutável* remete ao coma provinciano característico das elites burguesas conservadoras e da continuidade explícita ou sutil de hipocrisias e preconceitos. Também está

nos espaços físicos que mesmo decadentes mantêm-se intocáveis, garantindo-lhes um status peculiar:

Eu terminava muitas noites de bebedeira num bar sem graça da Lima e Silva no qual, anos antes, tivera uma discussão divertida com um hétero a respeito da falaciosa dicotomia ativo/passivo em contexto homoerótico. Era um bar sem nada de especial, uma espelunca em que nada jamais acontecia, mas me faz bem retornar àquele lugar, lembrar daquela conversa amistosa e habitar aquela zona de expectativas agradáveis que eu sabia, de antemão, que não seriam correspondidas. (GALERA, 2016, p. 187-188).

Em vários momentos da obra a cidade se apresenta imersa num cotidiano imutável. De caminhos percorridos rotineiramente por atletas em direção aos parques, por homens e mulheres que passeiam com seus cães ou que sentam-se em bares e cafés para olhar o movimento, comer o de sempre e esperar a vida passar.

A cidade do calor infernal

O calor da cidade é descrito desde as primeiras páginas da narrativa. Aurora compartilha o desespero sentido com a pesada onda de calor que intensifica os cheiros das calçadas e contêineres de lixo:

Ao longo daquela semana, a cidade coberta por um tapete de imundície, fritando sob a radiação do pior verão em décadas, tinha me feito pensar num doente hepático abandonado ao sol para morrer. (GALERA, 2016, p.9).

A alta temperatura “frita” e faz com que as pessoas evitem sair de casa. As plantas chamuscam sob o sol e as madrugadas seguem quase tão quentes quanto as tardes de céu azul e ar parado. Emiliano busca termos adequados para suas sensações:

O calor e o cheiro de axila me trouxeram à mente a expressão ‘antecâmara do inferno’, lida num romance do Thomas Bernhard. (GALERA, 2016, p. 166).

A umidade ajuda a manter o abafamento, as roupas colam com o suor que escorre pelas pernas, testas, costas, barbas e bigodes daqueles que se expõem ao verão porto-alegrense.

O asfalto tórrido se deformava e me fazia pensar na crosta de um rio de lava. (GALERA, 2016, p. 40).

Diante da intensidade descritiva sobre o clima da cidade em dias de verão, Galera (2016), traz à tona uma possível “estética do calor infernal” nesta obra.

A cidade do “fim dos tempos”

Caótica, violenta, mal cuidada e abandonada, estas características conferem à Porto Alegre um cenário de incertezas e desesperança, a cidade do “fim dos tempos”. O caos está presente na mescla de situações catastróficas que aos poucos esgotam as expectativas dos personagens. A selvageria no trânsito, a desordem e o atraso de serviços essenciais, as greves e as manifestações de rua são reprimidas por ações policiais violentas e autoritárias.

As greves descritas na obra são em sua maioria narradas a partir do olhar de Aurora. Fica em aberto se a personagem assume uma postura comum e de certo modo, egoísta, quando reclama da situação pela falta de serviços, ou se a personagem reclama por considerar a falta de direitos um desrespeito aos trabalhadores, visto que a greve é um direito trabalhista. O quesito “greves” também poderia estar associado à narrativa da cidade através da categoria de *lutas sociais*. Os sentidos atribuídos às greves dialogam ainda com a categoria *cidade do contraponto* (ambas apresentadas na Fig. 6) pois, as ruas tornam-se o palco das lutas sociais durante a narrativa. É interessante levantar estas observações, pois, segundo Pesavento (1992; 1999), as greves e manifestações são ações recorrentes na cidade desde primeiros os registros históricos sobre a urbanização de Porto Alegre. No entanto, diante das intervenções de Aurora sobre o assunto, optou-se por manter a questão das greves associadas à característica de *situação de descaso*, que compõe a categoria representativa da *cidade do “fim dos tempos”*.

Na perspectiva da *cidade do “fim dos tempos”*, a violência encontra-se em todos os lugares e pode acontecer a qualquer momento por diversos motivos. A morte de Andrei/Duque, ilustra o quanto a vida perdeu seu valor num contexto em que a violência se naturalizou, beirando a trivialidade. A vida de alguém pode custar um telefone celular. A violência insiste em se propagar também por vias institucionais. A repressão policial contra as manifestações de rua seja pelo movimento Passe-livre, Não-vai-ter-Copa ou pelas Jornadas de Junho, sinalizam em *Meia Noite e Vinte* a posição da polícia em defender principalmente a iniciativa privada (conforme também faz, para além das narrativas aqui estudadas).

O descaso pela cidade se dá principalmente por meio da situação de abandono da infraestrutura e pela pouca (ou nenhuma) consideração com os miseráveis e as comunidades mais pobres da cidade. Calçadas quebradas e sujas sob o sol escaldante liberam fuligens e cheiros insuportáveis. O Arroio Dilúvio é descrito do seguinte modo:

O leito do Dilúvio estava reduzido a um riacho serpenteando entre bancos de areia expostos ao sol, mas nas poucas poças mais profundas era possível ver cardumes ociosos no esgoto cinzento e filamentosos. (GALERA, 2016, p. 13).

Fica claro para os leitores que a cidade está abandonada, a manutenção e o cuidado dos patrimônios materiais e imateriais, bem como o bem estar da população, permanecem num limbo de indiferença e letargia.

Assim, Porto Alegre ganha o título de *cidade do “fim dos tempos”*. Esgotaram-se as expectativas, a cidade encontra-se em fase terminal, como um doente que agoniza sua própria morte. Conforme Aurora,

‘Não é só um problema de segurança’, [...] ‘é essa greve que não deixa os ônibus saírem da garagem, e esse calor que tá enlouquecendo as pessoas, falta de água, blecaute, e esse monte de gente vivendo na rua que nem bicho. Eu não consigo achar que alguma coisa vai melhorar’. (GALERA, 2016, p. 49-50)

A personagem é a voz pessimista, ao longo da narrativa ela mexe nas feridas abertas da cidade e deste modo, coloca o leitor diante da Porto Alegre dos retrocessos, à beira de seu próprio fim.

Cidade do contraponto

A *cidade do contraponto* é aquela em que outros acontecimentos persistem diante do calor infernal e da sensação de que Porto Alegre e o mundo beiram ao fim. É a tentativa pulsante, sutil ou intensa, de resistência às adversidades. É o lado das lutas sociais e da teimosia do bem viver.

Meia Noite e Vinte apresenta a Porto Alegre daqueles que buscam uma cidade mais humana, com ciclovias, com a preservação dos patrimônios, da manutenção de tarifas acessíveis no transporte público. Descreve principalmente as Jornadas de Junho de 2013 pela voz (e memória) de Antero. O olhar do personagem sobre as manifestações é etnográfico, ao mesmo

tempo em que incorpora a figura de um *black-bloc* sem deixar de lado seus interesses mercadológicos:

[...] quando os manifestantes entoavam o hino sul-rio-grandense, uma garrafa de cachaça saborizada com mel e canela passava de mão em mão e uma assemblage de aromas de maconha se misturava ao cheiro dos cabelos molhados e da sujeira empoçada nas calçadas, vislumbrei com nitidez o caleidoscópio de vídeos virais, hashtags e ações de mídia que diriam àquelas pessoas o que elas desejavam ouvir a respeito de si mesmas. (GALERA, 20016, p. 94-95).

Antero descreve o roteiro da marcha pelas ruas da cidade e a violência policial diante da aproximação do povo ao prédio da RBS, na Avenida Érico Veríssimo, cenas de agitação, tumulto e repressão.

A *cidade do contraponto* também se faz por resistências mais sutis, em que o convívio social, o ócio e os eventos artísticos e culturais fortalecem teimosamente a gana de bem-viver. Mesmo diante das adversidades, o uso dos parques públicos para lazer e esporte, a presença de eventos culturais, como a Feira do Livro, as atividades no Teatro São Pedro, as conversas nas mesas dos bares e as diversões de baixo custo encontradas principalmente na Cidade Baixa e no Centro Histórico, incorporam esta categoria representativa. Uma simples caminhada noturna revela a possibilidade de vivenciar a cidade por outras perspectivas:

Já fazia alguns anos que a movimentação de Porto Alegre àquela hora da noite tinha algo de clandestino. Sair às ruas era uma ousadia, talvez até um ato político. Eu me somava, naquele momento, aos incautos que teimavam afirmar a existência de uma vida pública noturna para além da saída da última sessão de cinema dos shoppings. (GALERA, 2016, p. 188-189).

Emiliano encara os possíveis riscos de uma caminhada pela cidade no início da madrugada, sua teimosia abre novas perspectivas de olhar para o urbano. Pequenas ações de resistência e ressignificação.

6.3 ASPECTOS HISTÓRICO-LITERÁRIOS DA NARRATIVA

Do ponto de vista histórico-literário proposto por Pesavento (2002), *Meia Noite e Vinte* pode ser considerada uma obra ambivalente. Pois mistura traços de *amargura provinciana* e *saudosismo*. A vertente da *amargura provinciana* mostra-se em vários momentos, principalmente quando os personagens se deparam com a atualidade da Porto Alegre de 2014.

Suscitam reclamações sobre a cidade, principalmente pela perspectiva de Aurora. De modo contrário às características de *amargura provinciana* apontados pelo estudo de Pesavento (2002), em que as críticas são focadas ao cotidiano cultural inerte, à pobreza intelectual de seus moradores ou a arquitetura de mau gosto (nas obras por ela analisadas). Em *Meia Noite e Vinte*, destacam-se problemas cotidianos, que podem ser encontrados por qualquer pessoa que caminhe nas ruas da cidade, independente de sua formação intelectual ou classe social. Ou seja, não atinge apenas os mais pobres ou os ricos, tampouco aqueles com mais ou menos grau de escolaridade:

Aquele ardor repentino por facilitar a destruição do mundo tinha a ver com o cheiro de merda humana nas calçadas, com os vapores de chorume acumulado em torno dos contêineres de lixo da prefeitura, com a greve dos ônibus e com o desespero geral pela onda de calor que esmagava Porto Alegre naquele final de janeiro, mas, se houve um antes e um depois, um marco entre a vida que parecia que eu iria ter e a vida que tive, esse marco foi a notícia de que o Andrei havia sido assassinado num assalto a mão armada, na noite anterior perto do Hospital de Clínicas, a poucas quadras da região da Ramiro Barcelos por onde eu caminhava. (GALERA, 2016, p.7).

Predominam as críticas referentes à violência das ruas, ao descaso com a infra-estrutura da cidade e ao calor insuportável que intensifica ainda mais o caos social. Questões estas que parecem inaceitáveis (não apenas aos personagens da narrativa), diante da evolução científica e tecnológica na sociedade, acessíveis (de certo modo), à considerável parte da população em pleno século XXI.

Os traços da vertente *saudosista* se dão por conta da nostalgia presente nos discursos dos jovens sobre sua adolescência. O cotidiano e a forma que vivenciaram a cidade suscitam-lhes de modo geral, boas recordações:

Era minha primeira visita a Porto Alegre em quase dois anos. Tinha chegado havia uma semana, carregando comigo recordações de uma cidade arejada e colorida, capturada no âmbar de certos dias de primavera matizados pelo céu azul e pelos ipês-roxos floridos no Parque da Redenção, recordações sem dúvida reais mas que apontavam para um passado indistinto e irreconciliável com o presente. (GALERA, 2016, p. 9).

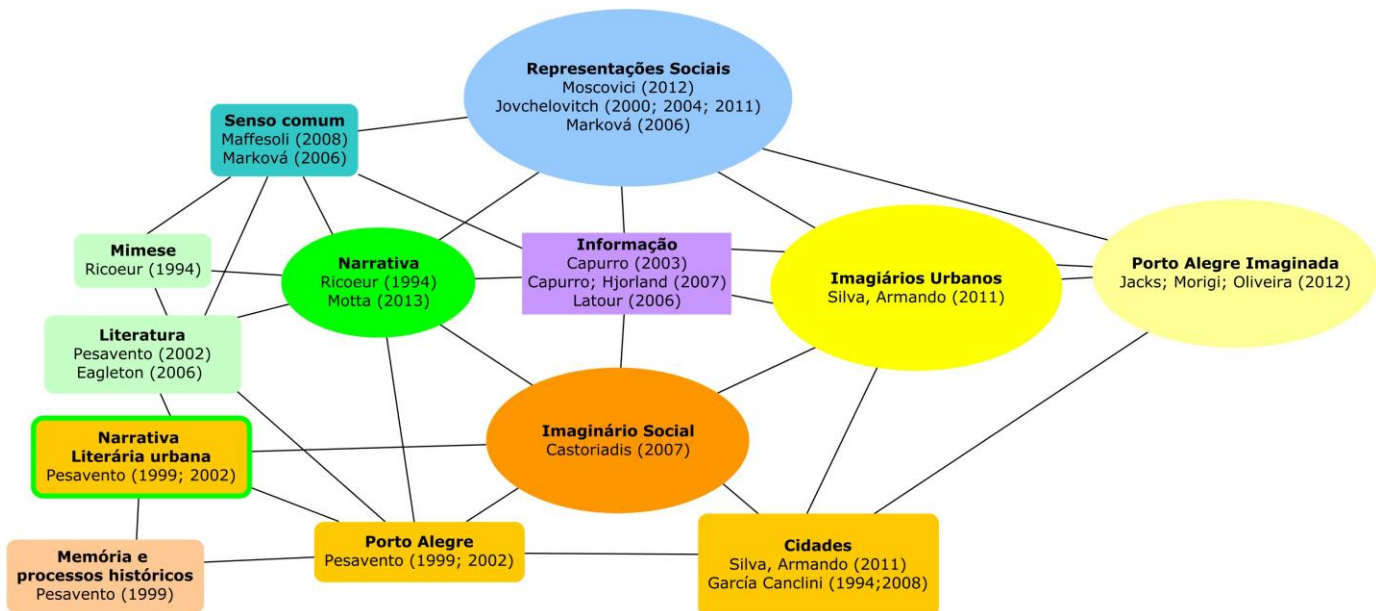
O trecho citado descreve a percepção de Aurora ao retornar à Porto Alegre e imediatamente ter a notícia da morte de seu amigo Andrei numa mensagem recebida pelo celular.

Durante toda a narrativa, o passado e o presente mesclam-se em imagens polarizadas, um passado agradável *versus* uma realidade desesperadora.

7 A PORTO ALEGRE LITERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: CROQUI, CONTEXTOS E REPRESENTAÇÕES

Nesta seção encontram-se flexionadas as informações gerais extraídas do estudo. É o perfil da *Porto Alegre literária no início do século XXI* extraída a partir das obras analisadas em relação às principais teorias abordadas na pesquisa. A figura 7 apresenta a composição epistemológica do estudo, os conceitos apresentam-se interligados demonstrando suas constantes trocas. Não há intenção de hierarquizar e/ou sobrepor perspectivas, no entanto há a necessidade de evidenciar como a construção epistemológica foi estabelecida a partir dos autores e conceitos presentes no estudo.

Figura 7 – Teia teórico-epistemológica do estudo acerca das representações e imaginários urbanos sobre Porto Alegre em narrativas literárias do início do século XXI.



Fonte: Da autora, 2017

Desenvolver um estudo a partir da obra *Porto Alegre Imaginada* (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012) significa interligá-la com as teorias acerca dos imaginários urbanos (SILVA, A., 2011) e relacioná-las com outros autores selecionados a partir de critérios intersubjetivos. Os imaginários urbanos estão permeados por representações, deste modo a Teoria das Representações Sociais permitem interessantes trocas de saber (MOSCOVICI, 2012;

JOVCHELOVITCH, 2000; 2004; 2011; MARKOVÁ, 2006) da mesma forma acontece com os estudos acerca do imaginário social (CASTORIADIS, 2007) e com as teorias narrativas propostas por Ricoeur (1994), apropriadas por Motta (2013) para o campo da comunicação e informação.

O diálogo entre o eixo de teorias centrais é efetivado por conceitos referentes às cidades (SILVA, A., 2011; GARCÍA CANCLINI, 1994; 2008) e Porto Alegre, memória, processos históricos e narrativas urbano-literárias (PESAVENTO, 1999; 2002), associados aos conceitos de literatura (EAGLETON, 2006; PESAVENTO, 2002), mimese (RICOEUR, 1994) e senso comum (MAFFESOLI, 2008; MARKOVÁ, 2006). Cabe destacar que o conceito de senso comum a partir dos autores citados possui fortes vínculos com a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2012; JOVCHELOVITCH, 2000; 2004; 2011; MARKOVÁ, 2006). Ao centro, encontra-se o recorte dado ao conceito de informação (CAPURRO, 2003; CAPURRO; HJORLAND, 2007; LATOUR, 2006) enquanto meio e processo dinâmico carregado de subjetividades, enunciados simbólicos e imaginários produzidos por diferentes fontes nos processos comunicacionais. A partir desta teia teórico-epistemológica estão dispostos dois importantes atos descritivos acerca do estudo.

O primeiro ato busca apontar os principais elementos simbólicos sobre a cidade, apresentando-os em um croqui a partir das teorias de imaginários urbanos de Silva, A. (2011) e García Canclini (2002). Logo em seguida busca aproximar os elementos simbólicos da cidade propostos pela pesquisa Porto Alegre Imaginada (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012) a fim de contribuir com o campo e inserir o estudo dentro de um contexto maior de análise.

O segundo ato, por fim, demonstra como a Teoria das Representações Sociais ressurgiu sobre as principais representações extraídas das obras estudadas para compor um mapa representacional geral e flexionar as principais ancoragens e objetificações encontradas nas narrativas.

7.1 CROQUI SOBRE OS IMAGINÁRIOS URBANOS DA CIDADE

Os meios de comunicação e informação estabelecem relações e proximidades. De acordo com García Canclini (2002) os meios oferecem certa intensidade de experiências ao recriar espetáculos. A cidade é um espaço de tensões e pode ser narrada de diversas formas, numa mescla entre o que ela realmente é (ou parece ser) e o modo que é idealizada.

Os imaginários e as metáforas coletivas ressurgidas das vozes dos cidadãos, reproduzidas e ressignificadas pelos meios de comunicação e informação, constituem a cidade e os imaginários urbanos. A partir deste aspecto, Silva, A. (2011) afirma que a cidade é o efeito de muitos desejos. À medida que os desejos desenvolvem-se através de estratégias narrativas para contar histórias e descrever as cidades, estabelece-se o conceito de “*ponto de vista*”.

Segundo Silva, A. (2011) o *croqui* (ou mapa afetivo) constitui-se pela estrutura simbólica evocada por sentimentos coletivos de subjetividade social. Os *croquis* são formados por conjuntos de territórios mentais (estes, projetados por estratégias narrativas ou *pontos de vista*). A página seguinte apresenta o *croqui* de Porto Alegre (fig. 8) a partir das narrativas literárias analisadas (REZENDE, 2014; FRANCO, 2015; GALERA; 2016), fonte: Da autora, 2017.

Figura 8 - Croqui de Porto Alegre nas narrativas literárias no início do século XXI.

Legenda

Núcleo ○

Margem Primária □

Margem Secundária □

Será que tinha passado a tal da Bento? Havia de ser também uma dessas avenidas larguíssimas de que toda Porto Alegre parecia feita. (Quarenta Dias, 2014, p. 99)

“Já acabou o quê?”
“Tudo! Vocês não tem andado nas ruas? Porto Alegre parece uma galinha sem cabeça correndo pelos últimos minutos no quintal.”
(Meia noite e Vinte, p. 50)

Ao longo daquela semana, a cidade coberta por um carpete de imundície, fritando sob a radiação do pior verão em décadas, tinha me feito pensar num doente hepático abandonado ao sol para morrer. (Meia Noite e Vinte, p. 9).

“[...] um quilombo, encastelados naquela bolinha de mata no alto de um bairro de luxo, eu a me perguntar que outro espanto maior ainda me esperava nas dobras desta cidade [...]” (Quarenta Dias, 2014, p. 207)

Tai uma coisa que eu estou gostando nessa cidade, é o longo entardecer com essa luz rasante pra fotógrafo nenhum botar defeito...
(Quarenta Dias, 2014, p. 135)

– Progresso? A senhorita chama de progresso transformar a cidade num mar de espigões? [...] – A senhorita chama de progresso ter uma Câmara de Vereadores subordinada às construtoras, retardando a aprovação de um plano diretor mais decente, só pra favorecer esse monte de aberrações que tão construindo por aí? Isso é progresso? (Imóveis Paredes, p. 100)

Aquele ardor repentino por facilitar a destruição do mundo tinha a ver com o cheiro de merda humana nas calçadas, com os vapores de chorume acumulado em torno dos contêineres de lixo da prefeitura, com a greve dos ônibus e com o desespero geral pela onda de calor que esmagava Porto Alegre naquele final de janeiro...
(Meia Noite e Vinte, p. 7)

Pra onde ir?, por enquanto pra lugar nenhum, continuar escondida ali, invisível entre os invisíveis com suas garrafas térmicas e suas cuias de chimarrão, espiando, por todo tempo que eu quisesse, aquele pedaço de mundo no qual tudo que a cidade quer esconder abre-se como um abscesso supurado. (Quarenta Dias, 2014, p. 150)

Já fazia alguns anos que a movimentação de Porto Alegre àquela hora da noite tinha algo de clandestino. Sair às ruas era uma ousadia, talvez até um ato político. Eu me somava, naquele momento, aos incautos que teimavam afirmar a existência de uma vida pública noturna para além da saída da última sessão de cinema dos shoppings.
(Meia Noite e Vinte, p. 188-189)

[...] Tantos anos batalhando pela mesma coisa nesta bosta de cidade...
- Uma bosta é o que ela tá ficando com a ajuda de gente como tu: cheia de espigões. Antes não era assim.
(Imóveis Paredes, p. 8)

A bucólica Porto Alegre, que encontrara no pequeno exemplar de capa dura, fazia mais sentido para Eleutério Paredes do que essa outra, moderna, em que coloridas vacas de polietileno repousavam nas esquinas. Do que essa Porto Alegre impiedosa, em que bobagens internéticas implodiam sonhos e trajetórias em prazos demasiadamente curtos. (Imóveis Paredes, p. 119)

Estranhezas, eu disse? Engraçado é que eu tinha a impressão de, afinal, quase nada ver de tão estranho assim, neste Sul tão longe de casa, o povo misturado de todas as cores, os petiscos de pobre, aquele tanto de negros gaúchos que eu nunca soube que existiam, violência e solidariedade, pobreza e necessidades, iguais às da minha terra, a pedir milagres.
(Quarenta Dias, 2014, p. 120)

Segundo Silva, A. (2011) a estrutura simbólica do *croqui* é formada por elementos centrais e periféricos. O *centro* baseia-se em um ou mais elementos discursivos com maior frequência ou força enunciativa, ou seja, que apresentam o foco do enunciado simbólico. Enquanto que os campos periféricos (margens) são formados por enunciados que rodeiam o campo central.

A partir do *croqui*, verifica-se a presença de núcleos centrais (figuras arredondadas) que descrevem a cidade a partir de distintas percepções de forte teor simbólico e sensível: o pôr do sol, os processos de modernização e exploração imobiliária, o caos e a resistência diante das adversidades. Os enunciados dispostos nos retângulos destacam percepções relacionadas ao núcleo principal. Os enunciados dentro dos quadrados com linhas tracejadas correspondem aos enunciados de com maior teor simbólico.

Percebe-se que as teorias sobre imaginários urbanos (SILVA, A., 2011) e cidades (SILVA, A. 2011; GARCÍA CANCLINI, 2002) são meios extremamente interessantes para compreender a construção simbólica dos *territórios* através das narrativas literárias. O item a seguir apresenta os principais elementos da pesquisa Porto Alegre Imaginada (JACKS, MORIGI, OLIVEIRA, 2012) a partir das obras analisadas.

7.2 A PORTO ALEGRE LITERÁRIA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

As narrativas sobre a cidade podem ser contadas a partir de diferentes meios de comunicação e informação. A pesquisa *Porto Alegre Imaginada* (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012), aponta como os cartões postais, as cartas dos leitores no jornal Zero Hora, a TV, as revistas, o rádio, o cinema e a publicidade constroem e reproduzem as representações sobre a cidade a partir de uma gama de elementos simbólicos. As narrativas literárias não são diferentes.

Em relação aos *aspectos físicos* da cidade, o *clima* de **calor** predomina, pois as histórias se passam na primavera e no verão. As impressões marcadas pelos personagens evocam com maior frequência dias amenos e quentes do que os dias frios. As *cores* predominantes são os **tons de azul, roxo e amarelo**. Predominam cores quentes e frias de modo equilibrado, mas destacam-se as nuances roxas das flores caídas nas calçadas e dos tons amarelados que vibram nos dias de verão e no entardecer. A **tarde** é o *período do dia em que há maior identificação dos sujeitos com a cidade*, pois, é o momento em que a maioria das ações ocorrem, seguidos pela **noite**.

A cidade *suscita* mais **sentimentos ruins** do que bons. Com destaque para a aversão, insegurança e impotência diante das situações vivenciadas no cotidiano da capital. O passado recente evoca sentimentos de tranquilidade e bem-estar.

As *impressões e narrativas sobre a cidade* possuem muita similaridade com as respostas obtidas a partir da análise das representações sociais e é uma extensão dos sentimentos que a cidade suscita (item anterior). Predominam as **críticas** e reclamações sobre a Porto Alegre **caótica**, abandonada, **insegura** e socialmente injusta. A *voz dos atores sociais* é centralizada na **população** de modo geral, cidadãos de **classe média e baixa renda, trabalhadores e moradores de rua**. Destaca-se a equidade e alteridade das narrativas de Galera (2016) e Rezende (2014).

Caminhar pela cidade. Esta é a *prática de lazer* primordial encontrada em todas as obras analisadas. Porto Alegre é explorada e narrada a pé na rotina de visitar os parques da cidade, interagir com a vizinhança do entorno e praticar esportes. De fato que é uma ação simbolicamente forte, pois denota a importância da ocupação e humanização dos espaços públicos.

Em relação aos “*templos culturais*”, o **Mercado Público** é o espaço primordial da cultura popular. Seguidos da **Feira do Livro**, local tradicional de visita entre os personagens. A *cultura alimentar* predominante é formada basicamente por **lanches**: torradas, sanduíches e salgadinhos fritos. As **carnes** e as **bebidas alcoólicas** também merecem destaque. Os ritmos musicais da cidade centram-se em grande parte na obra de Galera (2016) em que faz referências ao **rock**.

Os *aspectos locais (sujeitos, eventos e lugares frequentados)* destacam os traços cosmopolitas da cidade. De modo geral, todas as narrativas apontam para a **população em geral**, movimentos sociais e moradores de rua. Dentre as personalidades famosas, **Luis Fernando Veríssimo**, seguido de **Moacyr Scliar**. Os principais *eventos* descritos são a **Feira do Livro** e as **manifestações populares** para reivindicação de direitos sociais. Dentre os *lugares* mais frequentados destacam-se o **Centro** e a região das imediações do Parque da Redenção.

Acerca dos *territórios de cultura, lazer e memória afetiva*, novamente o **Mercado Público** destaca-se enquanto território *cultural*. O parque da **Redenção** é o território de *lazer* primordial das narrativas. Os territórios de *memória afetiva* predominam na região do bairro **Bom Fim** e **Cidade Baixa**, seguido do Bairro Rio Branco. As narrativas analisadas não apontam para

emblemas e símbolos tradicionais específicos. Citam sutilmente alguns emblemas de forte conotação da cultura gaúcha como o **churrasco**, o **chimarrão** e o **futebol** (grenal).

A cidade é traduzida por tensões e perspectivas variadas no rádio, TV, cinema, revistas, publicidade, cartões postais, jornais e cartas do leitor do jornal Zero Hora (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012), busca-se a partir deste estudo, abranger mais uma fonte de informação e comunicação: livros de narrativa literária. Concretiza-se a *Porto Alegre literária*, a cidade narrada a partir da literatura brasileira do início do século XXI, evocada por representações, imaginários urbanos, contextualizações histórico-literárias e as questões propostas na pesquisa *Porto Alegre Imaginada*. Estes aspectos estão interligados também com a constituição de representações ou seja, interagem com a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2012).

7.3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA *PORTO ALEGRE LITERÁRIA*

Longe de reduzir ou repetir enunciados o intuito deste item é construir um paralelo entre os enunciados que ressurgem sobre a cidade, apontados no *croqui* e nas obras analisadas (REZENDE, 2014; FRANCO, 2015 GALERA, 2016;) com os principais elementos da Teoria das Representações Sociais. Deste modo a confecção de mapas representativos contribui para a visualização geral da estrutura representacional (Figura 9).

Figura 9 – Representações gerais da *Porto Alegre Literária* a partir das obras analisadas



Fonte: Da autora, 2017

Certamente a Porto Alegre Literária oferece a partir das obras analisadas um esquema ainda mais abrangente do que o demonstrado na figura 9, mas optou-se por reproduzi-la apenas com seus enunciados simbólicos mais pertinentes. De certo modo, os enunciados parecem ter “caído” na mesmice, pois se repetem, no entanto é a partir da frequência destes enunciados que as representações são fixadas na esfera social, por meio de consensos (ou senso comum). De acordo com Maffesoli (2007) o senso comum é um tipo de saber formado pelo real e o imaginário, carregado de afetos e sensibilidades. Jovchelovitch (2004), afirma que o senso comum é originado *da e na* cultura local e deste modo mediado e compartilhado a partir de vários saberes (polifasia cognitiva) e meios de comunicação e informação, ou seja estão relacionados com os postulados de:

- a) reciprocidade;
- b) temporalidade;
- c) identidade;
- d) cognição, afeto e ação;
- e) mediação social e;
- f) comunicação e relações de poder.

As representações indicadas sobre a cidade em vários momentos deste estudo também ressoam em distintos discursos na esfera social. Esta permeabilidade e dinamicidade das representações conferem a ela o *status* fenomenológico e epistemológico (GUARESCHI, 2000). Mas acima de tudo, permitem compreender como foram construídas nas narrativas literárias por meio dos processos de ancoragem e objetificação (MOSCOVICI, 2012). Estes processos se dão através da ação de associar, nomear objetos (ancoragem) e ressignificá-los ao transformar o que era desconhecido em algo familiar (objetificação), num processo contínuo e recíproco entre ideias e imagens, para então reproduzi-las, comunicá-las. Assim, as representações sociais sobre Porto Alegre nas narrativas literárias contemporâneas são constituídas por meio dos seguintes eixos principais: *cidade do descaso*, *cidade das temperaturas extremas*, *cidade caótica*, *cidade da exploração imobiliária*, *cidade corruptível*, *cidade impiedosa e desigual*, *cidade dos múltiplos territórios* e *cidade em busca das ressignificações*.

A *cidade do descaso* ressoa por meio das críticas em relação ao descuido e desvalorização do patrimônio histórico e natural, como vistos em trechos sobre o Arroio Dilúvio e a Ponte de Pedra, por exemplo. A *cidade das temperaturas extremas* é simbolicamente construída por meio

dos relatos sobre as sensações de calor e frio extremos causados pela intensidade climática da capital.

A *cidade caótica* se estabelece a partir da violência, medo, trânsito intenso e da sensação de “fim dos tempos” em um fluxo contínuo das desgraças cotidianas. Enquanto que a *cidade da exploração imobiliária* derruba a arquitetura dos velhos sobrados, casarios e espaços públicos, como o Cais Mauá, reconhecidos pela beleza e unicidade que lhes garantem o *status* de obras de arte. Destrói aos poucos a memória dos espaços.

A *cidade corruptível* colabora com o caos e com a exploração imobiliária por mostrar-se permissiva e indiferente a estes. É a Porto Alegre das relações de poder hierarquizadas e sobrepostas de interesses privados em detrimento do bem comum e da partilha coletiva. Contribui também, para o fortalecimento da *cidade impiedosa e desigual*, a capital do desprezo é indiferente com o “*Outro*”, mostra a face da pobreza e da miserabilidade, da fome, do abandono e do preconceito. A *cidade dos múltiplos territórios* evoca a Porto Alegre nua e crua, os muitos territórios distantes das vitrinas, onde vivem grande parte da população de baixa renda.

Por mais que haja a sensação de que não há solução diante de tantos impasses, a *cidade em busca das ressignificações* surge e provoca a reflexão por manifestar-se através de ações simples e silenciosas. Incentiva a ocupação dos espaços públicos por meio de ações simples como caminhar pela cidade, recolocar cadeiras na calçada (de modo efetivo ou simbólico). E provoca ações coletivas direcionadas, feitas em massa, como por exemplo, pedalar em grande companhia e ir às ruas protestar e lutar por direitos sociais.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: LIGANDO PONTOS, CONSTRUINDO PONTES

A arte está permeada de representações e imaginários, é a ponte entre o vivido e o pensado, o vivido e o sonhado. O simbólico e o sensível não discriminam fato e ficção, permeiam o “real” e a fantasia com a mesma intensidade. Compreender a cidade a partir de sua construção simbólica é extremamente interessante, principalmente para identificar as representações atuantes no espaço urbano. As narrativas literárias sobre Porto Alegre descrevem uma cidade caótica, de temperaturas extremas, insegura, dominada pela exploração imobiliária, com fortes traços de desigualdade social e desprezo ao patrimônio histórico e arquitetônico. Em contraponto, discursos nostálgicos de um tempo recente, descrevem uma cidade segura, pacífica e rica em ofertas culturais quando regida por gestões populares. Ideais de bem viver são também evocados por ações simples e significativas como caminhar pelas ruas e recolocar as cadeiras nas calçadas, ou seja, ressignificando as formas de ocupação da cidade.

A *Porto Alegre Literária* do início do século XXI institui-se a partir dos elementos simbólicos da pesquisa *Porto Alegre Imaginada* com a articulação das obras analisadas. Contextos histórico-literários foram estabelecidos. O *croqui* da cidade extraído das “falas” de cada narrativa sobre Porto Alegre demonstrou a força e a presença de discursos e consensos afetivos que constituem a formação dos *territórios* urbanos. Os mapas representacionais elaborados sobre a cidade fizeram emergir as principais representações a partir das diferentes narrativas. Esta pesquisa é apenas o começo de um possível caminho a trilhar. Manteve-se um diálogo constante entre os distintos autores e teorias “entrelaçadas” nestas páginas. Seria possível então, relacionar e “ligar os pontos” entre as diferentes perspectivas aqui trabalhadas.

A tríplice mimese de Ricoeur (1994) ao ser composta em suas três dimensões estabelece interessantes diálogos com as demais abordagens. A mimese I, ou *o plano da intriga* é desenvolvida a partir de Motta (2013). Pois o autor contribui ao apresentar a teoria ricoeuriana por meio de procedimentos prático-metodológicos para elaborar o recorte sobre o enredo, os personagens e as características dos autores das obras analisadas. A mimese II, também conhecida como *o plano da mediação*, dialoga com todas as teorias simbólicas e do imaginário levantadas no estudo (CASTORIADIS, 2007; GARCÍA CANCLINI, 2002; SILVA, A., 2011; MOSCOVICI, 2012), foi a partir destas que as significações emergiram.

A mimese III, *o plano da aplicação*, é o plano da recepção. Sem dúvida, o plano mais envolvente e interessante. Neste estudo, o *plano da recepção* (mimese III) instituiu-se de modo significativo, mas aparentemente oculto. Pois é a base interpretativa que garantiu a análise das obras selecionadas, a construção dos mapas representacionais e do *croqui*, e a aproximação entre a Porto Alegre Literária e os estudos desenvolvidos na obra *Porto Alegre Imaginada* (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012).

Cabe destacar a “fluidez” da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI; 2012), para além da perspectiva da psicologia social. A intensidade dos vínculos estabelecidos pela Teoria das Representações Sociais articulada com as pesquisas sobre comunicação e informação se fundamenta a partir dos processos de mediação e produção simbólica que, combinada com as teorias do imaginário social e imaginários urbanos rendem interessantes “frutos”. Principalmente se abordadas a partir da elaboração de mapas representacionais (SPINK, 2013; GUARESCHI, 2000), pois, permitem visualizar o *status* das representações sob diversas perspectivas: cultural, política, histórica, entre outras.

A teoria narrativa (RICOUER, 1994) e a Teoria das Representações Sociais, necessitam ser firmadas em uma base histórica e cultural. Neste sentido, toda contribuição de Pesavento (1992; 1999; 2002) foi essencial. Aplicar a caracterização histórico-literária, de acordo com o proposto no capítulo metodológico é uma rica abordagem para estudar e compreender as narrativas literárias sobre cidades. O olhar histórico garante a compreensão dos fenômenos simbólicos e representativos, de maneira ímpar. Compreender a história desde sua origem permite identificar como algumas representações permanecem na contemporaneidade.

A compreensão das teorias sobre os imaginários urbanos por meio do conjunto de elementos simbólicos da pesquisa *Porto Alegre Imaginada* é uma forma de ampliar e contribuir com o campo. Pesquisas futuras podem ser desenvolvidas e aprofundadas a partir dos diferentes contextos aplicados neste estudo. Por exemplo, coletando enunciados simbólicos e representativos das percepções sobre a cidade, para além das narrativas literárias e dispondo-as a partir de *croquis* sobre as narrativas urbanas, ou seja, dimensionando os enunciados sobre os *territórios* de acordo com os conceitos de *centro*, *periferia* e *vitrina*, elaborados por Silva, A. (2011).

Ao pesquisar sobre a construção ilustrativa de *croquis* para dimensionar os *territórios* formados por imaginários urbanos, não surgiram modelos específicos para aplicar neste estudo.

Por isso, seria interessante definir um “roteiro” em que a perspectiva dos imaginários urbanos pudesse ser “emoldurada”, registrada visualmente. O objetivo seria “padronizar” (sem o intuito de levar os estudos sobre o tema ao reducionismo), para instituir um caminho possível, em que as informações sobre os imaginários urbanos, extraídos das narrativas (literárias ou não) fossem dispostas em uma grande “teia epistêmica” que possibilitaria a troca de informações entre os estudiosos e as várias pesquisas do campo.

Permanecem inquietações sobre o estatuto do livro enquanto objeto de pesquisa para o campo. Diante dos diferentes meios, acredita-se que o livro também é uma fonte relevante de estudos, na era da convergência. Muitos produtos midiáticos se estabelecem a partir de narrativas (artísticas e/ou teóricas) encontradas em livros (impressos ou digitais): o cinema, as telenovelas e as produções seriadas, e até mesmo o jornalismo impresso, que para garantir a permanência diante do efêmero, publicam (ou não) seus textos (geralmente, contos e crônicas) em livros. Diante disso, este estudo é também um elogio ao objeto livro e sua potencialidade enquanto fonte de estudos para o campo da comunicação e informação.

Por fim, destacam-se as dinâmicas de informação e comunicação (evocadas aqui a partir de LATOUR, 2006; CAPURRO, 2003; CAPURRO; HJORLAND, 2007; GONZÁLEZ De GÓMEZ, 2012, entre outros) que perpassam e “ligam” o conjunto epistemológico da pesquisa. Garantem ao estudo concretude, pois, os processos de mediação existentes se efetuam *nas* e *através das* interações estabelecidas pela informação e a comunicação. Evoé, oxalá!

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA RIFF. **Foto de capa da obra *Quarenta Dias* de Maria Valéria Rezende.** 2014. Disponível em:

<http://agenciariff.com.br/Uploads/Editor/image/obras/maria%20valeria%20rezende/2014-Quarenta-Dias.jpg>. Acesso em: 12 ago. 2016.

ARAÚJO, André C. da S. de. **A escrita do (in)visível: ambientes midiáticos na literatura contemporânea.** 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ARAÚJO, Érica T. de. **Cidade, Memória e subjetividade na ficção de Chico Buarque.** 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

AGUILAR FILHO, Julio A. D. **Una cartografia poética de la ciudad en *Las noches de flores*, de César Aira.** 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BORTOLOTTI, Ana Paula S. G. **O percurso da cidade em romances de Ignacio Loyola Brandão.** 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. La lectura: una practica cultural. *In*: BOURDIEU, Pierre. **El sentido social del gusto: elementos para una sociologia de la cultura.** Buenos Aires: SigloVeinteuno Editores, 2010. p. 253-273.

CAPURRO, Rafael. **Epistemología y ciencia de la información.** 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib.htm>. Acesso em: 19 jul. 2016. Texto apresentado em conferência, disponível no site do autor.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n. 01, jan./abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000100012&lang=pt. Acesso em: 18 jul. 2016.

CASTORIADIS, Cornelius. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico: Seminários 1986-1987: a criação humana, I.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CRUZ, Claudio. **Literatura e cidade moderna:** Porto Alegre, 1935. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 1994.

DURKHEIM, Emile. Representações coletivas e representações Individuais. *In*: DURKHEIM, Emile. **Filosofia e sociologia**. São Paulo: Ícone, 1994.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FERNANDES, Ronaldo Costa. Narrador, cidade, literatura. *In*: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa (orgs). **O imaginário da cidade**. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

FERREIRA, Mariana C. **Cidade e forma literária**: representações urbanas na literatura brasileira contemporânea. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

FRANCO, Miguel da Costa. **Imóveis Paredes**. Porto Alegre: Libretos, 2015.

GALERA, Daniel. **Até o dia que o cão morreu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALERA, Daniel. **Mãos de cavalo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALERA, Daniel. **Meia noite e vinte**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

GARCÍA CANCLINI, N. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 95-115, 1994.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Imaginários culturais da cidade: conhecimento, espetáculo, desconhecimento. *In*: COELHO, Teixeira (org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2008. P. 15-32.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Cidades e cidadão imaginados pelos meios de comunicação. **Opinião pública**, Campinas, v. 8, n.1, 2002, p. 40-53.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria N. As ciências sociais e a questão da informação. **Morpheus**: revista eletrônica de ciências humanas, v.9, n.14, p. 18-37, 2012. Disponível em: http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/nelida_pt.pdf Acesso em: 18 jul. 2016.

GUARESCHI, Pedrinho A. Representações Sociais. *In*: GUARESCHI, Pedrinho A. (Org). **Os construtores da informação**: meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 69-92.

JACKS, Nilda; MORIGI, Valdir; OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Porto Alegre Imaginada**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e esfera pública. *In: _____*. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOVCHELOVITCH, Sandra. As formas e as funções do saber. *In: _____*. **Os contextos do Saber: representações, comunidade e cultura**. 2. ed. Petrópolis; RJ: Vozes, 2011. p. 168 - 211

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**, n. 16, v.2, p. 20-31, mai./ago. 2004.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece. *In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian*. **O poder das bibliotecas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2006. p. 21-44.

LEGRÓS, Patrick *et al.* **Sociologia do Imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LINHARES NETO, Guilherme. **A cidade (pós) moderna e suas tramas espaciais, temporais e afetivas nas narrativas literárias de Daniel Galera e Daniel Pellizzari**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAFRA, Edelweis de M. **A existência por reinventar: Herói Fracassado e nação degradada em Os ratos de Dionélio Machado**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MAGRI, Milena M. **Desencontro e experiência urbana em contos de Caio Fernando Abreu**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

MARCUSE, Herbert. A arte na sociedade unidimensional. *In: LIMA, Luiz Costa*. **Teoria da cultura de massa**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 285-302.

MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARONNA, Mônica; SÁNCHEZ VILELA, Rosário. Conhecer para intervir: infância, violência e mídia... *In: MORIGI, Valdir J.; ROSA, Rosane; MEURER, Flávio (orgs)*. **Mídia e representações da Infância: narrativas contemporâneas**. Curitiba: Champagnat; Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

Mc GARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

MORAES, Adriana D. S. **Em novela de 1897 uma imagem da cidade em direção da modernidade. Estrychnina**: na cidade de Porto Alegre no final do XIX o moderno se envenena de desejo. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação da faculdade de História da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 9. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2012.

NICOLAU, Thiago F. S. **A representação do universo urbano em *Circuito fechado*, de Ricardo Ramos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2011.

OLIVEIRA, Schariza P. B. de. **Conexões literárias da vida urbana**: cidade e sujeito em Cecília Gianetti e Paloma Vidal. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria da literatura) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PESAVENTO, Sandra J. **O espetáculo da rua**. Porto Alegre: UFRGS; Prefeitura Municipal-Administração Popular, 1992.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jantay. **Memória Porto Alegre**: espaços e vivências. 2. ed. Porto Alegre : UFRGS, 1999.

PROMPT, Luzi L. F. **A representação do espaço no romance urbano de Érico Veríssimo**: *Caminhos cruzados, Noite, O prisioneiro e Incidente em Antares*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PUTTON, Maria Esther. **O espaço urbano em alguns contos de Adelino Magalhães (1887-1969)**. 2006. Dissertação, (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

QUINTO, Cláudia C. D. **Entre memória e humor**: Porto Alegre nas crônicas de Renato Maciel de Sá Jr. 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta Dias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: a tríplice mimese. In: _____. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas, SP: Papyrus, 1994. p. 85-132.

SANTOS, Cleberton dos. **Nas entranhas da cidade (estudo da lírica urbana de Reynaldo Valinho Alvarez)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2006.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVA, Gabriela C. da. **A representação do passado nos estudos históricos de Athos Damasceno**: a história do Rio Grande do Sul escrita a partir da cidade. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, Márcio F. da. **A geografia literária de Ledo Ivo**: a cidade nos romances *As alianças e Ninho de cobras*. 2007. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

SOUZA, Andréia A. M. de. **Geografia e literatura**: a representação de Goiânia em fragmentos de *Viver é devagar* de Brasigóis Felício. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócioambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). **Textos em Representações Sociais**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

STAUDT, Sheila K. **Retratos urbanos em romances brasileiros do século XXI** : uma leitura de *Eles eram muitos cavalos*, *O fotógrafo* e *Satolep*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

STUEBER, Ketlen. **Porto Alegre literária**: representações sobre narrativas urbanas. 2016. Projeto de qualificação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

TEIXEIRA, Nírcia C. R. B. **Imagens Literárias urbanas**: Machado de Assis e Lima Barreto, o Rio de Janeiro escrito a quatro mãos. 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho- UNESP, Assis, 2005.

URBIN, Luciana P. **O sujeito e a cidade**: um mergulho no imaginário de *Satolep*, de Vitor Ramil. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013.

ZH LIVROS. Daniel Galera anuncia novo romance para setembro. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 ago. 2016. Disponível em:

<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/livros/noticia/2016/08/daniel-galera-anuncia-novo-romance-para-setembro-7252355.html>>. Acesso em: 07 set. 2016. Imagem da foto da capa da obra *Meia noite e vinte* de Daniel Galera.

APÊNDICE A- QUADROS SOBRE OS ASPECTOS SIMBÓLICOS E IMAGINÁRIOS A PARTIR DA PESQUISA PORTO ALEGRE IMAGINADA APLICADOS NAS OBRAS ESTUDADAS

Quadro 10 - Aspectos físicos da Porto Alegre literária

ASPECTOS FÍSICOS DA CIDADE			
	<i>Clima</i>	<i>Cores</i>	<i>Período do dia que há maior identificação dos sujeitos em relação à cidade</i>
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Final de inverno e início de primavera; Dias secos, sem chuvas.	Roxo, verde, amarelo, cinza e preto.	Manhãs, tardes e entardecer. Noites de luar.
<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	Verão, Calor insuportável	Roxo, tons de azul anil, cinzas e amarelos.	Tardes, Noites e madrugadas
<i>Quarenta dias</i> (REZENDE, 2014)	Primavera com noites frias	Tons alaranjados, branco; tons de Azul, verde das árvores	Manhãs, tardes longas, noites e madrugadas.

Fonte: da autora, 2017

Quadro 11 - Percepções sobre a cidade

PERCEPÇÕES SOBRE A CIDADE	
	<i>Sentimentos que a cidade suscita em seus habitantes</i>
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Nostalgia; Raiva, aversão, tristeza e saudosismo. Boas lembranças da cidade no passado.
<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	2014 - Insegurança, medo; Caos, impotência e sensação de que o mundo está acabando; Letargia; mal estar provocado pelo calor intenso. 1999/2000 - Segurança, tranquilidade, bem estar.
<i>Quarenta dias</i> (REZENDE, 2014)	“De fora”: cidade fria; terra rica, de gente chique. “De dentro”: cidade grande, perigosa, segregaria, selva de pedras, lugar-nemhum.

Fonte: da autora, 2017

Quadro 12 - Narrativas sobre a cidade

IMPRESSÕES E NARRATIVAS SOBRE A CIDADE		
	<i>Como é narrada</i>	<i>Como é dada a voz aos atores sociais</i>
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Vertical, suja, mal cuidada, com “espigões” horrorosos.	A obra é a voz dos movimentos que criticam as explorações imobiliárias. O feminino é sutilmente objetificado.

<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	2014- Narrada com pessimismo, amargura e nostalgia. É Insegura, violenta e caótica; Sem expectativas. Em 1999/2000, tranquila e segura rica em cultura e lazer.	A diversidade é tratada com respeito. As narrativas são protagonizadas por mulheres, gays e homens de maneira equânime. Há alteridade às diferentes classes e grupos sociais. Voltados ao período anterior, ressoa a voz da juventude.
<i>Quarenta dias</i> (REZENDE, 2014)	De fora: Sul de cidades ricas e belas; De dentro: consumista; precária e com as mesmas mazelas do que qualquer outra capital brasileira.	O protagonismo está na voz dos trabalhadores de baixa renda, nos nordestinos que vêm trabalhar na construção civil, nos moradores de rua e suas histórias e dores.

Fonte: da autora, 2017

Quadro 13 - Práticas de Lazer

PRÁTICAS DE LAZER	
<i>O que fazem para se divertir</i>	
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Ler e ficar em casa; viajar; caminhar pelas ruas da cidade.
<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	Frequentar bares e boates, ir aos parques públicos; Praticar esportes, caminhar pela cidade. Escrever e interagir via internet.
<i>Quarenta dias</i> (REZENDE, 2014)	Escrever em seu caderno; Caminhar pela cidade. Futebol dos trabalhadores da construção civil.

Fonte: da autora, 2017

Quadro 14 - Espaços culturais da cidade

ESPAÇOS CULTURAIS	
<i>Lugares da cidade que simbolizam “templos culturais”</i>	
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Mercado Público; Ponte de Pedra.
<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	Teatro São Pedro; Feira do Livro.
<i>Quarenta dias</i> (REZENDE, 2014)	Sebos, Rodoviária (lugar rico e diversificado de pessoas e culturas)

Fonte: da autora, 2017

Quadro 15 - Cultura Alimentar

CULTURA ALIMENTAR	
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Vinhos, Filé de peixe e bacalhau. Doces de um famoso confeitiro uruguaio.
<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	Churrasco, lanches, bolos, sucos, refrigerantes e bebidas alcoólicas.

<i>Quarenta dias</i>	Torrada, café com leite, chá, torradas, chimia, queijo serrano, maçã, leite; café, coxinha engordurada; sopas; frutas; pão com manteiga e mel; empada, “calça-virada”, pipoca. Chimarrão e café.
----------------------	--

Fonte: da autora, 2017

Quadro 16 - Músicas evocadas nas obras

MÚSICAS	
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Jazz.
<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	Sambas de Lupicínio Rodrigues; Músicas que embalam festas gays, de rock e punk rock; Nei Lisboa e outras que tocam na rádio Ipanema e Continental.
<i>Quarenta dias</i> (REZENDE, 2014)	“sons da natureza” na Redenção

Fonte: da autora, 2017

Quadro 17 - Aspectos locais

ASPECTOS LOCAIS			
	<i>Sujeitos</i>	<i>Eventos</i>	<i>Lugares mais freqüentados</i>
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Luis Fernando Veríssimo; Diego Andino; moradores locais; engenheiros e arquitetos.	Campanha para as eleições municipais.	As ruas do bairro Rio Branco e Moinhos de Vento, Centro. Miguel Tostes, Monteiro Lobato e Avenida Ipiranga.
<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	Lupicínio Rodrigues, Nei Lisboa e população em geral.	POA em greve de ônibus; Jornadas de Junho de 2013 e manifestações. Feira do Livro, TEDX Porto Alegre.	Cidade Baixa, Bom Fim, Centro. Av. Ramiro Barcelos, Av. Ipiranga; Redenção. Bares, boates e pontos desta região.
<i>Quarenta dias</i> (REZENDE, 2014)	O gaúcho, operários nordestinos, Moradores de rua, trabalhadores e moradores dos bairros de baixa renda; negros, moradores de rua e gente comum.	Nenhum evento específico registrado.	Hospital de Pronto Socorro, Rodoviária, Praça Dom Feliciano; Redenção

Fonte: da autora, 2017

Quadro 18 - Territórios de cultura, lazer e memória afetiva

TERRITÓRIOS			
	<i>Cultura</i>	<i>Lazer</i>	<i>Memória afetiva</i>
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Mercado Público	Redenção e Parcão	Casarões antigos; Prado da Independência, a Porto Alegre (1930-1980).
<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	Feira do Livro; Usina do Gasômetro e Mercado Público. Sebos e lojas de discos.	Bares, boates e festas no Bar Ocidente. Lancheria do Parque e bares citados ao lado frequentados durante a adolescência.	Bares e boates da adolescência: Garagem Hermética, Bambu's; Dr. Jekyll e Sabor Um.
<i>Quarenta dias</i> (REZENDE, 2014)	Sebos	Redenção e praças	Escadaria do HPS e rodoviária

Fonte: da autora, 2017

Quadro 19 - Emblemas tradicionais

EMBLEMAS E SÍMBOLOS TRADICIONAIS	
<i>Imóveis Paredes</i> (FRANCO, 2015)	Porto Alegre bucólica das casas, quintais e vizinhança com cadeiras nas calçadas; Futebol.
<i>Meia Noite e Vinte</i> (GALERA, 2016)	Hino do Rio Grande do Sul; Churrasco.
<i>Quarenta dias</i> (REZENDE, 2014)	Chimarrão; Pôr do Sol; Lenda Maria Degolada

Fonte: da autora, 2017